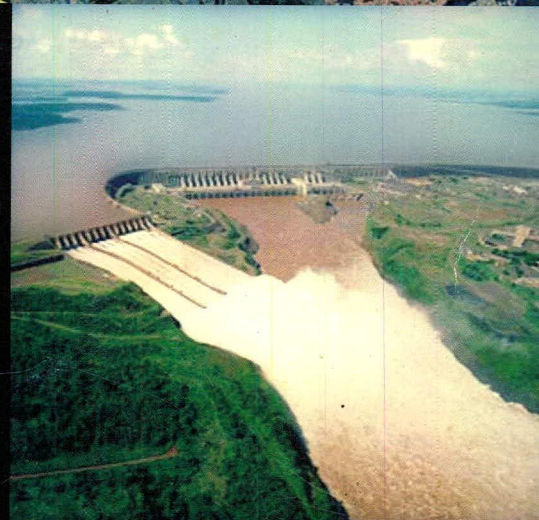




Cabeza

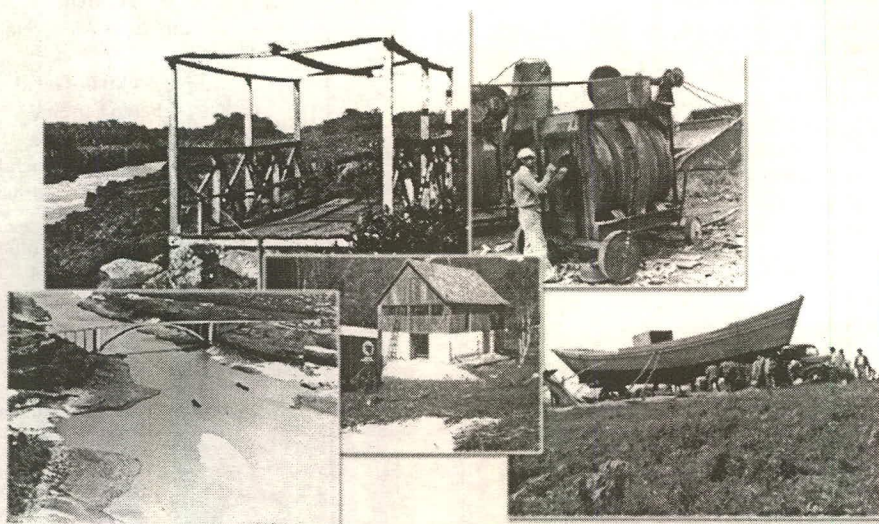
Revista da Academia de Cultura de Foz do Iguaçu - Aculfi - Ano 4 - Nº 11 - Julho de 2002



10751105

1875

História de livros e identidade



A Academia de Cultura de Foz (Aculfi) apresentou à Fundação Cultural, Itaipu Binacional, prefeitura, empresas e amigos um projeto que pretende compor o resgate histórico de Foz do Iguaçu. Chama-se **Identidade Popular**.

Esta edição está servindo de laboratório para este intento. Por isso que mudamos o nome da revista da Aculfi para Cabeza - não só em homenagem a Cabeza de Vaca - espanhol viajante, um dos primeiros ocidentais que avistou e registrou as Cataratas do Iguaçu - mas também aos cabeças pensantes desta fronteira.

O projeto é dividido em quatro partes: a reedição de livros históricos sobre Foz - a maioria parte do acervo da Biblioteca Pública do Paraná - que comporão uma espécie de cesta básica de livros.

Revista - A edição de uma revista que narre os fatos da recente história política da cidade. Por exemplo: quem não quer saber sobre a greve de fome de cinco vereadores pela nomeação de um prefeito civil no início da década de 80?

Ou da participação das associações de moradores, dos movimentos das **Diretas Já!**, **Contra a Carestia**; da participação dos estudantes iguaçuenses no processo de estadualização da Unioeste?

São fatos que temos documentos e testemunhas, mas que se não se tem um registro mais preciso, profundo e analítico. Pois bem, essa é a segunda etapa do projeto.

A terceira é a de roteirizar parte dessas histórias e transformá-las em histórias em quadrinhos, de fácil acesso a estudantes e à juventude mais identificada com esse tipo de literatura. Literatura sim, não estou escrevendo bobagem.

A quarta etapa do projeto é a de restauração do primeiro **Livro de Atas** do município. O jornalista Chico de Alencar

teve acesso a esse livro e pretende restaurá-lo e transcrever as primeiras leis do município para que todos as conheçam.

Todas as etapas do projeto serão coordenadas por jornalistas com apoio de historiadores ou fissurados pela história de Foz ou na explicitação do que forma a sua entidade.

Livros - Só para se ter uma idéia num rápido acesso à Biblioteca Pública do Paraná - www.parana.gov.br/bpp - através do sistema de busca, encontrei quatro, cinco, seis livros escritos na primeiras décadas do século passado que narram a aventura de se visitar a fronteira de Foz.

O mais comum dos raros ou talvez o mais conhecido é o **'Descoberta de Foz do Iguaçu e Fundação de Uma Colônia Militar'**, escrito em 1938 por José Maria de Brito. Mas há uns outros tantos.

O mais antigo e o mais raro é o **'Foz do Iguaçu: Ligeira Descrição de Uma Viagem de Guarapuava a Colônia de Foz do Iguaçu em Novembro de 1892'**, de José Cândido Muricy da Silva, escrito em 1896 e editado pela Imprensa Paranaense. Outro livro que me chamou à atenção e também versa sobre uma viagem a Foz no começo do século passado é o **'Impressões de Viagem a Foz do Iguaçu e Rio Paraná'** foi escrito em 1928 por Manuel Carrao, Editora Progresso.

Um dos livros, sem menção de autor no sistema de busca é o **'Foz do Iguaçu: Um dos Saltos da Região Foz do Iguaçu'**, Editora Mundial, de 1931. Há ainda o **'A Foz do Iguaçu e as Cataratas do Iguaçu e Paraná (Descrição de Viagem)'**, de Jayme Ballao, escrito em 1920, e editado pela Typographia A República.

Táí um bom projeto que a Aculfi pretende desenvolver em 2002 com apoio da Fundação Cultural, prefeitura e de empresas da região.

"Projeto da Aculfi pretende contar a recente história da retomada democrática em Foz do Iguaçu"

"Mudamos o nome da revista da Aculfi para Cabeza - não só em homenagem a Cabeza de Vaca - mas também aos cabeças pensantes desta fronteira"

Índice

Página

História de livros e identidade.....	3
Sumário/Expediente.....	4
Corações e mentes da Aculfi.....	5
Paisagens de Foz do Iguaçu.....	6
Corolário de Sonhos.....	8
Campanha de Dona Celeste para vereadora.....	9
Histórias de Foz na BPP.....	10
Somos solidários ao povo árabe-palestino.....	11
A Ponte da Fraternidade, 30 anos depois.....	12
Um pouco da história do futebol em Foz.....	14
As águas da tríplice fronteira.....	22
O canto coral em Foz do Iguaçu.....	26
Cachorro, Nhô Barrigudo e Compadre Santana.....	28
Zizo fez história na política do Paraná.....	30
Movimento estudantil de Foz do Iguaçu.....	34
Jovem em Foz: a maioria que é minoria.....	38
Paraguaios e a integração da fronteira.....	40
Episódios da Advocacia.....	44
Fronteira de cristal.....	46
O berço.....	47
Quisera eu voltar ao Monsenhor Guilherme.....	48
Venezuela: golpe e contragolpe.....	49
Hezbollah, uma visita e três discursos.....	50
Foz busca referência na Saúde Mental.....	53
Não sacaneiem o povo.....	54
Estão querendo roubar nossa água.....	56
Poesia - a prima pobre resiste.....	58
Conversas da Câmara, modernidade e Foz.....	60
As três emoções.....	62
Nazisrael.....	64
Teatro: do alternativo à profissionalização.....	66
Anarquistas, punks, cineclubes e os anos 80.....	68
A passagem de Santos Dumont por Foz.....	72
Underground - submundo da contracultura.....	76
Nós contra a Alca.....	78
Quem foi avá-guarani, sempre será.....	80
Iguazú: fratura exposta do neoliberalismo.....	82
Campo de aviação em Foz do Iguaçu.....	84
Rastros da minha identidade.....	88
Foz quer telecentros de inclusão social.....	90

O que faltou nesta edição

Já nesta página 3 eu vou entregar um monte de gente que escreveria na primeira edição desta nova revista. Não restou outra alternativa senão a de se repetir alguns textos já publicados, não são muitos, em outras revistas. Abaixo descrevo quem não entregou as pautas, por um motivo ou outro, que acredito que seja muito trabalho rapaziada!

Carlos Roberts – Sargento Reis (militar, personagem da história de Foz que trocou o Exército pelo crime); **Adelino de Souza** – (Como se formaram os bairros de Foz, as associações de moradores, a Umamfi e a volta de Leonel Brizola ao Brasil) - Brizola regressou por Foz; **Jackson Lima** – (Casos, causos e história do turismo de Foz) ;

Silvana de Souza – (A experiência da Unioeste no ensino e público e seu trabalho de mestrado sobre a educação pública); **Vinicius Ferreira** (Foz em Resumo - A experiência do primeiro jornal via fax antes do advento da *internet*); **Adão Almeida** – (A estadualização da Unioeste e a participação dos estudantes) ;

Selmo Aragão – (Mentor da greve de fome dos vereadores que propiciou a saída do ex-prefeito Clóvis Cunha Vianna ; **Anésio Gonçalves** – (Como era as campanhas eleitorais nos tempos das emissoras de rádio); **Rogério Bonato** – (Os jornais que foram fundados ou afundados em Foz nas últimas duas décadas e outros relatos) ;

Carlos D'Andréia – (Arquitetura e a estética de Foz no *boom* demográfico); **Nilson Rafagnin** – (Urbanização de Foz e os planos diretores – o que deu certo o que deu errado); **Ricardo Albuquerque** – (Recuperação do patrimônio histórico);

Heitor Fernandez – (Como era duro ser charginista na época da ditadura); **Letizia Fiala** – (A conquista do ICMS de Itaipu em que pé está agora); **Ney Morales** – (As universidades e faculdades no Alto Paraná (PY) e os brasileiros que lá vão estudar) ;

Perci Lima – (Memórias e mais memórias da história de Foz); **Dilto Vitorassi** – (Histórias do sindicalismo de Foz e sua formação nas décadas de 70 e 80); **Assis Paulo Sepp** – (As greves de Itaipu e o enfrentamento com o Exército).

P.S. – Só vale desculpa o material de **Ney Morales** que faltou um levantamento que estamos concluindo e será uma super pauta para os jornais de Foz e região.



Cabeza é uma revista da Aculfi
(Academia de Cultura de Foz do Iguaçu)
Ano 4 – nº 11 – junho/julho de 2002

Presidente

José Elias Aiex Neto

Secretário-Geral

Paulo Ferreira

Comunicação Social

Nelson Figueira Sobrinho

Tesouraria e Patrimônio

Zé Beto Maciel

Representante na Argentina

Clara Cruz

Representante no Paraguai

Victor Manuel Brites

Conselho Fiscal

Rosicler Hauagge do Prado

Nanci Rafagnin Andreola

Claimar Granzotto

Conselho Editorial

Degmar Francisco dos Anjos

Francisco Heitor Fernandez

Nelson Figueira Sobrinho

Zé Beto Maciel

Ronildo Pimentel

Jefferson Menzen

Marcelo Zini

Joyce Fernandes

Edição

Zé Beto Maciel

Fotografias

Silvio Vera

Leonir Araújo

Juliano Pimentel

Ronildo Pimentel

Juca Pozzo

Joel Petroski

Arquivos pessoais

Revisão

Eliana Coimbra

Diagramação e Arte

Jefferson Menzen

(45) 3027-3406

jeffmenzen@bol.com.br

Endereço

Rua Benjamim Constant, 62

2º andar – sala 21

fone (45) 521-1519

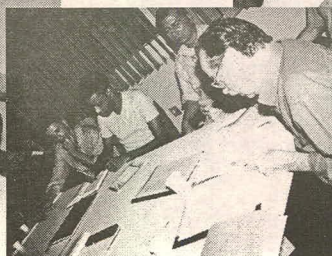
CEP 85.851-380

Foz do Iguaçu – PR – Brasil

aculfi@fozdoiguacu.pr.gov.br

Esta terra não tem somente belezas nativas, mas também gente de grande sensibilidade e de garra, para defender a cultura cosmopolita

Corações e mentes da Aculfi



Reuniões da Aculfi

por José Elias Aiex Neto

Falar sobre a criação de uma instituição como a Aculfi (Academia de Cultura de Foz do Iguaçu) nos leva a uma situação inquietante. A responsabilidade que temos para com ela não nos deixa simplesmente contar como se originou o movimento que continuou com sua fundação em maio de 1998. O caminho que lhe dedicamos nos obriga a tentar transmitir os sentimentos que incomodavam o peito daqueles que lutam pela sua efetivação, bem como o pensamento daqueles que acreditam que ela daria certo e, até dos que não acreditavam nisso.

O sentimento em não se conformar com o conceito de que Foz do Iguaçu seria uma cidade na qual nenhuma iniciativa séria na área cultural prosperaria esteve sempre presente dentro daqueles que começaram a trabalhar pela criação da Aculfi.

Sabíamos, principalmente eu, José Alexandre Saraiva e Lyrio Bertoli, que tal conceito poderia ser mudado. Víamos em nossa cidade inúmeras pessoas tentando criar alguma coisa transformadora da realidade muitas vezes árida do cotidiano. Tínhamos a visão de que faltava tão somente um elo de ligação entre as pessoas e instituições locais para que florescesse uma central de inteligência (muito diferente da CIA) capaz de aglutinar o trabalho produzido na área cultural das três fronteiras, pois em muitos momentos teimava em aparecer o sentimento da necessidade de integração latino-americana. Muitas vezes tivemos que “baixar a bola” para que não nos deixássemos dominar pelo espírito de Che Guevara.

Logo após a fundação da Aculfi tivemos alguns momentos de euforia e quase que colocamos tudo a perder, principalmente por tentarmos enveredar por ser dos que não nos diziam respeito. Como psiquiatra cheguei a diagnosticar momentos de mania em nossas reuniões.

Para que a mania não se transformasse em depressão, na perigosa alternância que caracteriza os quadros maníaco-depressivos, tivemos que contar sempre com a potência do nosso querido confrade Lyrio Bertoli. Os

projetos desenvolvidos pela Aculfi foram frutos dos pensamentos de inúmeros confrades que contribuíram e ainda contribuem para manter a entidade viva. Ao núcleo inicial, composto por Lyrio, Saraiva, Walter Teixeira Ildo Carbonera, Ivete Secundino, A. H. G. Cunha, Clara Cruz, Victor Manuel Britz, Natalie Granzotto, Claimar Granzotto, Rosane Schneider, Terezinha Chaui de Oliveira e Raimundo de Araújo Neto, vieram se somar outros tantos valorosos defensores da cultura iguaçuense. Muitos tiveram que se mudar de Foz do Iguaçu, outros se afastaram da lida diária da academia, por motivos diversos. No entanto, a Academia de Cultura de Foz do Iguaçu continua firme graças ao esforço de gente jovem como o Zé Beto Maciel, Nelson Figueira, Degmar F. dos Anjos, Jorge Fernandes, Marcelo Zini, e de outros não tão jovens, mas também dedicados, como Ernesto Kramer, Heitor de Angeli, Francisco Heitor Fernandez e Carneiro.

Não podemos deixar de citar o apoio fundamental da Fundação Cultural de Foz do Iguaçu, nas pessoas de suas diretoras presidentes, Nancy Rafagnin Andreola (1998 a 2000) e Rosicler Hauage do Prado (2001), que sempre apoiaram as iniciativas da Aculfi e contribuíram para a sua consolidação responsável por aglutinar as iniciativas culturais de Foz do Iguaçu e não deixá-las dispersas.

O pensamento de todos os que acreditam na Aculfi é o pensamento de que esta terra não tem somente belezas nativas e obras materiais grandiosas, mas também gente de grande sensibilidade e de garra, para defender a cultura cosmopolita dos inúmeros povos que habitam essa região. O dístico que escolhemos para símbolo da Aculfi diz: “A Cultura é a base da civilização”. Sabemos da responsabilidade que temos que é a de construir uma civilização que honre a maravilha com que a natureza presenteou Foz do Iguaçu.

A Aculfi contribui e contribuirá sempre para construir algo do qual nossos descendentes se orgulhem. Esses são nossos sentimentos e nossos pensamentos.

José Elias Aiex Neto, médico psiquiatra, presidente da Aculfi e do Partido dos Trabalhadores

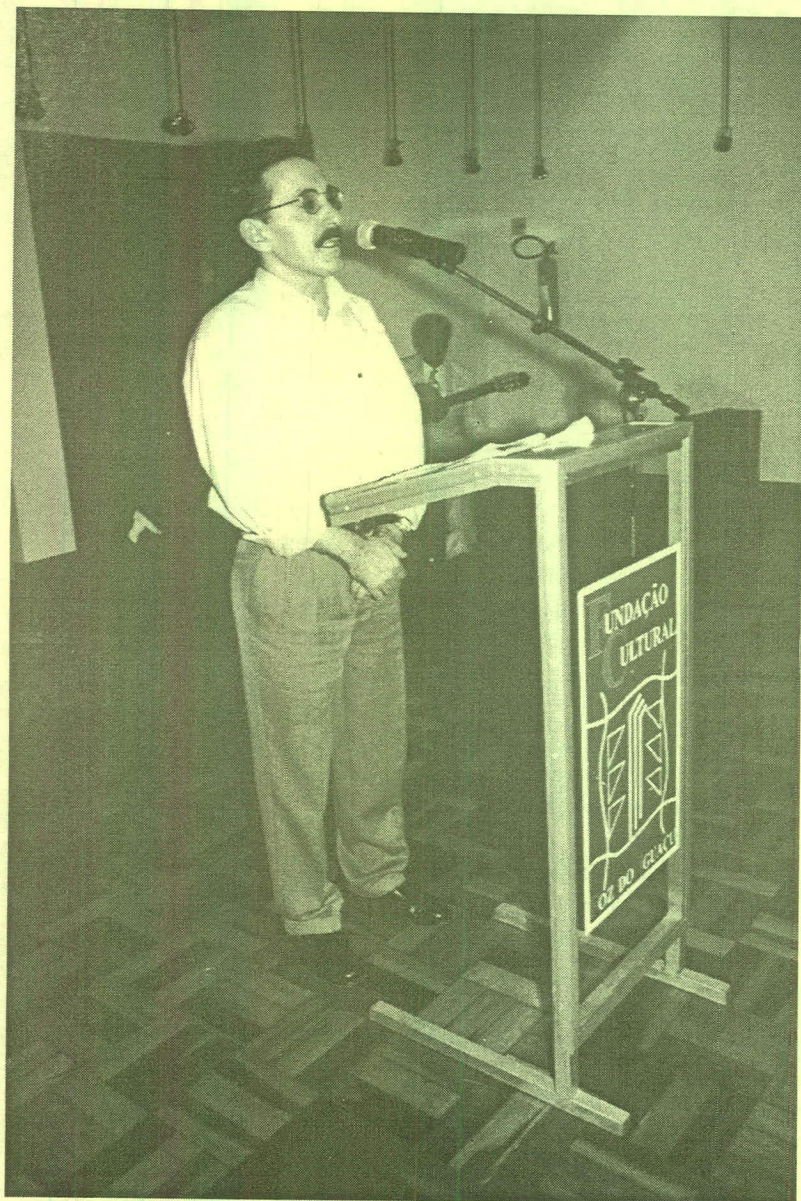
“Logo após a fundação da Aculfi tivemos alguns momentos de euforia e quase que colocamos tudo a perder”

“Os projetos desenvolvidos pela Aculfi foram frutos dos pensamentos de inúmeros confrades que contribuíram e ainda contribuem para manter a entidade viva”

Cheguei à caliente fronteira em 1988, no auge dos dólares de Itaipu e dos importados de Ciudad del Este (PY)

Paisagens de Foz do Iguaçu

por José Alexandre Saraiva



Saraiva discursa na fundação da Aculfi

"Hoje, a cada movimento das pestanas, portanto a todo instante, relembro uma história de Foz. Milhares de histórias estão guardadas na memória"

Quando chegar a idade das recordações, Foz do Iguaçu terá lugar garantido no capítulo das doces lembranças.

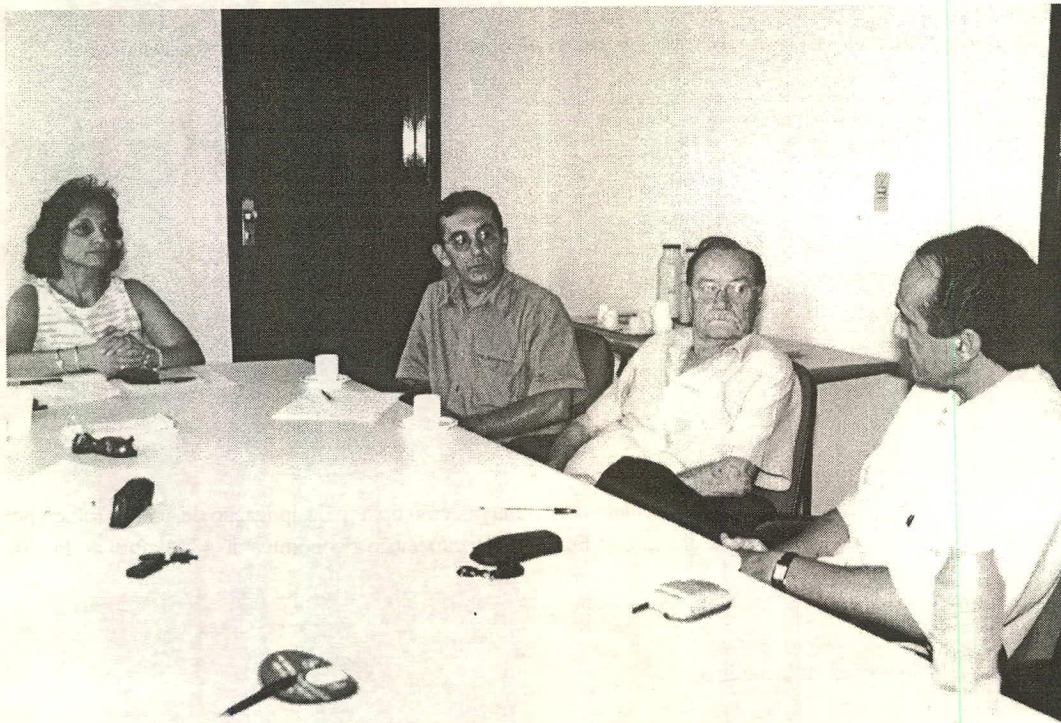
Em profícuo período de minha vida profissional, o destino reservou-me convívio indeletável na terra de Naipi e Tarobá. Os ossos do ofício de um cargo público me proporcionaram intimidade com gentes e bichos de todas as espécies. Cheguei ao ponto de conversar em silêncio com quatis, postes e mariposas e jantei com reis, rainhas, presidentes, governadores e outras estrelas, inclusive contrabandistas camuflados e quejandos.

Nenhum desses banquetes, todavia, clareou minhas ofuscadas luzes e muito menos levou brisas à minha alma. Os momentos perenes tiveram nascedouro, de verdade, no diuturno aperto de mãos com os bichos da minha laia, estacando-se notívagos, músicos, poetas, jornalistas e outros inocentes visionários, dentre os quais o Chico de Alencar e o Ildo Carbonera.

Cheguei à caliente fronteira em 1988, no auge dos dólares de Itaipu e dos importados de Ciudad del Este (PY). Tinha 34 anos. A cidade vivia em festa, literalmente, de segunda a segunda. O Pizza D'oro era o *point* de expressivo público. Palote, o cantante argentino, era o astro maior, encantando seleta platéia com canções consagradas, desde "Saudade", de Mário Palmério, a "New York, New York", imortalizada por Liza e Sinatra, passando por "Ansiedad de Besarte", de J.E. Saravia Rodriguez, "El Reloj", de Roberto Cantoral, e "El Día que me Quieras", de Carlos Gardel e A. Pera. Mais tarde, aí por 94/95, o Edson abriu o "Mais Um". Não demorou muito e o "mais" virou "menos". Iniciava-se a escalada de declínio econômico da região, fruto da política do "faz-de-conta" dos donos do poder local. A estrutura econômica iguaçuense revelava, às escâncaras, ter sido erguida em diques de areia move-diça, lubrificada pelo pernicioso imediatismo do lucro fácil.

A festa estava chegando ao fim, mas os sonhos não.

Passamos a sonhar mais. Criamos a Aculfi. A Banda de Música do Exército tocou "O Guarani" na noite de sua instalação, no Oeste Paraná Clube. Na memorável noite - inverno de 1998 - lançamos a primeira revista, com apoio da Juruá Editora. Nascia para a cidade uma "central de inteligência", no dizer do Aiex. O discurso do poeta Lyrio, destacando a Lua, emocionou os pre-



Reunião da Aculfi com a presidente da Fundação Cultural Rosicler Hauagge do Prado

sentes, dentre os quais os representantes do Centro de Letras do Paraná, a mais antiga instituição literária do Estado. O mesmo destino, porém, com suas surpresas, havia traçado uma saudade para mim. Despedi-me das Cataratas e de suas andorinhas traquinas no ano de 2001.

Hoje, a cada movimento das pestanas, portanto a todo instante, relembro uma história de Foz. Milhares de histórias estão guardadas na memória e serão contadas na idade das recordações, se eu chegar lá. Amargas, nenhuma.

Em meio a essas andanças, ora no Tirol, ora no “Bar da Bruxa” - em cujo famoso caderno o Lalau deu-me a honra de anotar meu nome, lá estando até hoje -, ora na espremida porém aconchegante calçada da “Banca do Abel”, envolto em fofocas e cervejas em latinhas, ora ainda na “Chácara das Goiabeiras”, de quando em vez com os acordes impertinentes de minha sanfona de pé-de-serra, mas quase sempre com a performance do Mário ao violão, nasceram contos, crônicas, poemas. Algumas composições musicais também. Por causa delas, fui a Paris receber medalha de ouro. Nasceram livros. E, por conta deles, em alguma estante estou adredemente “ajeitado”. Talvez por mero enfeite. Afinal, eu mesmo não me leio. Ainda bem: nunca consegui me entender direito.

Como não poderia ser diferente, tive parcerias. Muitas parcerias. Principalmente nos botecos, onde conheci o Pelanca, o Paulino Chorão, O César do Pandeiro, o William da Colher e virei freguês do Cheiroso nas gorjetas pela guarda do Corolla 87. Só uma vez ele foi arrombado...O Cheiroso não conseguiu explicar direito o “cochilo”. E nunca irá fazê-lo. Já está em seu merecido repouso de cova rasa.

Além do Luiz Carlos do Cavaquinho e do seresteiro Mário, cujo violão sempre deixou minha sanfona enciumada, principalmente quando tocávamos “Merecida”, marcaram de modo especial minha incipiente experiência musical outros dois parceiros poetas: Facundo Celestino, letrista da guarânia “Canción del Agua Cadente”, e William Santiago, autor da letra do “Prelúdio para Mário Du Trevor Jr”, um chorinho lento, tocado pela primeira vez em público num almoço oferecido pelo comandante Galetti, do 34º BIMtz. Em seguida, ambas as composições foram reunidas num CD, produzido inteiramente nos Estúdios Sanval, do Oliveira Jr. A primeira, com interpretação do cantor e médico paraguaio Victor “Pato” Britez, graças à providencial intervenção do Valter Teixeira, e a segunda, claro, pelo nosso Dudu, com o próprio Mário ao violão.

Já estou indo longe...O ZBM estabeleceu limites para as linhas nostálgicas.

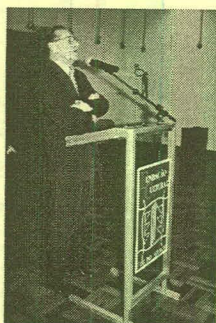
Fiquem com a letra da guarânia:

Dónde he de encontrar/outro cielo igual/al del Yguazú/
reflejandose em el río azul/cual divina luz/desde que lle-
gué/ yo me enamoré/de la plenitud/del agua cadente/com
su permanente/voz de juventud/Rio Yguazú/que abra-
zando está/al gran Paraná/como quiso hacer/la dulce Nai-
pí/ a su Tarobá/siempre llevaré/ por donde quiera que
esté/la recordación/de mis años mozos/tiempos tan di-
chosos/de rara emoción/se mi destino pudiera traerme/de
vuelta algún día/en mi fantasía/ muy cerca de ti/me arrodil-
laré/dándote las gracias/por haber vivido/junto a tus ori-
llas/en el embelezo/de tus maravillas/que por todo el si-
empre/en la lejanía/las recordaré.

“Em meio a essas andanças no Tirol, no Bar da Bruxa, na calçada da Banca do Abel e na Chácara das Goiabeiras nasceram contos, crônicas, poemas”

José Alexandre Saraiva, advogado, músico, escritor, procurador da Fazenda Nacional e membro fundador da Aculfi

Sonhos e Realidade



Lyrio
Bertoli

Do livro "Questões Cotidianas do Direito Tributário", de nosso confrade fundador Dr. José Alexandre Saraiva, extraí algumas idéias, que, infelizmente, ainda são sonhos. Algumas já foram por mim publicadas em forma de crônicas, no jornal "A Gazeta do Iguaçu".

Sonho:

..... É lei:

...

...

...

Art. 1º As pessoas jurídicas domiciliadas no Estado do Paraná poderão optar pela aplicação de até 5% (cinco por cento) do Imposto de Renda destinados à criação do Fundo de Recuperação Econômica do Município de Foz do Iguaçu – PR.

Arts. 2º, 3º, etc.

...

Revogam-se as disposições em contrário.

Publique-se.

Outro sonho:

..... É lei:

...

...

...

Art. 1º - Os ingressos financeiros cobrados de turistas que visitam as Cataratas e o Parque Nacional de Foz do Iguaçu, constituirão um Fundo Próprio do Município de Foz do Iguaçu – PR.

Art. 2º, 3º, etc.

Revogam-se as disposições em contrário.

Publique-se

Mais um sonho

..... É lei.

...

...

...

Art. 1º - A Itaipu Binacional, pelo prazo de 5 (cinco anos) a contar da data da publicação desta lei, subsidiará em 50% (cinquenta por cento) a energia elétrica consumida no perímetro urbano do município de Foz do Iguaçu – PR.

Art. 2º - Para as indústrias que gerem no mínimo 10 (dez) empregos diretos, instaladas ou que venham se instalar no município de que trata o art. 1º desta lei, o subsídio será de 100% (cem por cento) e o prazo de 10 (dez) anos, a contar da data da publicação desta lei.

Art. 3º, 4º, etc.

Revogam-se as disposições em contrário.

Publique-se

Obs: Os sonhos acima encontram amparo legal nos arts. 24, VI, VII, VIII e 30, I, II e XI da Constituição da República.

Era um sonho

Em 1963, exercendo o meu primeiro mandato de deputado federal, sonhei com uma idéia já existente: o aproveitamento dos Saltos das Sete Quedas do Rio Paraná, em Guaíra, para geração de energia elétrica.

Elaborei e dei entrada em um projeto neste sentido, publicado no Diário Oficial do Congresso, no dia 9 de agosto de 1963, documento que se constituiu em elemento de pressão.

Acompanhei como deputado do Oeste paranaense, todos os trâmites oficiais até o início da obra.

Tornou-se realidade. Itaipu está aí.



Túlio Vargas,
presidente da
Academia
Paranaense de
Letras

Campanha de Dona Celeste para vereadora

Introdutório: o texto que se segue foi escrito por Dona Celeste Azambuja Sottomaior e veiculado no dia 26 de outubro de 1968, às 20h, na Rádio Cultura. Dona Celeste foi professora do Colégio Monsenhor Guilherme, diretora da Escola Jorge Schimmelpfeng e eleita a primeira vereadora de Foz do Iguaçu. O texto segue na íntegra e o rádio na época, era o principal instrumento de massificação da campanha dos candidatos.

Ouvinte amigo: Na qualidade de candidata a vereadora pela legenda da Aliança Renovadora Nacional, sob o número 2111, apresento-me com imensa satisfação, ao eleitorado amigo desta cidade, deste município.

Quando há quase trinta anos atrás, impulsionada por alavanca militares, eu chegava a esta terra, não me passava pela idéia que eu iria ficar aqui. Trazia ainda bem fortes, as saudades e as lembranças da minha terra; trazia aquela vontade de voltar ao lugar em que nasceu e onde passara a maior parte da minha vida. Hoje estaria eu a pensar que embora não desaparecendo tudo isso iria diminuir bastante, quando pouco tempo depois, como senhora Carlos Sottomaior eu construiria meu novo lar em Foz do Iguaçu.

Casei aqui, daqui é meu marido, daqui são meus filhos e daqui é a maioria dos meus netos.

De que mais preciso eu para sentir-me iguaçuense? De que mais preciso eu para lutar por esta terra que, além de me dar tudo, guarda dentro de si, pedaços de mim mesma?

E é por isso, senhores que senti-me orgulhosa quando indicada para pleitear uma das vagas da futura Câmara de Foz do Iguaçu.

Orgulha-me não pelo interesse ou vaidade de levar o título de provável vereadora, orgulha-me a oportunidade que tenho em tais condições, de, ao menos tentar fazer parte de um todo que, formado por pessoas de valor e capacidade, lutará pelo bem estar, tranquilidade e segurança deste povo amigo.

Não levo às urnas a certeza de vencer, mas, a esperança, como todo o candidato, e, caso seja eleita, esforçar-me-ei para valorizar os votos que me foram entregues, lutando pelo melhor, pelo razoável, pelo justo e pelo necessário em todos os setores.

Melhor, razoável, justo e necessário! Quantas palavras, quatro pilastras mestras do progresso e que, eu creio, seja o bastante para esclarecer a você, eleitor amigo, o que penso como candidata a vereadora deste município.

Repito, senhores, não levo às urnas a certeza de vencer, mas a esperança de, com votos amigos e conscientes, concretizar aquilo que considero minha obrigação, como parcela do povo iguaçuense: lutar por Foz do Iguaçu, lutando assim por fronteiras Brasil-Paranaenses!

O voto é livre. O voto é secreto. Em outras palavras, o voto é o reflexo da opinião de cada um, assim como a Câmara Municipal é o reflexo de um povo. O voto é uma arma, eleitor e eleitora amigos, que deve ser usada acertadamente em defesa daquilo que é nosso, daquilo

que nos pertence. E pensemos bem, Foz do Iguaçu é nossa e, além disso, é uma sentinela avançada de nossa Pátria e, como tal, exige de nós a grande responsabilidade de lutarmos para que aqui não haja retrocesso. Lutemos pois, para que amanhã, cumprindo nossa obrigação de brasileiros, possamos dizer, sem medo de errar, que também cooperamos para a confirmação da legenda que embeleza nossa Bandeira "Ordem e Progresso".

Lembrando tudo isso, eleitor e eleitora amigos, escolha acertadamente a pessoa a quem entregar seu voto a 15 de novembro próximo.

Não esqueça, que de seu voto depende grande parte do progresso de sua terra. Seu voto ajudará a levar até à Câmara Municipal, a pessoa que irá defender e lutar pelos direitos do povo iguaçuense.

Já vai longe o tempo em que a escolha era privilégio de um patrão ou de um chefe! Já vai longe a época em que a grande parte do eleitorado não tinha noção exata de uma eleição, não sabia nem mesmo porque votava. Votava porque era ordem, era lei, como lhe explicavam, e votavam cumprindo uma lei, e principalmente, uma ordem.

Tal voto, não raras vezes cooperava para levar a altos cargos públicos, pessoas que nem mesmo tinham consciência da responsabilidade que assumiam. Eram, não resta dúvida, pessoas de instrução esmerada, reconhecida, mas que, não alcançavam, ou melhor, não procuravam alcançar além do que lhe convinham. Bastava-lhe o bem estar daqueles que, muitas vezes, por vaidade e interesse, lhe haviam ajudado a subir. Não lhe preocupava o povo em si, preocupava-lhe cumprir o que, como candidato, havia prometido, evitando assim, a sua própria desmoralização. O povo, que politicamente fora entregue ficava sempre em segundo plano; ficava sempre para o amanhã, para depois.

Aí está, na íntegra, o retrato de um candidato que alcança altos cargos políticos, subindo pela escada de votos inconscientes. Hoje, isto não mais acontece, hoje o eleitor é livre, é esclarecido, sabe o que faz e sabe porque faz. Hoje o eleitor iguaçuense sabe que de seu voto depende o futuro de Foz do Iguaçu, depende a classificação de Foz do Iguaçu perante o Estado, perante a Nação. Portanto, iguaçuense, reconheça o valor do teu voto entregando-o a quem muito bem o merece.

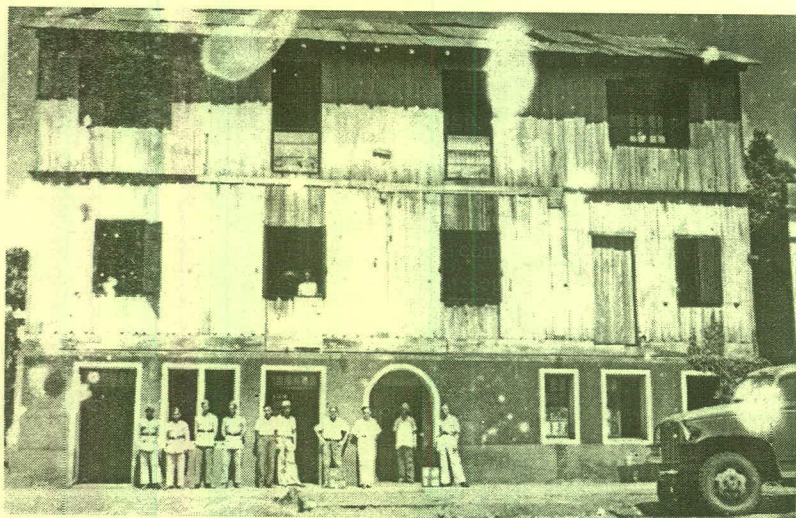
Valorize o teu voto, iguaçuense amigo, para valorizar a tua Foz do Iguaçu!!!

A nossa Foz do Iguaçu!!!

Celeste Azambuja Sottomaior, foi professora e primeira candidata a vereadora de Foz do Iguaçu e assumiu a suplência na Câmara

"O voto é livre. O voto é secreto. Em outras palavras, o voto é o reflexo da opinião de cada um, assim como a Câmara Municipal é o reflexo de um povo"

"O voto é uma arma, eleitor e eleitora amigos, que deve ser usada acertadamente em defesa daquilo que é nosso, daquilo que nos pertence"



Maioria dos historiadores se hospedava no "Balança mais não cai" entre as décadas de 40 e 50.

por **Zé Beto Maciel**

Querem saber da história de Foz do Iguaçu? Acessem o site da Biblioteca Pública do Paraná - www.parana.gov.br/bpp - procurem o sistema de busca e se terá um apanhado de obras raras que ainda não estão ao nosso alcance.

Os livros são raros. Quase não se tem reedições deles em outras bibliotecas ou acervos. Com o propósito de divulgá-los e ir um pouco mais fundo na história de Foz, que propus à Aculfi a edição de alguns deles. A Aculfi aceitou a proposta e vamos tentar viabilizá-la economicamente.

O mais comum dos raros ou talvez o mais conhecido é o 'Descoberta de Foz do Iguaçu e Fundação de Uma Colônia Militar', escritos em 1938 por José Maria de Brito. Mas há uns outros tantos.

Numa rápida busca ao acervo da BPP encontrei vários deles. O mais antigo e o mais raro é o 'Foz do Iguaçu: Ligeira Descrição de Uma Viagem de Guarapuava a Colônia de Foz do Iguaçu em Novembro de 1892', de José Cândido Muricy da Silva, escrito em 1896 e editado pela Impressora Paranaense.

Outro livro que me chamou a atenção e também versa sobre uma viagem a Foz no começo do século passado é o 'Impressões de Viagem a Foz do Iguaçu e Rio Paraná', escrito em 1928 por Manuel Carrao, editora Progresso.

Um dos livros, sem menção de autor no sistema de busca é 'Foz do Iguaçu: Um dos Saltos da Região Foz do Iguaçu', editora Mundial, de 1931. Há ainda 'A Foz do Iguaçu e as Cataratas do Iguaçu e Paraná (Descrição de Viagem)', de Jayme Ballao, escrito em 1920, e editado pela Typographia A República.

O presidente da Academia Paranaense de Letras, Túlio Vargas, escreveu em 1972 o livro 'De Brasília a Foz do Iguaçu'. E Orlando Azevedo escreveu em 1989 o 'Nossa Terra: Foz do Iguaçu', editado pelo antigo Banco Bamerindus do Brasil. Há também 'Do Guairá aos Saltos do Iguaçu', de Oliveira Netto, escrito em 1914. Esse livro foi reeditado em 1995 pela Fundação Cultural de Curitiba e é fácil de se ter um exemplar. É só pedir. Um outro livro sobre o mesmo tema - 'Do Rio Iguaçu ao Guayra - de Júlio Nogueira, foi escrito em 1920 pela Typographia Carioca,

Histórias de Foz na BPP

no Rio de Janeiro. Esse livro não consta no acervo da BPP. Tirando as histórias e descrições de viagens por essas terras nas primeiras quatro décadas de 1900 há outras raridades sobre Foz do Iguaçu. Sinopse Estatística do Município de Foz do Iguaçu foi editada em 1950 pelo Departamento Estadual de Estatística.

A BPP tem três exemplares do Plano Diretor de Desenvolvimento e Turismo de Foz do Iguaçu, editado em 1968, pela então Comissão Municipal de Desenvolvimento Municipal (Codem).

De Carlos Quandt há o 'Evaluation Of Spatially Discontinuous Social Impacts: The Case Of Itaipu, a Major Des-souzue-Based Development Project in Brazil', editado em Los Angeles, em 1987.

Fora da BPP e esperando edição, há um trabalho de fôlego da historiadora Elaine Pereira Rocha - Ava-Guarani... Presente - uma tese escrita em 1991 com apoio do Cimi (Conselho Indigenista Missionário).

Nesse campo, o dos Ava-Guarani, há o laudo feito pelo antropólogo Rubens Thomas de Almeida para a Itaipu Binacional e arquivado na Associação Brasileira de Antropologia.

Elaine Rocha na escritura de sua tese buscou bibliografias como Naufrágios e Comentários, da L&PM, escrito por Álvaro Nuñez Cabeza de Vaca e, além dos já mencionados no começo desse artigo, há documentos dos relatórios do Ministério do Exército que se encontram no Arquivo Nacional, no Rio de Janeiro.

Num deles há uma transcrição, da qual consegui uma cópia do manuscrito onde constam os nomes dos colonos de Foz do Iguaçu em 1907. A transcrição é uma espécie de ata de uma audiência feita pelo Exército em 22 de novembro de 1907 com os colonos de Foz.

Nela consta a seguinte denúncia: "*Julio Gutierrez - colono matriculado, queixa-se de não poder cortar lenha nem fazer erva, quando os negociantes fortes o fazem seguidamente, taes como Jorge Schimmelpfeng, Fulgêncio (sobrenome ilegível) e Leôncio Alves. Até hoje não lhe demarcaram o lote, o que lhe (ilegível) pelo resultado de seu trabalho. Cortava herva em terrenos de colônia, devidamente autorizado quando Jorge Schimmelpfeng tomou-lhe o terreno, peões e tudo o que tinha, pondo-o para fora do local, cobrando-lhe ainda 25 contos por cada 10 km2 de herva. É fiscal dos ervaes o irmão de Jorge*".

Na próxima edição quero escrever sobre os livros escritos mais recentemente e que não ganharam uma edição mais apurada pelos seus autores e livros prometidos por outros tantos que ainda não saíram do prelo.

Zé Beto Maciel é jornalista e iguaçuense

***texto já publicado na última edição da revista da Aculfi, republicado novamente por se tratar de uma edição histórica da revista e ligado ao tema**

Rogamos que a resistência Palestina é um exemplo histórico de coragem e luta e conta com o apoio da ONU e todos os povos amantes da Paz

Somos solidários ao povo árabe-palestino

Nós, membros e representantes de organizações e entidades não governamentais, radicados na região da tríplice fronteira (Brasil, Argentina e Paraguai) conclamamos os cidadãos do mundo a denunciar, buscar e trabalhar por uma solução justa e duradoura para o conflito existente no Oriente Médio desencadeado por Israel, com apoios logístico e financeiro dos EUA.

Salientamos que esse conflito só será sanado quando os direitos básicos do Povo Árabe-Palestino - autonomia, reconhecimento do seu território e independência - forem reconhecidos e implementados.

Também estamos protestando contra o massacre e genocídio praticados sistematicamente pelos soldados de Israel contra a população palestina nos territórios ocupados.

Rogamos que a resistência Palestina é um exemplo histórico de coragem e luta e conta com o apoio da ONU (Organização das Nações Unidas) e de todos os povos amantes da paz.

Porém salientamos que a mídia (jornais, rádio, TVs) sionista - manipulada por Israel e os EUA - distorce os fatos, divulga mentiras e quer classificar o povo palestino como um bando de fanáticos religiosos.

Reiteramos ainda que paz na região do Oriente Médio só será possível com o respeito ao mais elementar de todos os direitos humanos: o direito do povo palestino ao retorno, à autodeterminação e ao estabelecimento do Estado Palestino independente e soberano em solo palestino.

Somos solidários ao povo palestino que luta para libertar a sua terra. Sabemos que o nosso protesto nas três fronteiras, soma-se ao protesto de milhares de pessoas em todo o mundo contra a violência e a repressão que é exercida pelas tropas de ocupação israelenses - que deixam claro que o sionismo sempre foi uma forma de racismo.

Resistir e confrontar a ocupação

Israel é uma potência numa terra onde o povo palestino tem estado 34 anos sob ocupação. As ações israelenses visam destruir a infra-estrutura, liquidar, eliminar e assassinar os palestinos. A situação chegou a um ponto em que os palestinos são um povo ocupado, sitiado e aprisionado em suas próprias cidades e aldeias.

O povo palestino vem testemunhando a violação de

seus direitos humanos, a usurpação de seus direitos nacionais, de sua terra roubada através de ordens militares israelenses com o fim de construir mais colônias habitacionais judaicas.

Há mais de um ano o povo palestino tem estado sob sítio, enquanto a poderosa máquina militar da potência de ocupação leva à morte qualquer palestino que apareça pelo caminho. Enquanto casas são demolidas e prosseguem-se os assassinatos, espanta-nos o silêncio da comunidade internacional.

O irônico do caso é que uma superpotência continua patrocinando a agressão e a campanha de destruição sistemática promovidas por Israel. Ao mesmo tempo exigem do povo palestino que suspenda sua "violência", enquanto fica a critério do invasor dar-lhe um certificado de boa conduta.

A ocupação militar israelense continuada e seu terrorismo de Estado são responsáveis pelos atos de desespero levados a efeito por jovens que nasceram na ausência total de uma vida digna e normal, crescendo sob condições brutalmente humilhantes. Para eles, a vida e a morte tornaram-se a mesma coisa.

Numerosas resoluções da ONU descrevem claramente como "inadmissível" a ocupação da terra pela força militar, exortando Israel a retirar-se dos territórios ocupados, cessar essa ocupação, desmontar suas colônias habitacionais construídas em território palestino e a respeitar suas obrigações de acordo com a Quarta Convenção de Genebra.

Israel, entretanto, continua a agir como uma nação acima da lei, desafiando a legalidade internacional, violando todos os acordos assinados com a OLP (Organização pela Liberação da Palestina) e recusando-se a cessar sua ocupação, juntamente com todas as manifestações e práticas ilegais e brutais que decorrem dela.

Não há nenhuma forma de se forçar o povo palestino à submissão ou à renúncia de seus direitos à liberdade e à independência. O meio de romper esse ciclo de violência e sangue é o fim da ocupação militar e das agressões que os palestinos estão sofrendo.

É tempo de a comunidade internacional assumir sua responsabilidade, exigindo uma força de observação e a urgente implementação das resoluções da ONU.

Paz, justiça e liberdade ao povo árabe-palestino!



Líder
palestino Yasser
Arafat ao lado do
palestino
iguazuense
Mohamah Hassan

Comitê de Solidariedade ao Povo Árabe-Palestino

Esta convocação patriótica para brasileiros e argentinos foi feita pelo engenheiro e escritor argentino, Florêncio de Balsadúa

A Ponte da Fraternidade, 30 anos depois



Ao lado: Dobrandino, Perci Lima e Sérgio Lobato perante a ponte. Acima: autoridades argentinas e brasileiras no início da construção.

por Chico de Alencar

“Avança em frente, a uns 80 metros de distância, esperando sem dúvida a ação de governo ou de algum homem de gênio que coloque uma ponte sobre o abismo, vincule materialmente as nações irmãs, já unidas politicamente por gloriosas tradições, por sacrifícios comuns nos campos de batalha e por louros disputados nos torneios da ciência, para marchar unidos no futuro, a vanguarda de todos os povos sul-americanos, para a conquista dos ideais que a humanidade confiou ao esforço da civilização americana”.

Esta convocação patriótica para brasileiros e argentinos foi feita pelo engenheiro e escritor argentino, Florêncio de Balsadúa, no distante ano de 1901, à página 147 do seu livro “Presente, passado y porvenir del Territorio Nacional de Misiones”, referindo-se ao Rio Iguaçu e a imperiosidade da construção de uma ligação material entre os dois países vizinhos, separados apenas por ele, o nosso Rio Iguaçu.

La sei vão um século e alguns anos, pois o livro veio a ser editado em 1901, na cidade de La Plata, após as impressões colhidas pelo escritor em uma visita às Cataratas do Iguaçu, provavelmente alguns anos antes ainda. Já naquela época o visionário engenheiro descortinava a realidade e o futuro desta fronteira magnânima. A materialização de seu sonho epopéico só viria a acontecer oito décadas depois, com a inauguração da Ponte Tancredo Neves no dia 29 de novembro de 1985, em solenidade com a presença dos presidentes José Sarney (Brasil) e Raúl Alfonsín (Argentina), alguns metros depois das maravilhosas Cataratas e outros tantos antes do tributário e caudaloso Iguaçu entregar suas águas ao Rio Paraná e dar origem ao nome da cidade de Foz do Iguaçu, no Marco das Três Fronteiras.

A Ponte da Amizade já não estava mais sozinha para unir os povos dos três países desta singular mesopotâmia: acabava de nascer a “Ponte da Fraternidade”, como carinhosamente a passaram chamar argentinos, brasileiros e paraguaios.

Entre o sonho de Florêncio de Balsadúa e esta realidade, a história da Ponte da Fraternidade e a união física dos dois países sul-americanos ficaram adormecidos por muitos anos. Embora já houvesse firmado desde 1972, um “Tratado de Intenções” entre os presidentes Lanusse (AR) e Médici (BR), o projeto da ponte sobre o Rio Iguaçu vinha sendo protelado desde então, para “renascer” no dia 24 de janeiro de 1979, numa reunião promovida no Hotel Internacional Cataratas, em Puerto Iguazú (AR), quando autoridades e empresários brasileiros debatiam a liberação do horário noturno para o tráfego de passageiros (via balsas), entre os dois portos Iguazú e Meira.

O que vou transcrever agora fui eu mesmo que escrevi sobre aquele dia, para o jornal O Estado do Paraná, de cuja sucursal iguaçuense eu era o diretor:

“Na oportunidade, uma histórica decisão: os participantes poderiam formar uma comissão para “reativar o projeto de construção de uma ponte que unisse fisicamente Argentina e Brasil”.

Disse o brasileiro Sérgio Lobato Machado em seu discurso de saudações aos anfitriões: “...quero aproveitar a oportunidade deste acontecimento, para lançar uma campanha, no sentido de se tornar realidade a construção de uma ponte sobre o Rio Iguaçu, unindo nossos dois países; obra há tanto tempo sonhada, cantada em verso e prosa em castelhano e em português; juntos, brasileiros e argentinos teremos que lutar para conseguir este objetivo”.

Sem saber do teor do discurso preparado por seu companheiro, o diretor de Turismo da Província de Misio-

“Entre o sonho de Florêncio de Balsadúa e esta realidade, a história da Ponte da Fraternidade e a união física dos dois países sul-americanos ficaram adormecidos por muitos anos”

nes, Rodolfo Torres, afirmava “La presencia del empresario en esta reunión, puede ser fundamental en la decisión de las autoridades nacionales para la realización de esse puente”.

Apenas três dias depois, dia 27, agora no Brasil, no Hotel Carimã, realizava-se a primeira reunião com fim específico de constituição da Comissão Mista Brasil e Argentina pró-construção da Ponte Internacional sobre o Rio Iguaçu. Presentes do Brasil: Acácio Pereira (Chefe de Gabinete do prefeito), Evandro Stele Teixeira (Presidente da Câmara de Vereadores), Haroldo Kawano (assessor de Planejamento municipal) Clemente Consantino Neto (assessor de Turismo municipal), Geraldo Passini (assessor de diretoria da Unicon), Ermínio Gatti (empresário hoteleiro), Homero Girelli (empresário hoteleiro), Osvaldo Damião (presidente do Sindicato de Hotéis e Similares) e Sérgio Lobato Machado (representante do Lions Clube).

Da Argentina: Ismael Bubuli (prefeito de Puerto Iguazú), Osmar Cianci (presidente da Câmara de Comércio), Juan José Oesteneros (comerciante), Rolando Lopes (agente de turismo), Ramón Perez Villar (empresário hoteleiro), Antônio Wilberger (representante do Lions Clube), Ricardo Goetze (vice-presidente da Câmara de Comércio e Hotéis).

Do encontro decidiu-se pela composição de oito membros – quatro brasileiros e quatro argentinos – para a Comissão Executiva, um Conselho Consultivo e um órgão de assessoria. Posteriormente, no Hotel Internacional Cataratas, em Puerto Iguazú, dia 31 de janeiro, houve-se por bem elevar a 10 membros esta comissão, cinco de cada país.

Composta definitivamente a comissão pelos seguintes membros: presidente Oscar Cianci, da Argentina; vice Sérgio Lobato Machado, do Brasil; secretário Ramón Perez Villar, da Argentina e Acácio Pereira, do Brasil; mais os vogais: Rolando Lopes, Osvaldo Damião, Juan José Oesteneros, Evandro Stele Teixeira, Augustin Arrabal e Ermínio Gatti.

Também os objetivos foram fixados: visitar e comunicar primeiramente as autoridades municipais, estaduais e por último as autoridades federais dos dois países – o objetivo fundamental”.

Cronologia

“Fevereiro de 79: a Comissão se dedica à divulgação intensa de seus propósitos junto aos órgãos de imprensa dos dois países, comunica em ofício, aos governadores Ruben Norberto Paccagnini, da Província de Misiones e Ney Braga do Estado do Paraná. Evandro Stele Teixeira viaja a Curitiba e visita todos os órgãos de imprensa escrita, falada e televisada, difundindo a Comissão; mantém audiência com o secretário de Planejamento, Véspero Mendes, de quem consegue todo o apoio, enquanto isso, Ramón Perez Villar, mantém, na capital da Província de Misiones audiência com o governador Paccagnini e obtém a mesma receptividade.

No dia 12 daquele mês, Ney Braga envia expediente ao presidente da República, apoiando o desejo das duas comunidades, assim encerrando: “Permito-me externa a

Vossa Excelência que muito espero de seu apoio, para com a aspiração que lhe transmito”.

20 de março de 1979: O governador de Misiones, recebe todos os membros da Comissão e se integra definitivamente ao movimento.

18 de abril de 1979: A Assembléia Legislativa do Estado do Paraná aprova requerimento do deputado Tércio Albuquerque, solidarizando-se com os objetivos da Comissão.

4 de maio de 1979: A Comissão vai a Brasília e é recebida pelos três ministérios: Relações Exteriores, Comunicação Social (pelo próprio ministro Said Farah) e dos Transportes. Exposição e acatamento das justificativas.

28 de maio de 1979: em Buenos Aires, o diretor nacional de Turismo e secretário do Departamento Sul-americano de Chancelaria, recebe um membro argentino da Comissão.

5 de junho de 1979: De acordo com o estabelecimento na Ata de Constituição, depois de seis meses, o brasileiro Sérgio Lobato assume a presidência da Comissão, trocando de cargo com o argentino Oscar Cianci, que passa para a vice.

30 de agosto de 1979: O presidente João Figueiredo desembarca pela manhã no Aeroporto Internacional de Foz do Iguaçu e “O Estado” dava esta manchete: “Comissão pede a ponte”. No texto da matéria, a ação dos membros brasileiros da Comissão “ao desembarcar ontem cedo em Foz do Iguaçu, o presidente João Batista Figueiredo recebeu do presidente da Comissão Mista, Sérgio Lobato, documento pedindo a construção daquela ponte, já reivindicada ao Governo Federal”. No documento, as ponderações das duas comunidades do Paraná e de Misiones que “unidas vêm reivindicando com amor desmedido, esta obra”.

Sobre a gestão de Sérgio Lobato Machado, diria o ex-governador Paulo Pimentel: “A sua garra e a sua capacidade de luta vão realmente conseguir que a ponte Brasil-Argentina, tão almejada, constitua-se em uma realidade. Acompanho com entusiasmo o seu trabalho”. Foram meses de intensa troca de ofícios e correspondências a todos os níveis governamentais e ampla divulgação pela imprensa.

Em cada episódio ou data, crescia a certeza da concretização dos objetivos das duas comunidades fronteiriças, mas foi o dia 19 de outubro de 1979, a “grande data” para a Comissão Mista: era assinado em Puerto Stroessner (PY), pelos chanceleres do Brasil, Paraguai e Argentina, o acordo de compatibilização das usinas de Itaipu e Corpus.

Desanuviavam-se tensões de longos tempos e a descontração transcendia à área diplomática para toda a população das três fronteiras. O acordo da ponte entrava em contagem regressiva. Menos de seis meses depois, ele já estava decidido pelos dois governos e seria assinado. Os sentimentos de união, fraternidade e convivência de duas pequenas e modestas comunidades – Puerto Iguazú e Foz do Iguaçu – davam lições de diplomacia a dois países e ao mundo”.

Chico de Alencar é jornalista e articulista do jornal A Gazeta do Iguaçu

“Em cada episódio ou data, crescia a certeza da concretização dos objetivos das duas comunidades fronteiriças, mas foi o dia 19 de outubro de 1979, a ‘grande data’ para a Comissão Mista”



Um pouco da história do futebol em Foz

"Será contando a história dos diversos clubes ou times locais, que desde antigamente empolgam os muitos adeptos desse esporte, que faremos este relato"

por Hamilton Luiz Machado Nunes

*Acima: Equipe do
ABC em 1953.
Ao lado: Industrial
Futebol Clube em
1954.*



Em época de Copa do Mundo, o espírito futebolístico toma conta de todos nós, pois os ingleses podem tê-lo inventado, mas com toda a certeza, o futebol, é o esporte de preferência nacional dos brasileiros.

Mas, e aqui em nossa cidade, como está este esporte? Como ele apareceu? Enfim qual é a sua história? Para sanar estas e algumas outras questões, mas sem pretender exauri-las, vamos recorrer a uma série de pessoas que viveram esse cenário esportivo e com informações, estaremos contando um pouco da "história do futebol amador em Foz".

Na verdade a história da evolução desse esporte em nossa cidade, se confunde com a própria história do Município, pois se este teve sua emancipação política em 10 de junho de 1914, já em 12 de setembro de 1915, nascia o **ABC Foot Ball Club**, sendo importante lembrar que o futebol nasceu no Brasil em 1894, trazido para cá por Charles Müller, brasileiro, descendente de ingleses e escoceses, nascido no Brás em São Paulo e que também que o **Sport Club** Rio Grande, de Rio Grande (RS), foi fundado em 24 de junho de 1900 e a Associação Atlética Ponte Preta, de Campinas (SP), oficialmente fundada em 11 de agosto de 1900.

Disputam o título de time mais antigo do Brasil, sendo que a CBF reconhece oficialmente que o time gaúcho é o mais antigo do Brasil, por apenas 48 dias de diferença, em relação à data de fundação da "Macaca" de Campinas.

O interessante é que o Flamengo de Futebol e Regatas, nascido em 1895 e o Clube de Regatas Vasco da Gama em 1898, apesar de nascidos anteriormente a 1900, não são considerados como os mais antigos porque não nasceram para a prática do futebol e sim para regatas. O Botafogo carioca nasceu em 1904, o Corinthians Paulista em 1910, o Santos em 1912, o Palmeiras em 1914 e o São Paulo em 1935, de modo que o ABC (1915) é um dos clubes de futebol mais antigos do Brasil.

Campos e campinhos - E será contando a história dos diversos clubes ou times locais, que desde antigamente empolgam os muitos adeptos desse esporte, que faremos este relato. Mas antes disso, vamos falar sobre os campos que, existiram para a prática do futebol, além dos que citaremos junto com os clubes (ABC, Gresfi e Flamengo).

Iniciando por lembrar que nos idos de 1926, existiu um campo de futebol de propriedade do ABC (que teria sido o primeiro na história de Foz), na hoje, Avenida Jorge Schimmelpfeng, em frente ao Colégio Estadual Bartolomeu Mitre (onde atualmente estão a Tass, o Alquimia e o Posto Oklahoma).

Também destacaram-se outros campos de medidas mais ou menos oficiais, como o do Vasco da Gama, campo de terra, que ficava no canteiro de obras da Sotage, próximo onde hoje está a Ponte da Amizade. Também o campo do Industrial, foi muito utilizado na época (1953/65) e ficava nos fundos do atual TTU e do Bosque Guarani.

A então Escola Rural, hoje Ginásio Agrícola Manoel Moreira Pena, sob a direção do patrono do atual giná-



Flamengo, equipe de 1957. Destaque para Estafano Dotto, Irineu Basso, Bita, Valter Guimarães (2º, 3º, 5º e 6º em pé) e Nene, Dedé e Kid Chocolate (1º, 2º e 6º agachados) - Ademir Flor, Mazarte.

sio, tinha um campo em que eram realizados torneios escolares entre os desportistas da época. Para as famosas "peladas" de fim de tarde e/ou de fins de semana, a juventude dos anos 60 e 70, utilizavam-se de locais que tinham dimensões parecidas com as dos atuais campos de futebol suíço, destacando-se o do Oeste Paraná Clube, que ficava onde está a atual sede do clube; o do Alto Iguaçu que ficava nos fundos do Açougue Giovenardi, onde hoje está a garagem da Sulamericana, na Quintino Bocafuva, quase esquina com a Santos Dumont; também no antigo bairro do Boicy, em frente a Casa Mineira do saudoso sr. Estacho (Stanislau Zambrinski), existiu um campo, onde foram realizados sensacionais confrontos, atualmente está no local, a residência do sr. Írio Holler e senhora Linda Marinha (filha do sr. Estacho). Destaque ainda para a campo que existiu na conhecida "Chácara do Roth", na altura em que moravam na época, o Olais Bernardes, o Côco Klein, a família dos irmãos Nene (grande atleta iguaçuense), Mário e Zé Cadela, onde foram realizadas memoráveis peladas.

Finalmente, no bairro Maracanã de então, existia um espaço para a realização de peladas, onde hoje está a Igreja Católica do bairro e também na região central, houve dois campos, um próximo onde moravam a família Tapeti, na Rua Jorge Samways esquina com a Rua Almirante Barroso, o outro em frente ao atual Hotel Espanhol, onde hoje está a nova Câmara Municipal. Ambos foram palcos de memoráveis "peladas". Muitos dos grandes atletas de nossa cidade e região iniciaram-se na vida esportiva em um desses campos, que hoje não existem mais.

ABC Foot Ball Club

Vamos iniciar a história de nossos clubes, pelo "vovô" **ABC Foot Ball Club**, que segundo contam teve esse nome em homenagem a um Tratado de Defesa Mútua que envolveria a Argentina, o Brasil e o Chile. Tratado este que nunca foi formalizado. Atualmente, com o nome abreviado para ABC Futebol Clube,

"Inicialmente, o ABC adotou como cores oficiais, segundo o estatuto de fundação, o preto e o branco, mas essas cores não estavam dando sorte ao clube"



Equipe do ABC nos anos 60, em pé: Onofre, Gomes, Sílvia, Publio, Tete, Tigrinho e Cacho. Sentados: Irineu, Breda, Papi, Bugrinho e Bilo.

"Da reunião resultou a fundação do Flamengo Esporte Clube de Foz do Iguaçu, que há 47 anos coleciona títulos e honrarias, consolidando-se como um dos melhores times da cidade"

teve a sua fundação em 12 de setembro de 1915, por um grupo de esportistas da época, liderados por Zenon Pereira Leite, médico gaúcho, que foi o primeiro presidente do Clube.

Importante destacar que mesmo tendo retornado a Porto Alegre, logo após a fundação do clube, o dr. Zenon, manteve contacto - até meados de 1960 - enviando telegramas aos diretores, por ocasião do aniversário do ABC.

Inicialmente, o ABC adotou como cores oficiais, segundo o estatuto de fundação o preto e o branco, mas pelo simples fato de que, no entendimento dos dirigentes de então, essas cores (preto e branco) não estavam dando sorte ao clube. Em reunião realizada em 24 de março de 1946, ficou decidido que as cores oficiais do clube, passariam a ser o vermelho e o branco, e também decidiu-se, nessa reunião, fixar a interpretação da origem da denominação de ABC, em homenagem às primeiras letras do alfabeto.

Entre seus muitos associados, que sempre buscaram consolidar, não apenas um "time de futebol", mas um clube, que com seu patrimônio, formado por pessoas, bens e conquistas, pudesse resistir ao tempo, destacaram-se Jorge Schimmelpfeng, Jorge Samways, Wisland Samways, José e Jorge Werner, Saulo Ferreira, Carlos Luiz Samways, Antônio Aguirra, Írio Manganeli, Vitorio Basso, Secundino Aquino, José Maciel, tenente Eduardo Olmedo, Roberto Simões, Tito Martinez, Aníbal Abbate Soley, Valtér Baldan, José Cláudio Rorato, entre outros.

E nesse sentido, com certeza, o ABC é um clube vitorioso, pois desde o seu início buscou e teve estádio próprio, primeiro em meados de 1926, com um campo

simples na Avenida Jorge Schimmelpfeng, em área composta pelos lotes 5 e 7 da quadra 1, conforme Título Definitivo nº 205 e lotes 1 e 2 da quadra 8, Título Definitivo nº 204, todos na Zona B desta cidade, adquiridos pelo clube da Prefeitura Municipal.

Depois, em área, adquirida em 28/09/1937, através do Título Definitivo nº 395, localizada na esquina da Rua Quintino Bocaiúva com a Rua Marechal Deodoro (onde atualmente está o Hotel Rafain Centro) e tomava toda a quadra que envolve as ruas Quintino Bocaiúva e Jorge Samways de um lado e ruas Marechal Deodoro e Santos Dumont de outro, esta área foi vendida em 1976, e hoje com seu majestoso estádio na Avenida República Argentina, adquirido em 9/7/1976, com uma área de 45.112,30 m2 devidamente registrada em nome do clube, foi inaugurado em 1980 na gestão do presidente Ramón Rafael "Tito" Martínez Cáceres e já recebeu por duas vezes a Seleção Brasileira, para treinamentos, primeiramente por ocasião da Copa América e posteriormente na preparação da Seleção Brasileira Sub 20.

As instalações desse estádio, segundo avaliação de cronistas esportivos de renome internacional como Galvão Bueno e Luciano do Valle, especialmente pelo gramado e sistema de iluminação não ficam devendo nada a nenhum estádio de futebol do mundo.

No aspecto pessoal, o ABC teve desde seu início sob o comando de sócios que engrandeceram o clube, tendo como alguns dos seus ex-presidentes Saulo Ferreira, Carlos Luiz Samways, Roberto Simões, Aníbal Abbate Soley, Raul Quadros, Adilson Simão, Tito Martinez, Roberto Apelbaun, Clóvis Ballotin, Paulo Mac Donald Ghisi, José Cláudio Rorato, Sérgio Bavaresco, entre outros, já falecidos.

Na sua galeria de grandes craques, além de muitos outros, lembramos de Carlos Luiz Samways (Carlinhos), Daniel Alfaiate, Breda, Rolon, Itacy e André. Detentor de inúmeros títulos nas diversas categorias do futebol amador, com destaque para a equipe de 1953, o time campeão em 1968, a "terceira colocação" entre todas as equipes de futebol amador do Estado, na disputa da Taça Paraná de 1981, tendo disputado com equipes da capital do Estado, também os campeonatos amador cidadão de 1997, 1999 e 2001.

Atualmente, sob o comando do presidente Ademir Flor e do presidente do Conselho de Administração Valter Balban, de cuja diretoria consta como a de maior feito em termos de obra, a tão sonhada iluminação do estádio, mantém equipes em todas as categorias de futebol desde "fraldinhas até masters" (veteranos), confirmando o mesmo espírito dos fundadores do clube em 1915.

Guairacá/Gresfi

Outro clube que se confunde com a história da cidade, é o atual Gresfi, anteriormente conhecido por Guairacá Esporte Clube, adotando as cores verde e branco, nasceu vinculado aos militares do Exército Brasileiro, especialmente sargentos e subtenentes, e para contar a sua história, tivemos a colaboração dos sargentos Ambrósio e Brites.

O Guairacá foi fundado em 17 de janeiro de 1945 e era apenas uma equipe de futebol, quando em 25 de novembro de 1967, foi feita uma fusão entre o time (Guairacá), o conhecido Clube Social Grêmio Olavo Bilac e a Caixa Esportiva e Beneficente dos Graduados do 1º Batalhão de Fronteira, dando vida ao Grêmio Esportivo e Social Foz do Iguaçu - Gresfi, tendo sido mantido as cores verde e branco e o Estádio Menezes da Rocha, que fica na zona central da cidade, na Rua Rebouças esquina com Rua Almirante Barroso e também a sede social do Grêmio, que antigamente ficava na Rua Marechal Deodoro, no meio da quadra, entre as ruas Jorge Samways e Quintino Bocaiúva, hoje, já como Gresfi, está na Avenida JK, antigo aeroporto da cidade.

Continua o vínculo com o Exército Nacional, mas agora com uma participação significativa de civis nas áreas social e esportiva do clube. Na história destacam-se nomes: Sargento Viana (pai) e cabo Viana (filho), sargento Edino, sargento Silvio, sargento Lauro, cabo Perini, sargento Gladistone, cabo Cândido, sargento Ambrósio, cabos Noronha, Onofre e Armando, entre tantos outros.

Também o antigo Guairacá e hoje o Gresfi, detêm inúmeros títulos nas diversas categorias amadoras do futebol de Foz, destacando-se o de Campeão Amador de 1972, Bicampeão Juniores de 1967 e 1996 e Campeão Veteranos do Torneio da Paz em 2002.

Destaque especial tem de ser feito à equipe de futebol feminino do Gresfi, que foi criada em 2000 e já naquele ano participou do Campeonato Paranaense da categoria, alcançando a 3ª colocação e em 2001, sa-



Equipe do Guairacá Esporte Clube - Campeã amador 1972. Destacando-se: Noronha, Edino, Silvio, Onofre e Bitá (1º, 2º, 6º, 7º e 8º em pé) e Ambrósio, Luizinho, Perini, e Viana (3º, 4º, 6º e 7º agachados) - Esquerda p/ direita.

grando-se CAMPEÃ do Estado, inclusive tendo quatro atletas convocadas para a Seleção Brasileira Sub 19.

Flamengo Esporte Clube

O Flamengo Esporte Clube fundado em 7 de setembro de 1954., por um grupo de desportistas dissidentes do ABC, adotou as cores vermelho e preto, a exemplo do clube carioca de mesmo nome. O encontro foi realizado na residência da família Ayres de Aguirre, além de Antônio Gonçalves, participaram ainda Cherubim Ayres de Aguirre, Raul Horácio Grignet (Cacho), Nelson Varisco e Heitor Cardoso.

Da reunião resultou a fundação do Flamengo Esporte Clube de Foz do Iguaçu, que há 47 anos coleciona títulos e honrarias, consolidando-se como um dos melhores times da cidade. A primeira diretoria constituída logo após a fundação ficou assim formada: Presidente Antônio Gonçalves; vice-presidente Heitor Cardoso; 1º secretário Cherubim Ayres de Aguirre; 2º secretário Raul Horácio Grignet; 1º tesoureiro Melquíades Ayres de Aguirre e 2º tesoureiro Nelson Varisco.

Logo depois da formação da primeira diretoria, foram feitas as filiações dos primeiros associados, ficando assim a base de seus primeiros colaboradores: Renato

"Já o Clube Recreativo Vasco da Gama, tem uma história diferente das dos demais, pois nasceu vinculado à uma empresa, Sotage, que tinha sede no Rio de Janeiro"



Flamengo, equipe vice-campeã de 2001



Vasco da Gama, campeão amador de 1979. Flagrante do recebimento do troféu.

"O alvi-anil Municipal Esporte Clube que nasceu vinculado aos funcionários da prefeitura então sob o comando do saudoso João Lagarto"

Gonçalves dos Santos, Luiz Carlos Sbaraini, Idílio Chibaque, Sebastião Flor, Nelson Domareski, família Basso, Antônio José Machado, família Dotto, Edgar Fiala, Sérgio Lobato, Octávio Portes (Tavico), Francisco Ferreira Mota, João Carlos Palma (Joni), Celestino Rorato, Ernesto Julião Grignet, João Maria Santos, Emílio Rotilli, Antônio Soares, Paschoal Nami, entre outros.

A história do Flamengo está vinculada à história de um grande desportista, Antônio Gonçalves, o conhecido "Kid Chocolate", um marinho que aqui aportou e que tinha no boxe, sua principal atividade esportiva, tendo sido um nome importante no cenário do boxe sul-americano. Mas foi no futebol e especialmente como dirigente do Flamengo, que o Kid Chocolate conduziu, treinou e ensinou a prática do futebol para muitos dos atuais e ex-atletas iguaçuenses que estão por aí.

Kid Chocolate, que na década de 1950 fundou o 84° *Boxing Club*, que teve uma rápida participação no futebol iguaçuense, se confunde com a história do Flamengo e do futebol amador de nossa cidade e é para homens que como ele, anonimamente, muito fez pelo nosso esporte preferido, que dedicamos este relato, para que, numa cidade sem história, pelo menos algumas injustiças sejam reparadas.

Também a família Basso, desde seu patriarca Pedro, passando pelos filhos Irineu e Vitório, que apesar de ser ABC, dedicaram-se à construção do estádio. A família Basso, a exemplo de Nelson Domareski, foi fundamental para a consolidação do clube, sendo os principais responsáveis pela construção do estádio, que leva o nome com extrema justiça de "Pedro Basso".

O confronto Flamengo e ABC, tornou-se o grande clássico do futebol amador iguaçuense, em qualquer categoria. Desse embate pode se esperar muita emoção e muita dedicação dos envolvidos, propiciando aos desportistas, sempre grandes e inesquecíveis confrontos.

Também o Flamengo, assim como o ABC e o atual Gresfi, mantêm equipes de outras categorias de fute-

bol amador, com títulos em praticamente todas essas categorias, com destaque ao time de 1957, para a participação especial de Mané Garrincha em 1968 na conquista do título de bicampeão citadino de futebol amador nos anos de 1975 e 1976 da recém-criada LIF e para o time vice-campeão em 2001.

Em sua vivência, passaram pelo Flamengo, excepcionais atletas: Roberto Damião, Bitá, Roberto Chirum, Machadinho, Oscarzinho, Maneco, Arturo (Atlético Paranaense), Ademilson (Atlético Paranaense e Atlético Mineiro). Na galeria de presidentes, o Flamengo teve nomes como: Antônio Gonçalves (fundador), Irineu Basso, Nelson Domareski, Sérgio Beltrame, "Chico" Meneguetti, Inaudi Savaris, Aparecido Plácido dos Santos, Luiz Sbaraini e Sérgio Beltrame.

Atualmente sob o comando do presidente Carlos Arturo Mallorquin, o clube vem mantendo e ampliando seu estádio, com um excepcional gramado utilizado inclusive para treinamentos da Seleção Brasileira. Anexo ao estádio, mantém o Flamengo um Ginásio de Esporte e um kartódromo, para utilização dos aficionados desse esporte.

Vasco da Gama

Já o Clube Recreativo Vasco da Gama, tem uma história diferente das demais, pois nasceu vinculado à uma empresa, Sotege, que tinha sede no Rio de Janeiro e foi contratada para a construção da Ponte Internacional Brasil/Paraguai, atual Ponte da Amizade. Essa empresa era de propriedade de portugueses e tinha em seu quadro técnico, diversos simpatizantes do carioca Clube de Regatas Vasco da Gama e foi assim que no canteiro de obras da Sotege, em 15 de novembro de 1957, sob a presidência do dr. José R. Leite de Almeida, engenheiro chefe da empresa, nasceu o nosso Vasco da Gama, que copiando seu homônimo carioca é cruzmaltino e adota as cores preto e branco.

O Vasco da Gama teve duas fases, a primeira em que era vinculado à Sotege e com esse "apoio" contratava "boleiros" para "trabalharem" na obra, montando



Gresfi, equipe de veteranos. Campeão do Torneio da Paz 2002



Gresfi, equipe feminina. Campeã Paranaense 2002

grandes times. Nessa fase destacaram-se os atletas Dedé, Zico, Pedro Paulo Português, Luiz e Cláudio Giovannardi. Entre outros e uma segunda fase após o término da obra da ponte, quando um grupo de aficionados, dentre os quais destacamos: Dilercy e Dilermando Jenzura, Roberto Fava, Antenor Carneiro de Mello, Egeu Timóteo de Brito, Sílvio Cury, Luiz Carlos Fossari, Jorge Portinho, que juntos à remanescentes da Sotage, encamparam o time e o mantiveram até hoje, destacando-se aí, atletas como: Romeu Togni, Lúcio, Tibiriçá, Roberto Fava, Conceição, Freddy, Tete, Duca, Mozart, Serginho Jacaré (com passagem pela Ponte Preta e Atlético Mineiro – Campeão Brasileiro em 1974).

Desde a sua fundação até boa parte da segunda fase de vida do Vasco da Gama, a participação de um homem foi fundamental. Trata-se do inesquecível José Afonso Vianna dos Santos, o tio “Zé Afonso”, como carinhosamente era chamado, que dedicava suas poucas horas de lazer à família, aos passarinhos e ao seu querido Vasco da Gama, que para ele era como se fosse um membro a mais de sua família.

Ao “Zé Afonso” que ainda hoje empresta sua simpatia e cordialidade em algum rincão deste Brasil, e na fase contemporânea ao recém-falecido dirigente e treinador Roque Dias, é preciso que se faça uma homenagem especial, a exemplo de Kid Chocolate, Pedro Basso, Sebastião Flor, alguns dos muitos anônimos que deram muito de si para que nosso futebol existisse e pudesse chegar até onde chegou.

Portanto a esses nomes rendo minhas mais sinceras e justas homenagens em nome da comunidade iguaçuense, especialmente a do futebol amador. Na galeria de títulos do Vasco da Gama destacamos o bicampeonato da Liga Cataratas em 1970 e 71, disputando a Taça Paraná.

O Vasco da Gama participou do Campeonato Amador Cidadino até 1979, quando sagrou-se campeão, sendo que após esse ano, só dedicou-se à categoria de futebol masters (veteranos) onde chegou a ser campeão invicto. Atualmente o clube é presidido pelo médico Roberto Fava.

Iguaçu e Industrial

Passaram também pela história do futebol amador,

times que não existem mais, mas que tiveram grande importância no desenvolvimento desse esporte em nossa cidade e região, enter eles o tricolor (branco, vermelho e preto) Sociedade Ginástica Iguaçu, que tinha na pessoa do saudoso “Capitão Ciriaco” seu maior incentivador.

Fundado em 1939, teve uma passagem importante no cenário esportivo iguaçuense.

Também o Industrial, vinculado à então poderosa empresa Industrial Madeireira, nas cores preto e amarelo, teve seus dias de glória, entre os anos de 1953 e 1965, destacando-se o atleta e dirigente Roberto Côco Grinet. De uma dissidência do Flamengo em 1960, nasceu o glorioso Atlético Clube, com as cores vermelho, branco e azul.

Formado por um seletivo grupo de amigos, capitaneados por Sebastião Flor, estavam Aníbal Abbate Soley, Vitor Giovanardi, Alfrío Gimenez, Sebastião Rodrigues, Marujo, Adilson Simão e Doca.

Bicampeão invicto nos anos de 1961 e 62, de tenra idade nasceu e morreu com seu fundador e primeiro presidente Sebastião Flor, que faleceu prematuramente, após uma partida realizada no então 1º Batalhão de Fronteira, entre Brasil, Paraguai e Argentina.

Municipal e Floresta

E finalmente o alvi-anil Municipal Esporte Clube, que nasceu vinculado aos funcionários da prefeitura, sob o comando do saudoso “João Lagarto”, como era conhecido João Limírio dos Santos e teve participação espetacular sendo bicampeão da cidade em 1966/67, apesar de curta participação no cenário desportivo de Foz.

Durante o período de construção da Hidrelétrica de Itaipu, entre os “barrageiros” vinculados a essa empresa e empreiteiras, realizavam-se “olimpíadas” internas, nas quais o futebol era uma das principais modalidades, envolvendo só o público ligado à usina.

Disso tudo sobrou o Floresta Clube, que apesar de ser um clube social, faz algumas incursões no esporte, mantendo equipes de futebol amadoras, destacando-se em diversas delas, especialmente no futebol feminino e categorias mirins.

“Em 5 de abril de 1975 surgiu a Liga Iguaçuense de Futebol (LIF), existente até os dias de hoje, fundada pelos clubes ABC, Gresfi, Flamengo, Vasco da Gama e Clube Atlético Operário”



Vasco da Gama, equipe de 1970. Campeã da Liga Cataratas. Em pé: Marquadt, Lúcio, Murilo, Fred, Baixinho e Sapo. Agachados: Nico, Ricardinho, Fava, Newton e Miltinho.

Liga de Futebol

Desde os primórdios da existência do futebol em nossa cidade, sempre houve uma entidade responsável, chamada de Liga de Futebol que coordenava essa atividade, mas infelizmente apesar do trabalho e da dedicação de muitos importantes desportistas, destacando-se Almyr Antônio Machado Nunes, sargento Campana, Idalino e Ângelo Favassa, Roberto "Côco" Grignet, Benitez, perdeu-se com eles as informações dessas entidades. Praticamente não há registros daquela época.

O que se tem notícia é de que, na pós-fundação do ABC, independente da Liga, o clube disputava partidas amistosas contra as equipes da Companhia de Fronteira do Exército, Clube do Comércio e contra os funcionários públicos, além de partidas ou torneios nas cidades vizinhas dos países fronteiriços.

A abrangência da Liga de Futebol ia até Cascavel, sendo que os campeonatos de então, tinham a participação de equipes de toda a região, lembrando que o município de Foz do Iguaçu, chegou a abranger até onde hoje é o município de Laranjeiras do Sul, incluindo-se todo o território até lá (Cascavel, Céu Azul, Matelândia, Medianeira, São Miguel do Iguaçu e Santa Terezinha de Itaipu).

Também era costume, as equipes locais realizarem excursões para jogos em territórios argentino e paraguaio, que pelas precárias condições de transporte e das estradas, resumiam-se às cidades mais próximas.

Dessas viagens há histórias sensacionais, que vamos contar (omitindo os personagens – apesar das pistas dadas – por razões óbvias) apenas uma, que ocorreu quando um time (de cores vermelho e preto) de então, realizou uma excursão à uma cidade argentina e os atletas iguaçuenses, estavam sendo alvo da curiosidade dos vizinhos, especialmente das moças, que toda vez que avistavam um certo jogador (que hoje é um competente advogado em nossa cidade), repetiam um mesmo comentário, que aos ouvidos do incauto atleta, soavam como: "que bonito!!", envaidecendo o nosso "baixinho" representante.

Mas notando que o "rapaz" estava muito assanhado, um certo amigo que dominava o espanhol, esclareceu a questão dizendo: "Olha, meu caro "ponta-esquerda", o que as moças estão realmente dizendo é: "Tchê, monito!!", que traduzido para o português quer dizer: "Ei, macaquinho!!". Imaginem como foi a gozação em cima do nosso querido ex-presidente de entidade patronal.

A integração fronteiriça era tanta, que era de praxe, a realização de um torneio entre as seleções dos jogadores amadores desta tríptica fronteira, nas datas oficiais da Independência de cada país, sendo que o homenageado, sediava o torneio (Brasil – 7 de setembro; Paraguai – 14 de maio e Argentina – 25 de maio).

Liga Regional

Em 1969, foi fundada a Liga Regional Futebol Cataratas, por Ferdinando Felice Pagot de São Miguel do Iguaçu e teve como seu primeiro presidente Mário Oro. A entidade era filiada à Federação Paranaense de Futebol e realizava campeonatos regionais que reuniam os municípios com as seguintes equipes: Comercial de São Miguel do Iguaçu, União e Grêmio de Medianeira, ABC, Flamengo e Vasco da Gama de Foz do Iguaçu, Aimoré de Matelândia, Botafogo da Agro Cafeeira, Associação Atlético Céu Azul, Atlético Operário de Santa Terezinha e Grêmio Esportivo Missal.

O time campeão adquiria direito a disputar a Taça Paraná, que era o maior título do futebol amador do Estado. A Liga Cataratas durou até 1975, quando iniciou-se um movimento para a criação de ligas municipais. Em Foz, a 5 de abril de 1975 surgiu a Liga Iguaçuense de Futebol (LIF), existente até os dias de hoje, fundada pelos clubes ABC, Gresfi, Flamengo, Vasco da Gama e Clube Atlético Operário, que representa os clubes de futebol amador do Município. A Liga foi fundada com a incumbência de registrar os clubes e seus atletas, organizar os certames esportivos entre seus filiados, manter equipes de árbitros e de assistentes, assim como órgãos de Justiça Desportiva (JJD). Foi reconhecida pela Federação Paranaense de Futebol em 6 de maio de 1975, conforme protocolo 1193/75.

Atualmente é presidida pelo desportista Jaime Marquezi. Passaram pela presidência da nossa LIF, nomes importantes como os de: Roberto "Côco" Ariel Grignet, Alberto (Betinho) Holler, José Roberto Portinho, Antônio Sady Buzanello, Olívio Antonioli, Arnaldo Gamba, Manoel Jobs Gomes e Vôniro Ramos da Quinta.

Infelizmente, nossa Liga não teve a mesma evolução como as de alguns de nossos clubes que hoje estão consolidados. A Liga foi e continua sendo totalmente dependente de seu presidente e apesar de alguns poucos abnegados que tentam dar seu apoio e seu trabalho, ela está longe do ideal, não tendo sede própria, nem tampouco uma estrutura administrativa operacional condizente.

Hoje estão registrados na LIF, como participantes do campeonato citadino da 1ª divisão do futebol ama-

Desde os primórdios da existência do futebol em nossa cidade, sempre houve uma entidade responsável, chamada de Liga de Futebol



Vista aérea do estádio do ABC, que já foi usado para treinos da Seleção Brasileira durante a Copa América em 1999.

dor de nossa cidade as seguintes agremiações: ABC, Gresfi, Flamengo, CRG 14, Eurofoz, União CRD, 12 de Outubro, Três Lagoas, Jardim São Paulo, Copacabana, Auritânia, Portal da Foz, Porto Belo, Maracanã e Vila C.

Coordena e mantém a LIF, também atividades futebolísticas na segunda divisão, nos veteranos, no feminino e nas categorias de base juniores, juvenil, infantil e fraldinhas.

Futebol Master

Em nossa cidade, com certeza é praticado, sem falsa modéstia, um dos melhores futebol master (veterano) do Brasil, que é disputado há longa data (antes de 1977), antes com torneios que contaram com a especial participação do inesquecível Coroas Clube e atualmente, em forma de campeonatos citadinos, além dos clubes tradicionais (Flamengo, ABC, Gresfi, Vasco), dos times dos bairros (Porto Meira e Três Lagoas), participam equipes especialmente montadas para a categoria de veteranos, como o Caldeirão, Clube dos 14, Mônaco, entre outros. Mas este é um capítulo a ser contado à parte e em outra ocasião.

Também e em paralelo à vida do futebol amador, tivemos o movimento que criou uma equipe de futebol profissional (atualmente o Cataratas Esporte Clube) em nossa cidade, mas isso, a exemplo dos veteranos, é uma outra história.

Nos dias de hoje o futebol em nossa cidade apesar do time profissional e do bom campeonato amador, dos destaques dos veteranos e futebol feminino, não se compara aos anos 50 quando famílias inteiras iam aos campos, assistir aos jogos de então. Mas como mostra o flagrante das lindas moçoilas jogadoras do time de basquetebol do Vasco da Gama, não só o futebol era praticado naqueles anos.

Colaboraram com informações e cessão de fotos os seguintes desportistas: Carlos Luiz Samways, Ademir Flor, Irineu Basso, Carlos Arturo Mallorquin, Roberto Fava, Roberto "Côco" Grignet, Newton "Bilo" dos Santos, sargentos Britez e Ambrósio, o fotógrafo Paiva Neves, a quem, em nome da comunidade iguaçuense e em meu nome particular, presto os meus sinceros votos de agradecimentos por terem dedicado seu tempo e seu conhecimento para que pudéssemos realizar este breve relato.



Equipe do ABC, campeã amador 2001.

Hamilton Luiz Machado Nunes, MITO, nascido em Foz do Iguaçu, em 19 de outubro de 1951. Jogou futebol nas equipes do ABC, Flamengo e Vasco da Gama, hoje é sócio do Clube Caldeirão e diretor-secretário e conselheiro do ABC Futebol Clube

A história de uma região onde três países são unidos e separados pelos rios Paraná e Iguaçu

As águas da tríplice fronteira

por Emerson Dias



A criação de uma rede fluvial de transporte internacional na bacia do Rio Paraná, que abrangeria os estados de São Paulo, Paraná e Mato Grosso do Sul e cidades paraguaias e argentinas, sempre foi o sonho de muitos “marinheiros de água doce”, apaixonados pela vida sobre um convés. Mas as barreiras naturais (antes, Sete Quedas) e criadas pelo homem (agora, Usina de Itaipu) transformaram esta idéia em mero devaneio desde o início da colonização do Oeste do Estado, lá pelos idos de 1890.

Mas ao contrário do nosso País, Argentina e Para-

guai provaram que as hidrovias são viáveis, tanto que as “chatas” – cargueiros flutuantes com capacidade para 250 toneladas – trafegam tranquilamente pelos rios Paraguai, Paraná (abaixo da Itaipu) e Rio da Prata (fronteira Argentina/Uruguai).

Diferente da maior hidrelétrica do mundo, a Usina Binacional de Yaciretá (fronteira Argentina/Paraguai, também construída no Rio Paraná) oferece condições de transbordo das barcas graças a uma eclusa, um “elevador de água” que facilita a viagem dos graneleiros fluviais que saem da tríplice fronteira e seguem até

os portos de Montevideu e Buenos Aires. O Brasil possui boa estrutura na Hidrovia Paraná-Tietê, onde o navegante pode embarcar em Guaíra, seguir pelo “Paraná”, passando pelas eclusas das usinas de Jupiá (Três Lagoas-MS) e Ilha Solteira (Ilha Solteira-SP), percorrer o canal artificial de Pereira Barreto (SP) e chegar ao Porto de Anhumas (região metropolitana de São Paulo). O curioso é que os maiores usuários deste trajeto são os importadores paraguaios. Somente os portos de Salto del Guairá (próximo à Guaíra) e de Hernández (atracadouro chamado “La Paz” e distante 25 quilômetros de Foz), movimentam cerca de 120 mil toneladas de grãos todos os anos (o transporte fluvial abaixo da Itaipu é bem maior).

A questão é complexa e envolve empresários, autoridades internacionais e, é claro, estivadores e navegantes. Nesta reportagem, a Folha resgata a história da zona portuária tida como uma das movimentadas da América Latina. Fatos que podem servir para motivar um sistema que reduza os custos de transporte em até 40%, para atiçar a curiosidade do jovens marinheiros ou simplesmente para lembrar a “época de ouro” dos moradores de Puerto Presidente Franco (Paraguai), Puerto Iguazú (Argentina) e Vila Iguazu (antiga Foz do Iguazu). Todos a bordo!

Emerson Dias é jornalista e repórter da Folha de Londrina – o texto em questão e os que seguem foram publicados na Folha na edição de 4/11/2001.

Navegação serviu região por um século

Oficialmente, Foz do Iguazu e a cidade paraguaia de Puerto Franco (a 10 quilômetros de Foz e criada em 1º de agosto de 1929) foram fundadas praticamente da mesma época. Mas a história da navegação fluvial antecede o ano de 1880, período em que a extração da madeira e da erva mate agitava a região conhecida como “Tríplice Fronteira”.

Relatos de pai para filho descrevem enormes jangadas, construídas de madeiras nobres como cedro, marfim e ipê. Os troncos eram transportados em grandes carros-de-boi e levados até a margem. As toras eram amarradas, lançadas ao Rio Paraná e rebocadas em direção a Buenos Aires ou Montevideu. Na virada do século 20, Puerto Franco era considerado um dos atracadouros mais movimentados da América Latina. Enormes barcos a vapor transitavam pela região, passando também por Foz do Iguazu e Puerto Iguazú na Argentina. Até 1930, embarcações traziam turistas e trabalhadores da capital argentina e de cidades do sul do Paraguai. Os visitantes queriam conhecer o agitado porto e as Cataratas, e ainda a casa do cientista suíço Moisés Santiago Bertoni. Ele e Vicente Matiauda, foram os principais fundadores da cidade. A partir de 1939, o primeiro coletivo fluvial começava a circular entre os três países, utilizando os rios Paraná e Iguazu. A embarcação, movida também a vapor, continua atracada no porto. Pedro Garcete, 57 anos, cuida hoje do que ele chama de “pedaço da história”.

Com a fundação de Puerto Stroessner (atual Ciudad

del Este) em fevereiro de 1957, o movimento aumentou ainda mais. Operários se preparavam para iniciar uma das maiores obras arquitetônicas já projetadas para a região: a Ponte da Amizade. Enquanto limpavam o terreno, “barcos obreiros” traziam material. A ligação entre as duas cidades paraguaias eram feitas em kombis. A viagem de apenas sete quilômetros chegava a durar mais de duas horas em dias de chuva. “Os passageiros, que seguiam como sardinhas enlatadas, desciam para empurrar os veículos para poder chegar ao destino final. Era sacrificado, mas hoje lembramos de tudo com um certo carinho”, lembra Francisco Amarilla, 47 anos, historiador e ambientalista paraguaio. Barcos da Argentina e Uruguai vinham com encomendas das capitais e também da Europa. A chegada dos navios era motivo de festa para a população. Todos se reuniam no porto para receber os turistas, buscar produtos, vender lanches e artesanato. A pequena sede mantida pelos correios em Franco, continua em pé até hoje. Naquela época, filas eram formadas para retirar as cargas e cartas. Hotéis “cinco estrelas” como o Santa Luzia e o Três Monedas, construídos em madeira, ficavam lotados.

Em 1972, um grande acontecimento: a inauguração do sistema de energia elétrica. Foi no dia primeiro de agosto daquele ano. A população local e de cidades da região se reuniu em uma cerimônia que marcou a história da cidade e trouxe grande avanço para o porto, já que o trabalho dos estivadores passou a se estender noite adentro. Ainda na década de 70, houve a chamada “Época do Ouro Branco”, uma alusão ao tráfico de farinha de trigo argentina. “Pessoas ficaram ricas fazendo o contrabando para o Paraguai e também para o Brasil em pequenos barcos, garantindo o sustento dos moradores ribeirinhos. Hoje, o pó branco é outro, rende mais dinheiro e é altamente perigoso”, brincou Amarilla, referindo-se ao narcotráfico.

Com o nascimento do comércio em Ciudad del Este, o movimento de Puerto Franco foi definindo. Em 1983, o porto foi fechado, direcionando o trânsito fronteiriço para a Ponte da Amizade. Mas para os antigos estivadores, o sonho ainda não morreu. Edufigis Zarate, trabalhou durante 30 anos no conhecido porto. Hoje, aposentado aos 57 anos, ele tem esperança de um dia o local voltar a ser movimentado. “Ainda mantemos o sindicato com 30 estivadores. Todos esperam pela reabertura dos portos (anunciada pelos governos paraguaio e brasileiro) e também voltar a ganhar 70 mil guaranis (cerca de R\$ 40) por dia”, disse Zarate. Enquanto o movimento não volta, a história fica marcada pelas “carcaças” de antigos rebocadores, depositados no fundo do “Paraná”. Em época de seca, lembranças enferrujadas surgem do rio, assim como afloram na memória dos moradores da região. A “arenera” (transportadora de material de construção utilizado na ponte) é um destes exemplos. Escondido sob as águas há 26 anos, o último dos grandes cargueiros se expõe aos curiosos pescadores. Um marco histórico que representa as tragédias e conquistas dos habitantes da região.

Explosão de vapor **matou 120**



Oficialmente, a história dos rios que formam a tríplice fronteira é marcada por três grandes tragédias. A maior delas aconteceu em 1924, quando um navio a vapor explodiu no Rio Iguaçu, matando pelo menos 120 passageiros.

A última foi registrada em 5 de setembro de 1999, data em que sete pessoas morreram. Mesmo sendo inverno, a seca castigava a região Oeste do Estado, reduzindo a vazão das águas e estreitando o Rio Iguaçu. Por volta das 10h30, o maior barco do Macuco Safári (empresa que promove passeios em direção às Cataratas do Iguaçu) saía do porto e subia a correnteza levando 23 turistas para verem de perto as famosas quedas do rio, enquanto outra embarcação com dez pessoas, incluindo o piloto Cândido Siqueira, voltava do passeio em direção ao atracadouro.

O choque aconteceu em um trecho estreito. Segundo as investigações da polícia, Siqueira não teria mantido o barco no lado direito do rio, desrespeitando as normas marítimas internacionais. O piloto e outros seis turistas morreram.

Outro acidente grave aconteceu em um dos recantos mais conhecidos do Paraná entre os anos 70 e 80: o Parque de Sete Quedas em Guaíra (hoje submersas pelo Lago de Itaipu). O acidente não envolveu nenhuma embarcação, mas provocou a morte de 14 pessoas. Em 17 de janeiro de 1982, um grupo de turistas circulava em uma ponte pêncil construída sobre o salto de número 14. Os cabos que sustentavam a ponte romperam, derrubando os visitantes na garganta formada pelas cachoeiras.

A maior tragédia no entanto não possui registros fotográficos e seus detalhes foram passados de pai para filho. “Meu pai, José Werner, foi um dos poucos sobreviventes da explosão do vapor Santa Cruz, em 1924. Reencontrar ele foi uma das maiores felicidades da minha mãe (Olivia Matte Werner)”, comentou Darci Werner, 86 anos, integrante de uma das famílias mais tradicionais de Foz, lembrando que uma tia também sobreviveu ao acidente. A Folha buscou registros históricos sobre o caso e encontrou uma entrevista do pioneiro, concedida ao Jornal Nosso Tempo em 1981. Para mostrar o medo e o desespero dos envolvidos no acidente, nada melhor que reproduzir a história narrada pela própria vítima: José Werner:;

“Vínhamos de Curitiba pelo Rio Iguaçu. Éramos cerca de 150 pessoas, a maioria era de turistas que iam para a Argentina. De madrugada, quando todos dormiam, ocorreu a explosão. Era proibido, mas o barco transportava seis tambores de gasolina. No momento da primeira explosão, estava perto da minha irmã, que se agarrou em mim. Logo eu não vi mais nada porque ocorreram outras explosões. Quando me dei conta, estávamos no meio d’água e do fogo. Sofri queimaduras graves, principalmente no rosto. Foi um acidente terrível. Morreram mais de 120 pessoas”.



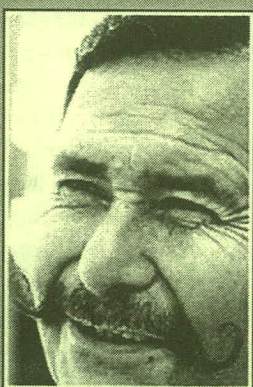
O estivador Zarate:
esperança



O ambientalista Amarilla:
carinho



Werner ainda jovem:
sobrevivente



Bertoni: sobrenome
ilustre

Colônia Militar deu origem a Foz do Iguaçu

As primeiras casas construídas em Foz do Iguaçu datam de 1880, época em que argentinos e paraguaios eram maioria de uma população que circulava livremente pela fronteira e sobrevivia da extração de madeira e erva-mate. Para resgatar a soberania da região, o Ministério da Guerra decidiu criar uma colônia militar em 1888.

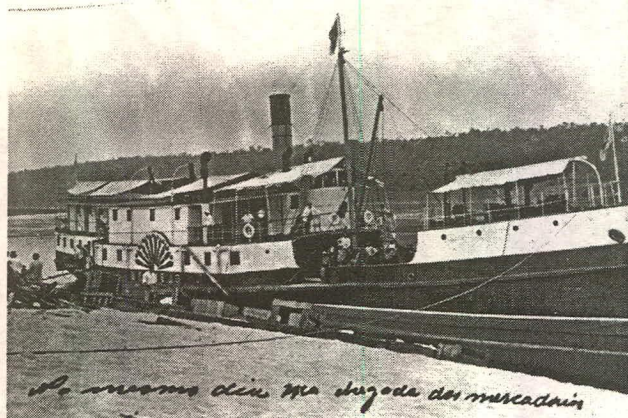
No ano seguinte, uma expedição formada por 34 soldados, 12 operários civis e quatro tropeiros, aportou na região e realizou o primeiro censo: 324 pessoas foram cadastradas, 85% estrangeiros. Com a chegada de novas caravanas pelo Rio Paraná e pelo Caminho de Guarapuava, começava a colonização do extremo oeste do Estado. Já nos primeiros anos do século 20, o vilarejo já contava com duas mil pessoas, quatro mercearias, uma hospedaria, engenhos de açúcar e cachaca, pequenas roças e um quartel improvisado. A fundação do município de Vila Iguaçu seria oficializada somente em 1914 (o nome mudaria definitivamente em 1918).

Como as estradas (na verdade, picadas) dificultavam a viagem dos colonizadores por terra, as embarcações se tornaram a melhor opção para quem desejava conhecer a “Terra das Cataratas”. A burguesia curitibana realizava “safáris”, utilizando barcos a vapor para viajar pelo Rio Iguaçu. Turistas, empresários, profissionais liberais e até simples operários, utilizavam o itinerário mais conhecido da década de 20. As viagens de alta classe também registraram tragédias, como a explosão de um vapor em 1924, onde morreram cerca de 120 pessoas.

A cidade também foi palco de acontecimentos históricos, como a invasão da Coluna Prestes em 1924. O grupo liderado por Luiz Carlos Prestes permaneceu quase um ano na fronteira. A presença do Exército inibiu por muito tempo o desenvolvimento de Foz, enquanto do outro lado do Rio Paraná, o comércio se expandia com velocidade. Até o surgimento da Ponte da Amizade em março de 1965, Ciudad del Este (distante dez quilômetros de Puerto Franco) era chamada de Puerto Stroessner e não passava de um vilarejo com pouco mais de mil habitantes.

A Capitania dos Portos do Rio Paraná foi fundada em 1933. Os marujos acompanhavam o trabalho dos soldados e vigiavam as barrancas, na tentativa de impedir o contrabando de produtos roubados da mata nativa. Com o passar dos anos, os pequenos pescadores deixaram de “traficar” madeiras nobres e passaram a ganhar dinheiro com a venda de mercadoria ilegal (farinha de trigo argentina e cereais paraguaios eram bons exemplos na época).

Em 1950, um desentendimento diplomático chamou a atenção do governo federal. Um marujo brasileiro, conhecido como “Alemão”, foi preso por guardas paraguaios. A Capitania convocou reforços e o Ministério da Marinha enviou fuzileiros navais, que vie-



ram por terra e também pelo ar (um grupo de 20 homens saltou de pára-quedas, chamando atenção da comunidade). Depois de longa negociação, Alemão e seu pequeno barco foram liberados.

O auge da Capitania dos Portos de Foz foi registrada na década de 60, período em que a base contava com 110 homens (70 fuzileiros) prontos para garantir a segurança da fronteira. Nesta mesma época, os portos da tríplice fronteira registravam cerca de 130 grandes embarcações atracando todos os meses na região, principalmente em Puerto Franco. Com a inauguração da Ponte da Amizade, o transporte fluvial definhou, juntamente com o comércio de matérias-primas da região. A malha rodoviária se expandiu na década de 70, e com ela a instalação de empresas importadoras em Ciudad del Este. O contrabando de mercadorias “made in Paraguay” reuniu as pequenas cidades fronteiriças em uma grande metrópole, sepultando definitivamente os portos dos três países no início dos anos 80. (ED)

Emerson Dias é jornalista e repórter da Folha de Londrina – o texto em questão e os que seguem foram publicados na Folha na edição de 04/11/2001.



O canto coral em Foz do Iguaçu

por Elaine Rodinski Mota Mello

"Em 1975, surgiu o Madrigal Acapi, (Associação dos Artistas Plásticos de Foz do Iguaçu), coordenado por Haroldo Alvarenga, incansável defensor da arte"

O primeiro coral organizado em Foz do Iguaçu surgiu em 1965, fundado pelo Sargento do então 1º Batalhão de Fronteira, Paulo Campos de Oliveira e pelo Capitão Lisboa, Mestre da Banda de Música. Era o Coral Iguaçu, que contava com a participação de moradores da cidade e oficiais do Exército. Entre os participantes, lá estava o meu pai, Francisco Ferreira Mota, com sua voz de tenor e seus solos que ele nos brinda até hoje. Além dele, Arsonval Cordeiro Motta e as professoras Izoete Nieradka, Arlete Motta, Odete Rolon, Carmem Campana, Carmem Fisher e Ilda Rorato. Esse coral se apresentava principalmente no antigo Cine Star e no Gresfi, em apresentações oficiais. O repertório era riquíssimo e se destacavam as canções folclóricas.

Uma das atrações do Coral Iguaçu era a poesia em jogral e destacavam-se: "Luar do Sertão e Adivinhação", de Ivan Brandão, integrante do coral, "José", de Carlos Drummond de Andrade, "Porque Hoje é Sábado", de Vinícius de Moraes, "Irene no Céu" e "Trem de Ferro", de Manuel Bandeira. A base do Coral era do Batalhão, chegando a ter 75 integrantes e os ensaios eram no Grêmio Olavo Bilac.

Com a saída do regente Paulo Campos de Oliveira, o coral passou a ser dirigido pelo mestre da banda, tenente Felipe, que acabou falecendo de câncer, desta forma encerrando as atividades do coral, que durou

cerca de 3 anos. Em 1975, surgiu o Madrigal Acapi, (Associação dos Artistas Plásticos de Foz do Iguaçu), coordenado por Haroldo Alvarenga, incansável defensor da arte em Foz do Iguaçu. O Madrigal foi criado junto com a associação e era formado por 13 cantores. Tinha um repertório bem diversificado, com músicas populares, folclóricas e internacionais. Apresentava-se em eventos, congressos e principalmente exposições de arte promovidas pela associação. Permaneceu atuante na cidade até 1981, levando o canto coral para os moradores da cidade.

Em 1986, Rosely Motta, professora de piano, resolveu organizar um coral com alunos de sua escola, o *Studio Ars Nova*, e também com voluntários, oriundos principalmente da antiga Facisa, formando então o Coral do *Studio Ars Nova*. Foi nessa época que eu me deparei com o canto coral. Como aluna de piano de Rosely, entrei para o coral e também atuei como regente auxiliar. Que tempos difíceis... eram poucos participantes, sem experiência nenhuma com a divisão de vozes, que não se seguravam nos seus respectivos naipes. Para se concluir uma música, era necessário suar muito a camisa.

Ainda como regente auxiliar do Coral *Ars Nova*, participei do Festival de Música de Londrina e, logicamente, integrei o coro do Festival: 150 participantes. Era simplesmente incrível o som daquelas vozes todas, sem acompanhamento algum e o que era interessante: todos músicos.

A agilidade na conclusão das músicas era assustadora. Eu não acreditava, olhava para os cantos do salão de ensaio e procurava os instrumentos que eu julgava nos acompanhar, tamanha beleza de harmonia.

Voltei para Foz e o coral se tornou uma paixão. Rosely então foi morar na França e no dia que me deu a notícia de que iria embora, pediu que eu continuasse o trabalho do coral, como regente. Foi um desafio imenso, que durou cinco anos. O novo coral foi batizado de Grupo Foz Encanto, com direito a estatuto e registro em cartório, uma sociedade sem fins lucrativos.

No entanto, o local para os ensaios se tornou um problema. Por um período o coral ensaiou na sede da Secretaria Municipal de Turismo, em 1989, passando a ensaiar definitivamente no Colégio Bartolomeu Mitre. Os ensaios eram aos domingos e difícil também era conseguir o comprometimento das pessoas para que não faltassem. Além do espaço físico, outra batalha era a *xerox* das partituras, que a Fundação Cultural cedia. Nessa época, porém, já era um pouco mais fácil concluir uma música, uma vez que algumas participavam desde a formação do coral, portanto, com experiência na divisão de vozes. Mesmo assim, para formar e renovar o repertório, eram necessárias muitas horas de treino e paciência.

O Coral Foz Encanto participou de inúmeros encontros de corais, eventos, comemorações, casamentos e seu repertório era eclético. Eram realizados alguns experimentos, explorando as vozes individualmente, com acompanhamento de violão, poesias em meio à música, como foi em 1989 na I Mostra Música, realizada no Floresta Clube.

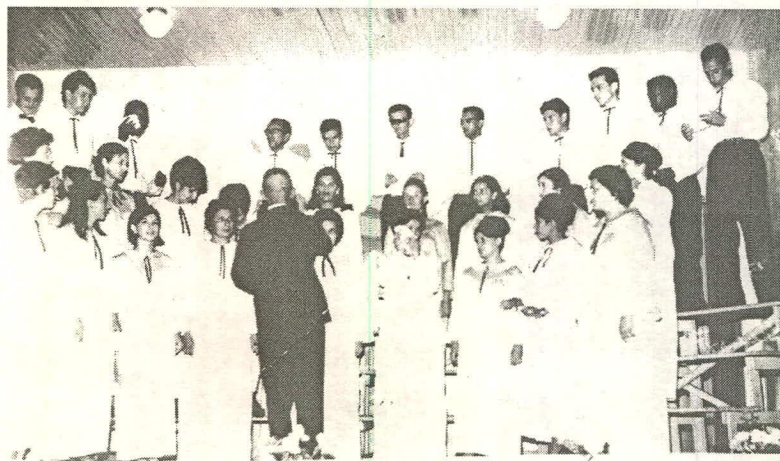
Infelizmente, o coral dissolveu-se em 1992, deixando na memória de muita gente que passou pelo grupo a lembrança dos tempos de muita dedicação ao canto coral. Dedicação verdadeira, em que todos se doavam para a música, sem pedir nem esperar nada em troca. Simplesmente pelo prazer de cantar.

Em 1993, por iniciativa de Haroldo Alvarenga, então Diretor Cultural da Fundação Cultural, surgiu o Coral Municipal de Foz do Iguaçu, tendo como primeiro regente Arsonval Cordeiro Motta e tendo como segundo regente, que permanece até hoje, o maestro Wagner Garcia de Souza, oficial do Exército e que havia formado no Quartel um coral masculino. Parte dos integrantes desse coral passou a compor o Coral Municipal, auxiliando sobremaneira nos ensaios. Aliás, uma das dificuldades dos corais amadores era justamente conseguir uma quantidade considerável de vozes masculinas para equilibrar os naipes (sopranos, contraltos, tenores e baixos).

O Coral Municipal aos poucos foi se aprimorando, até se tornar referência, devido à técnica e profissionalismo de seus participantes, chegando a gravar um CD em 1998. Destacou-se inúmeras vezes nos encontros de corais realizados nas cidades da Costa Oeste.

É claro que não se pode comparar a estrutura que o Coral Municipal conquistou com o amadorismo dos corais de anos atrás. O Coral Municipal deu e sempre

dará certo graças à subvenção municipal, não só ao coral, mas à orquestra e à banda municipal, três verdadeiros patrimônios da Fundação Cultural atualmente. Mas a cidade mudou, a mentalidade mudou. A Foz do Iguaçu da década de 80 tornou-se massificada,



Corais têm história em Foz do Iguaçu



Apresentação do Coral Foz Encanto

com sua cultura estrangulada (não dava para entender como uma cidade com mais de 100 mil habitantes só tinha um coral e quase não conseguia sobreviver).

Hoje temos o Coral da Itaipu, um orgulho, certamente, com dois CDs gravados, também uma referência. Como é bom ouvi-los! Surgiram também os corais da Copel, de igrejas e escolas. É possível até promover encontro de corais da cidade, realmente, é um progresso.

E não vai demorar muito, surgirão os corais das Faculdades, de outras empresas, de outros órgãos. Porque cantar é preciso e mais do que isso, quem aprende desde criança a gostar de cantar, passa isso para os seus filhos, que crescem, cantam e passam também para seus filhos... foi assim com o meu pai, comigo e assim está sendo com a minha filha.

Elaine Rodinski Mota Mello é turismóloga e estudante de jornalismo da UDC

A Rádio Cultura foi por muito tempo, a única porta-voz desta região da tríplice fronteira, até porque não existia outra alternativa

Cachorro, Nhô Barrigudo e Compadre Santana



por Oliveira Júnior

**"- Alô Anésio....
- Fala eclético...
- Cachorro em campo Anésio...
- Entra com qual camisa e no lugar de quem Oliveira????"**

O assunto Rádio para quem trabalhou tantos anos nesse veículo, nasce naturalmente. Mas quando se é convidado para falar a respeito, a coisa se torna mágica.

Não poderia em hipótese alguma, recusar um convite tão carinhoso da Aculfi e com isso relembrar com carinho e uma alta dose de saudade, o rádio de ontem, hoje e de sempre.

Eu particularmente só posso falar da Rádio Cultura, pois foi só nela que trabalhei por mais de 25 anos. Por que saí? Nem eu mesmo sei. Mas isso não vem ao caso agora.

A Rádio Cultura foi por muito tempo, a única porta-voz desta região da tríplice fronteira, até porque não

existia outra alternativa. O contato telefônico praticamente não existia. Televisão nem pensar.

Então sobrava para a rádio fazer as vezes e suprir a falta desses meios. O rádio pela sua própria versatilidade, nos oferece um pouco de tudo. Euforia, descontração, alegrias e tristezas, aprendizado, mas também gafes e erros.

Quem no rádio não deu sua (pedrada) ao fazer um comentário, ler um texto ou mesmo ao dar notícia extraordinária? O rádio também é feito de coisas engraçadas. Umas verídicas, outras nem tanto. Senão vejamos:

Era uma tarde de domingo, dessas bem preguiçosas. Em andamento no estádio Pedro Basso (O próprio do Flamengo FC) um jogo muito ruim do campeonato citadino.

Em um dado momento entra em campo inadvertidamente, um animal da raça canina. Mais que depressa o repórter de campo, (Oliveira Jr.) chama o narrador (Anésio Gonçalves), que ainda não tinha visto o indesejável quadrúpede.

- Alô Anésio....

- Fala eclético...

- Cachorro em campo Anésio...

- Entra com qual camisa e no lugar de quem Oliveira????

O Ennes que estava no plantão, mesmo sem entender muito bem o que estava acontecendo, emendou com uma das suas...

- Bem Anésio...

- Pelo menos o jogo vai ganhar mais FEROCIDADE.

Daí pra frente a jornada ganhou um motivo para ficar pelo menos mais interessante e descontraída.

A Rádio Cultura como todo mundo sabe, e a precursora da radiofonia iguaçuense e, por conseguinte, a que mais histórias produziu sem dúvida.

Certa feita no seu famoso programa "De Estância em Estância", Antônio Soares o nosso saudoso Nho Barrigudo, encontrava-se em meio a um emaranhado de textos comerciais e recados.

Ele sabia que precisava ler aquilo tudo num espaço de 60 minutos. E como se não bastasse, tinha ainda que tocar música gauchesca, dar a hora certa de cinco em cinco minutos e anunciar a famigerada previsão do tempo.

Na hora "H" ao olhar para o termômetro...

Cadê o termômetro?

Diante dessa situação, o Barrigudo abusando do improviso, tascou...

- Em Foz do Iguaçu, são 11 horas e quinze minutos.

- Vamos à previsão do tempo e à temperatura.
- O tempo hoje se apresenta com céu claro com pouca nebulosidade.
- Termômetro na marca dos 25 graus.

Mas nesse ínterim, um cano que trazia água da rua se rompeu causando uma verdadeira inundação logo atrás do estúdio, onde por uma infeliz coincidência, havia ficado um buraco no lugar do ar condicionado que tinha sido levado para o concerto.

Vendo aquele toró, o Nho Barrigudo mais do que depressa interrompeu a música e com muito ênfase mandou pro ar...

- Senhoras e senhores... e neste momento começa a chover muito forte em Foz do Iguaçu...

Dito isto, Antônio Soares viu a rádio inteira cair de pau em cima de si. E foi muito difícil segurar o sarro dos colegas por muito tempo.

Mas tem também, aquela do Santana.

O popularíssimo Compadre Santana (que Deus o tenha) que veio para preencher a lacuna deixada por Antônio Soares, conseguiu com o seu carisma e profissionalismo, segurar a audiência deixada pelo Barrigudo. Não fosse o motivo, a alteração teria sido muita engraçada.

Eles eram engraçados. Sai um barrigudo e entra outro. Do Antônio Soares, Santana tinha só a barriga.

Com seu fino bigode sempre muito bem aparado, sorriso constante esbanjando simpatia. Esse era o Compadre Santana que em muito pouco tempo, formou um grande fã-club e se cercou de muitos amigos e ouvintes.

Seu programa era sintonizado tanto nas borracharias e nos botequins, quanto nos escritórios e consultórios de renomados profissionais liberais. Isso ocorria no centro e na periferia da cidade.

Seu círculo de amizade era tão grande que Santana, recebia diariamente inúmeros convites para festas, *shows*, bailes, casamentos e batizados. Nos dois últimos quase sempre para ser padrinho.

Esses convites em sua maioria eram reproduzidos em seus programas. Compadre Santana criou e popularizou alguns bordões que acabaram sendo sua marca registrada.

Por exemplo: Mir de Bão e Ihuuuu!

Apesar de populares, esses dizeres lhe trouxeram alguns aborrecimentos. Certo dia na pressa de compensar a publicidade avulsa do programa "De Estância em Estância" e pela diversificação da propaganda, Santana fez uma terrível mistura nos textos.

Era muito comum o locutor anunciar por exemplo, uma nota de falecimento e um convite para missa de sétimo dia.

Mas no rádio anunciava-se também e com muita frequência, convites pra festas e bailes em toda a região.

Com seu estilo único, Santana conduzia o programa...

- Oi cumpade... Tá as mir de bão... Hoje é sábado é dia de tomá banho.

Repentinamente, Santana coloca seriedade no tom de voz e começa a ler o texto...

- E atenção...

- Nota de falecimento e convite pra missa de sétimo dia com churrascada!

- Seguida de baile... Ihuuuuuu!

No caso específico de Foz do Iguaçu, sintetizar as histórias que aconteceram no rádio ou em função dele, esse veículo maravilhoso com seus encantos e magias, realmente é muito difícil.

Lembrar e falar da ligação e da importância que muita gente teve neste contexto, também é muito difícil.

Para aqueles que tiveram algum tipo de ligação ou o menor envolvimento para o aprimoramento e a modernização do rádio de alguma forma, e notadamente na nossa região, o mais profundo reconhecimento em forma de agradecimento. Quero que os novos profissionais saibam, que a famosa Velha Guarda do Rádio, em muito contribuiu para a formação desta plêiade que aí está.

Existe uma máxima que diz: "Brasileiro não vive sem rádio". E isso é a pura verdade. Por esse motivo, eu peço aos colegas que por favor, não deturpem em momento algum esse valioso veículo de comunicação.

Tratem-no se possível, como se fosse uma jóia rara, um veículo de estimação mesmo, literalmente. Usem com consciência e responsabilidade. Não se esqueçam do freio (na língua), saibam a hora de parar. Quem fala muito dá bom-dia a poste. Obedeçam a sinalização e o limite de velocidade.

Cuidem com zelo e muito capricho do motor que é o coração dessa máquina. Ao tomarem a condução de um microfone olhem bem antes de qualquer coisa, para os espelhos retrovisores, interno e externo.



O então repórter Selmo Aragão cobria mais uma manifestação na prefeitura pela Rádio Cultura

Oliveira Júnior, radialista, repórter e jornalista é diretor da Sanval Produções e Gravações

"Compadre Santana criou e popularizou alguns bordões que acabaram sendo sua marca registrada. Por exemplo: Mir de Bão e Ihuuuu!"

Zizo fez história na política do Paraná



Zizo com seu caminhão de bebidas em Criciúma – na frente as filhas Nêga e Zenir

por Zé Beto Maciel

Uma pauta é recorrente na minha cabeça: grande parte dos políticos de Foz passou pelo PMDB, mesmo sendo hoje adversários ou arquiinimigos dos peemedebistas locais. Sempre pensei assim, e aponto nas brincadeiras da Boca Maldita, que é tudo filhote do Dobrandino.

Brincadeiras e sarros à parte, foi do MDB e do PMDB que saíram alguns integrantes hoje do PSDB, PDT, PTB, PPB, PSB, PT, PFL, PPS, PCdoB, PSD, PSC, PL, PV, PRP, PAN, PMN e PSL.

Só para avivar a memória dos mais incautos: Sérgio Spada (PSDB), Amauri Escudeiro (PSDB), Paulo Ynoue (PPB), Aluízo Palmar, Adelino de Souza (PDT), Chico Noroeste (PL), Adilson Rabelo (PSB), Mirta Baez (PT), Geovani Canal (PDT), Carlos Grellmann (PSB), Luiz Carlos Kossar (PSB), Jorge Samúdio (PT), Álvaro Neumann (PSC), Liciane Neumann (PSC), Rozily de Freitas (PPB), Arialba Freire (PFL), Nadir Rafagnin (PFL), Sérgio Lobato (PTB), Carlos Budel (PTB), Ademar Hajak (PTB), Dilto Vitorassi (PT), Sílvio Campana (PCdoB) e tantos outros que não me lembro. Todos esses, de uma forma ou de outra pensava eu, foram liderados pelo Dobrandino da Silva e hoje, parte deles é próxima ao PMDB, alguns são adversários de respeito e outros arquiinimigos declarados.

Vitorassi faz 18 anos que está no PT. Adelino, Geovani, Mirta, Grellmann e Jorge eram da JPMDB. Escudero

era do PCdoB. Sérgio Beltrame, por exemplo, que passou pelo PSDB e PFL, hoje voltou ao PMDB “de onde nunca deveria ter saído”. Pode-se dizer que o MDB e depois o PMDB era uma frentona contrapondo-se à Arena e ao PDS – lembram os maiores partidos do ocidente – e que Dobrandino comandou o partido com mão de ferro, sem permitir o surgimento de lideranças ou de “sombras políticas” como dizem alguns. Como vocês estão lendo o foco principal deste artigo até agora é a figura política de Dobrandino. Dobrandino para cá e Dobrandino para lá. Mas quero ressaltar mesmo a figura histórica e importante do irmão (quatro anos mais velho) de Dobrandino: o Altair Ferrais da Silva – o véio Zizo, o mano Zizo, o guerreiro do PMDB.

Foi graças a Zizo, que Dobrandino, seu filho Vânio e seu sobrinho Sâmis se motivaram à participação política nos tempos obscuros da ditadura, enfrentaram uma elite perdulária e predadora, ousaram no campo popular e hoje, a família Silva (Zizo, Dobrandino, Zenaide, Salute, Sâmis, Vânio, Zé Sevenir e Valetin) é exemplo de atuação política e referência popular em Foz do Iguaçu.

Conversei com a família de Zizo: dona Salute, os irmãos Vânio e Alessandro, as irmãs Nêga, Íris, Zenir e ainda com o Dobrandino, Sâmis, Valetin e companheiros do velho MDB de Guerra: Salvador Ramos, Carlinhos Almeida, Miguel Butzen e Roberto Requião. Também li duas entrevistas de Zizo, a última, já doente, dada no dia 25 de fevereiro de 2001 ao jornalista Adelino de Souza na Gazeta do Iguaçu e outra de 21 de abril de 1994, na Gazeta do Paraná. As entrevistas e as conversas, até

“Dobrandino se elegeu fácil e dois anos mais tarde seria candidato a prefeito com uma vitória surpreendente”, disse Zizo ao Adelino



À esquerda: Zizo e Dobrandino – jovens – num jantar promovido pelo PMDB
Ao lado: Zizo é abraçado por Dobrandino na posse deste na Assembleia Legislativa

com adversários de Zizo, apontam para uma figura carismática, articuladora, coerente, leal e de um amor intenso à família, em primeiro lugar, e depois à política e ao PMDB.

Histórico – Zizo nasceu no distrito de 13 de Maio, que pertencia a Tubarão (SC) em 22 de julho de 1936. Trabalhou na roça até aos 26 anos, mas já aos 12 anos entregava santinhos durante as campanhas eleitorais a contragosto do pai Gustavo e do irmão Dobrandino. Mas estava no sangue de Zizo. Zizo mais Dobrandino, Valentin e os pais Gustavo e Júlia chegaram a São João do Canavial – antigo distrito de Criciúma (atual Santa Terezinha de Itaipu) no dia 7 de setembro de 1960.

Zizo e Dobrandino já estavam casados com as irmãs Salute e Zenaide. Alcenir, a Nêga e Zenir já eram nascidas em Santa Catarina. Íris, Vânio e Cristian Alessandro nasceram em Foz do Iguaçu.

É comum dizer em Santa Terezinha, que o prefeito Sâmis da Silva e o presidente da Câmara de Vereadores, Dilto Vitorassi, nasceram lá. E é verdade, na época o distrito de Criciúma pertencia a Foz do Iguaçu.

Gustavo e Júlia da Silva e os filhos, depois de venderem os 35 hectares em 13 de Maio, compraram 120 alqueires em Criciúma e entraram no ramo do comércio de bebidas. Primeiro com um alambique e depois em 64, fundaram o Comércio de Bebidas Bidú, com filiais em Foz, Cascavel e Corbélia.

Bidú era um refrigerante cola “uma Coca-Cola disfarçada”, diz hoje Dobrandino “que se vendia como água”.

“Ganhamos muito dinheiro naquela época”, diz dona Salute. Logo que chegaram a São João do Canavial, o pai Gustavo se candidatou a uma vaga na Câmara de Vereadores de Foz do Iguaçu e segundo Zizo, na última entrevista à Gazeta do Iguaçu, “faltou quatro votos para que ele se elegeisse”.

Entre 1964 e 1975, a família Silva ficou pelas bandas de Criciúma e comprou um depósito em Foz, na Rua Santos Dumont. O negócio da Bidú cresceu tanto que deu um entrevero com um fabricante da Coca-Cola e os irmãos Silva, já crescidos e bem formados se mudaram para Foz do Iguaçu e construíram o Hotel Santos Dumont. “Tínhamos um depósito, depois construímos uma casa e aí o hotel”, diz a Nêga – uma mocinha na época.

Ditadura – Os tempos de política eram difíceis. Se você pertencia à Arena (Aliança Renovadora Nacional) tudo era tranquilo, mas pelo destino e convicção, os

irmãos Silva resolveram atender a um convite de Írio Manganelli, Antônio Damiani, Júlio Rocha Neto e Antônio Vanderli Moreira e fundaram o MDB em agosto de 1964, Zizo teve a ficha número um do partido.

“Quando formamos o PMDB, éramos perseguidos, muito vigiados. Qualquer reunião era gravada pelo pessoal. Várias vezes fomos chamados no Batalhão para prestar esclarecimentos. Na época do Grupo dos 11 diziam que éramos comunistas. Em 68 ninguém queria sair candidato a vereador pelo PMDB com medo de perseguição. Para fazermos reuniões, saíamos com o livro de Ata debaixo do braço e passávamos na casa dos companheiros até encontrar um lugar”, disse Zizo na última entrevista ao Adelino de Souza.

De 1964 até 1976, o Grupo dos 11 levou o PMDB na surdina, sem muita participação e sem muito alarde. Em 76, resolveram disputar uma vaga a Câmara de Vereadores e Dobrandino se lançou candidato. O PMDB elegeu quatro vereadores dos nove na época: Severino Sacomori, Zuleide Ruas Lucas, Francisco Freire e Sérgio Spada. Dobrandino ficou na primeira suplência.

Como Foz era área de segurança nacional – os prefeitos eram indicados. Depois de Ozires Santos, eleito em 1962 foram mais 13 prefeitos (alguns substitutos temporários porque eram presidentes da Câmara de Vereadores) e outros coronéis do Exército como Júlio Werner Hackdrat, José Carlos Toledo, Sabino Neves Vieira, Caetano Pinto Rocha e Clóvis Cunha Vianna.

Sacomori fazia oposição acirrada a Cunha Vianna que conseguiu cassá-lo. Assumiu então, o representante de Santa Terezinha, Dobrandino Gustavo da Silva.

“Em 1978 o PMDB não fez mais deputados porque não havia candidatos. Em Curitiba, um deputado elegeu-se com 12 votos. Em 1980, elegemos o Dobrandino, o Spada, o Sacomori, o Perci Lima e o Antônio das Graças. Daí começou uma guerra contra os prefeitos nomeados. Foi uma pressão muito grande. Usávamos até megafone em frente à prefeitura para fazer discursos contra o coronel Clóvis Cunha Vianna”.

Em 1982, José Richa foi eleito pelo PMDB e uma lista tríplice partiu de Foz do Iguaçu com os nomes de Wádis Benvenuti, Nadir Rafagnin e Mário Boff. Aliás, nesse meio tempo, desde 1975 Foz como iria sediar a construção da usina de Itaipu, de 35 mil habitantes pulou para 140 mil e a demanda social começou a apertar a partir da formação dos loteamentos na então periferia – hoje onde estão as grandes regiões do São Francisco e Porto Mei-

“O velho MDB de guerra jamais será um partido de aluguel. O Alvaro tentou enterrar o Richa e agora quer matar o PMDB do Paraná”, declarações de Zizo em entrevista ao jornal Gazeta do Paraná

“Queria apenas ouvir e ser ouvido e ter as portas abertas para ajudar alguns companheiros. E assim está sendo feito”



Zizo com os irmãos Valetin, Maria Júlia Vicente (tia Zuê) e Dobrandino

ra. Aprovados a toque de caixa, os loteamentos não tinham infra-estrutura (asfalto, luz, água, esgoto e transporte coletivo). Zizo, Dobrandino e a JPMDB começaram a formar associações de moradores e a pressionar o poder público a investir nos loteamentos criados. As associações chegaram a formar a Umamfi (a federação das associações) e o primeiro presidente, se não me engano, foi o Adelino de Souza.

A Igreja, através do frei Bernardo Fuchs, o PMDB e outros partidos também atuaram na defesa dos colonos desapropriados pela Itaipu. Eles acamparam na região da Ponte da Amizade e de lá partiam as reivindicações por melhor indenização das terras que seriam alagadas pelo reservatório da usina.

Esse era o clima. A cidade fazia mais de 20 anos que não votava para prefeito e estava por aqui com os militares e quem os representava no poder local. O PMDB fervia de idéias e lideranças até que veio a fusão com o PP de Tancredo Neves, aqui em Foz representado por Antônio Savaris, Mário Boff e Evandro Teixeira, entre outros.

Primeiro mandato - Zizo e Dobrandino sofreram o primeiro golpe ou puxada de tapete. A JPMDB fechou com o grupo de Mário Boff e elegeu Carlos Grellmann como presidente do partido e com a maioria dos delegados e convencionais.

Zizo e Dino não engoliram a puxada, mas na convenção que indicou o nome para o candidato a prefeito pelo PMDB, Zizo fechou um acordão com a JPMDB – tinha assinatura de Álvaro Dias, José Richa e Nelson Friedrich e Dobrandino – e o nome de Dino foi o indicado.

A JPMDB queria indicar o biólogo Roberto Ribas Lange como vice de Dobrandino, mas Lange apoiou Dobrandino e perdeu apoio da JPMDB que se contentou com Carlos Roberto Campana – de família tradicional de Foz e bem a gosto de Zizo e Dobrandino.

Dobrandino disputou com Tércio Albuquerque (PDS), Ozires Santos (PFL), Álvaro Albuquerque (PDT) e José Cateano (PT) e os venceu para um mandato tampão de três anos. Zizo foi escolhido para ser o diretor do DRM

e se tornara o principal articulador político do irmão entre os companheiros e até adversários – momentâneos e históricos.

A briga com a JPMDB foi feia. O diretório indicou Arialba Freire como candidata a deputada estadual e Sérgio Spada – como deputado constituinte em 1986. Já o grupo de Zizo e Dobrandino indicou o médico Nelson Mendes. Nem Arialba – ocupou a terceira suplência por um mês – nem Mendes conseguiram a eleição. Spada, pelo PMDB, foi eleito o primeiro candidato a deputado federal e constituinte por Foz do Iguaçu.

Para a sucessão, Dobrandino preferia o presidente da Câmara, Cláudio Rorato, e o Zizo apostava num jovem de 33 anos, o engenheiro Álvaro Neumann. “Dez dias antes da convenção decidimos fazer uma prévia para não dar racha no partido. O Cláudio fez apenas dois votos e o Dobrandino não teve dúvidas em apoiar o Álvaro Neumann. Hoje, eu vejo que estava errado”.

Zizo, nessa entrevista que deu ao Adelino de Souza, disse que os principais traidores do PMDB foram Neumann e Carlos Budel – por coincidência duas candidaturas engolidas por Dobrandino – e assumidas com fervor por Zizo – a de Neumann, e Sâmis, a de Budel.

A partir da eleição de Neumann em 1989, os penduricalhos do PMDB começaram a cair fora do barco. Primeiro Neumann tentou vencer os irmãos Silva na convenção e perdeu vergonhosamente. Depois toda a sua turma que tinha um pé no PMDB foi para o PSDB, entre eles Escudero, Ildo Scherer, Paulo Müller, Sérgio Beltrame e outros tantos. Em seguida, foi a vez de Sérgio Spada também sair do partido.

Segundo mandato - Para a eleição de 90, o PMDB lançou Dobrandino candidato a deputado estadual e Neumann preferiu apostar em Omar Tosi e Betinho Holler. “Dobrandino se elegeu fácil e dois anos mais tarde seria candidato a prefeito com uma vitória surpreendente”, disse Zizo ao Adelino.

E foi isso mesmo. Dobrandino fez o dobro de votos de Beltrame (PSDB), Paulo Mac Donald (PDT), Harry Daijó (PP) e Samuel Gomes (PT) e durante a campanha teve um motorista que se tornou secretário de Obras.

“O Budel era o motorista de Dobrandino na campanha. Ele trabalhou muito, isso é verdade. Como era engenheiro, trabalhador e tinha boas idéias, decidimos fazê-lo secretário de Obras. Ele foi crescendo e fazendo nome nas lideranças até conquistar o direito de ser candidato”.

A partir dessa eleição, a fama de articulador, bruxo político, ganhou projeção estadual. Foi numa dessas, que tem aquela famosa história com o Escudero. Zizo estava na sacada do gabinete e Escudero vinha descendo o antigo Fórum. Zizo não se conteve e gritou para o tucano: “De que véve, você Escudero? Me diga de que véve?”. Escudero respondeu um monte de impropérios e o “de que véve?” entrou no anedotário político.

A essas alturas da conjuntura política, Zizo e Dobrandino já estavam bem longe dos projetos de Spada e Álvaro Dias. Vieram as eleições estaduais de 94 e Zizo

Para muitos, Zizo está vivo, fará 66 anos em 22 de julho, mas “faz muita falta no PMDB. Suas palavras eram o Norte do partido”



Zito na sua última foto com todos os seus familiares

demonstrou mais uma vez lealdade, coerência e postura política.

Seu partido, o PMDB foi a reboque da candidatura de Álvaro Dias, do PP, que saiu do PMDB dizendo, nas palavras de Zito que “o PMDB estava com aids”. Zito pediu intervenção no diretório estadual e liderou um movimento dentro do partido contra a candidatura de Álvaro Dias – que foi do PP, passou pelo PSDB e hoje está no PDT.

“O velho MDB de guerra jamais será um partido de aluguel. O Álvaro tentou enterrar o Richa e agora quer matar o PMDB do Paraná”, foram as declarações de Zito em entrevista ao jornal Gazeta do Paraná na edição de 21 de abril de 1994.

“Temos o Governo do Estado com quase 50% de prefeito, mais de mil vereadores, diretórios estruturados em todos os municípios, uma militância de muita garra. Não acredito que alguém pense em não lançar candidatos em todos os níveis, principalmente à presidência e ao Governo do Estado. Para presidente da República, lutaremos pela candidatura de Roberto Requião. Se não for ele, apoiaremos o que for aprovado na convenção do partido”.

“Companheiros, aproveite para convocá-los a ir à luta. Não seremos um ‘partido de aluguel’. Temos propostas claras, definidas e ideológicas. Não vamos a reboque de ninguém”, convocava Zito na entrevista.

Últimas campanhas - Zito não apoiou o Álvaro e Jaime Lerner (então no PDT) foi eleito. O maior articulador político de Foz chegou a participar de mais três eleições. Chorou quando tiraram seu irmão no tapetão na disputa por uma vaga na Assembléia Legislativa em 98 e chorou mais ainda quando o sobrinho Sâmis ficou na primeira suplência da Câmara dos Deputados, atrapalhado pela enxurrada de candidatos em Foz do Iguaçu. “Isso foi proposital dos nossos adversários e de quem já comeu muito no nosso prato”, disse na época.

Já enfermo, quando se constatou uma diabetes, que lhe

tirou vários quilos, o prazer de pitar um cigarro e a vontade de estar na linha de frente das campanhas, Zito participou de sua última campanha política.

Chegou a denunciar várias vezes as pesquisas manipuladas, mas ajudou o seu sobrinho Sâmis da Silva – se eleger – numa campanha austera e “quase sem recursos” – prefeito de Foz do Iguaçu. “Se o Sâmis perdesse a eleição seria o fim da era dos Silva”, disse em fevereiro de 2001.

Sâmis ofereceu um cargo a Zito, que como sempre, o recusou porque sabia da gravidade de sua doença, mas falou que “queria apenas ouvir e ser ouvido e ter as portas abertas para ajudar alguns companheiros. E assim está sendo feito. O Sâmis vem aqui com frequência e eu sou uma espécie de conselheiro político dele”, disse Zito no dia 25 de fevereiro de 2001.

Zito completou 65 anos no dia 22 de julho do ano passado. Uma semana depois estava internado na Santa Casa Monsenhor Guilherme e não voltou mais para casa.

Morreu no dia 26 de agosto, de enfizema pulmonar devido às complicações da diabetes, estômago, fígado, muito cigarro e café. Sua morte provocou a maior comoção entre companheiros e até em adversários.

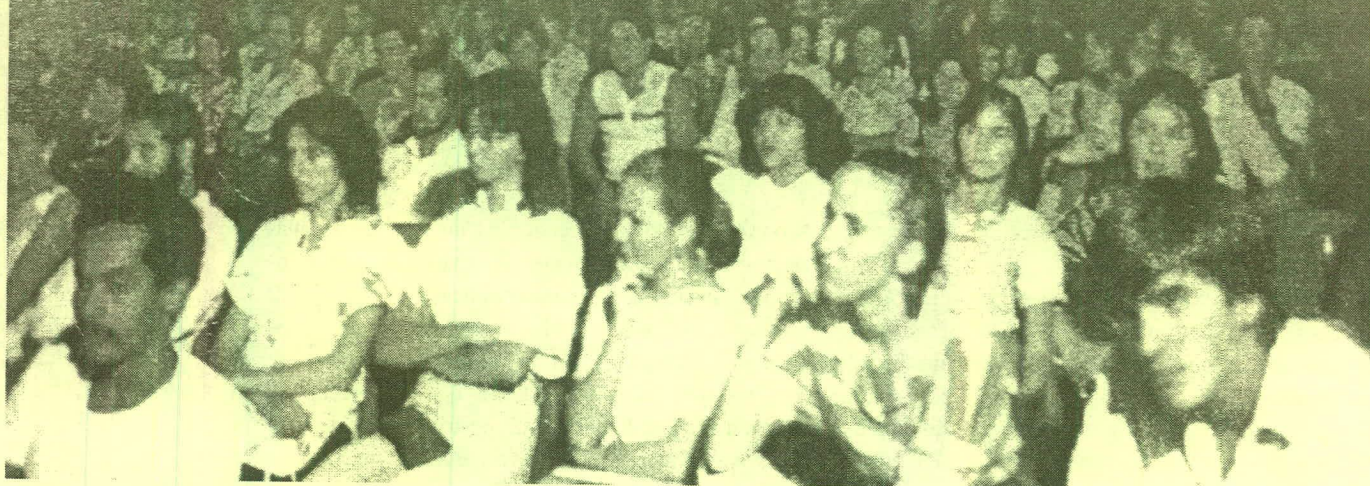
Seu nome já foi lembrado numa escola no Jardim Ipê e será também nome de avenida. Seu maior patrimônio, porém, será sua história de luta, participação política, lealdade, fidelidade partidária e integridade moral e pessoal.

No levantamento deste pequeno artigo, nas conversas com os familiares e amigos de Zito, não foi fácil segurar as lágrimas de todos com as palavras de conforto. Para muitos, Zito está vivo, fará 66 anos dia 22 de julho, mas “faz muita falta ao PMDB. Suas palavras eram o Norte do partido, eram palavras de ordem sem qualquer imposição”, diz um militante do PMDB.

Foi graças a Zito, quatro anos mais velho que Dobrandino, que o irmão mais novo, seu filho Vânio, seu sobrinho Sâmis se motivaram à participação política

Zé Beto Maciel é iguaçuense e jornalista

Movimento estudantil de Foz do Iguaçu



por André Alliana com Elias Herculano

A foto acima é de uma assembleia tumultuada na qual os estudantes da Facisa mantiveram a posição em continuar integrando a comissão pró-formação da Unioeste

No início da década de 60, o movimento estudantil (ME) em Foz do Iguaçu era um exemplo para o Paraná. Com apenas oito mil habitantes, a cidade era pólo de organização do ME em todo o Oeste do Estado, tendo inclusive eleito Sérgio Lobato vice-presidente da União Paranaense dos Estudantes Secundaristas (Upes). Com a vacância do presidente, Lobato assumiu em 1962.

Em 23 de junho de 1963 foi fundada a União Iguaçuense dos Estudantes Secundaristas (Uies), que tinha, Sinval Lobato Machado, como presidente; o jornalista Fábio Campana, vice-presidente e Paulo Roberto Tropinski, secretário geral. Participavam também as atuais professoras Izoete Nieradka e Glória Romeiro Neumann, o advogado José Bento Vidal, o atual presidente do Comtur, Wilson Martins, além de Perci Lima, ex-prefeito de Foz.

Posteriormente Sinval foi presidente da regional Oeste da Upes e presidente do Conselho Estadual de Entidades Gerais.

Com o golpe militar de 64, as reuniões da Uies foram proibidas até o ano de 1969, quando foi reorganizada pelos empresários Zulmar Ferreira da Silva e Sérgio Kusbik, (como secretário geral) e hoje secretário executivo da Acifi. O auge desse período foram os bailes da Rainha dos Estudantes que reuniam toda a sociedade igua-

çuense. Aconteciam todo mensalmente no Oeste Paraná Clube, até que foram novamente proibidas pelos militares.

Tempos depois, os estudantes voltaram a se organizar em 20 de novembro de 1978, sob a presidência de Francisco Buzzanelo, tempo em que estudantes mais conservadores fundaram a atual União Municipal Estudantil de Foz do Iguaçu (Umefi).

O grupo dos estudantes conservadores durou até 1983 e era coordenado por Geber Nasser (hoje empresário) eleito presidente da entidade em 1980.

Naquela época destacou-se a gestão (1982/83) de José Teixeira da Costa (falecido em 1985 em acidente na BR 277), considerada até hoje a gestão que mais realizou bailes, desfiles, festas e eventos que lotavam os salões do Oeste e *Country Club* e as danceterias dos hotéis Carimã e Salvatti.

Por sua atuação frente à presidência da Umefi o Grêmio Estudantil do Colégio Dom Pedro II, no Morumbi II recebeu seu nome em 1990 quando foi fundado.

Em 1984 o grupo ligado à juventude do PMDB passou a comandar a Umefi. Passaram pela presidência Valdenício Barbosa, Ramão Antônio Camacho e Nilson Evangelista, que posteriormente assumiu a vice-regional Oeste da Upes, vice-presidente e posteriormente presidente da entidade. Muitos o consideram como um dos melhores presidentes que a Upes já teve.

Mário Ângelo Neves, hoje militante do PCdoB, mudou naquela época para Curitiba, passando a presidên-

cia da Umefi a seu vice, que acabou por abandonar a entidade.

Nesse período surge o movimento estudantil universitário em Foz do Iguaçu e com ele a luta pela estadualização da antiga Faculdade de Ciências Sociais e Aplicadas (Facisa), que graças ao movimento conduzido pelos acadêmicos, se tornou a atual Unioeste, campus de Foz do Iguaçu.

Tiveram participação ativa no movimento universitário da Facisa o jornalista Zé Beto Maciel, estudante de Letras; o policial federal, Almeida; o petista, Arnaldo Camargo de Freitas e o casal Luiz Carlos e Márcia Regina.

Durante a luta pela estadualização da Facisa, a Umefi teve participação ativa através de Jorge Gimenez e Mirtha Baez, hoje tesoureiro e secretária geral do PT, respectivamente; e Romildo Rocha, que hoje trabalha no Departamento de Vigilância Sanitária da Prefeitura de Foz. Outros nomes também participaram.

Vencida a batalha pela estadualização, foi fundado formalmente o DCE da Facisa. O primeiro presidente foi o acadêmico Arnaldo Camargo de Freitas, que foi eleito o vereador mais votado em Santa Teresinha de Itaipu no ano de 1982. No ano seguinte era eleito Clóvis Grapégia, também de Santa Terezina, que é o atual presidente do PT naquele município.

Em junho de 1987 a Umefi estava sem diretoria há dois anos quando o estudante Elson Marques (do Colégio Estadual Castelo Branco), hoje jornalista da Radio Foz e assessor do deputado Sérgio Spada, depois de organizar o Grêmio da escola resolveu reorganizar a Umefi e convocou os dois grêmios que existiam naquele período: o do Colégio Agrícola e o do Colégio Almirante Tamandaré, onde André Alliana havia sido eleito presidente em 1986, com apenas 12 anos.

Alliana foi reeleito em 87, mas no dia da reunião não pôde comparecer, pois havia quebrado o pé, sendo representado pelo vice-presidente do Grêmio, Arnaldo Stihlmher.

Naquele mesmo dia, nas dependências do Colégio Castelo Branco foi organizada uma comissão provisória com apenas duas pessoas, Elson e Arnaldo.

Elson era o presidente e Arnaldo o vice. Por sugestão de Arnaldo foi convocada uma nova reunião no Centro Espírita que ficava ao lado da Acifi, onde foram convidados estudantes de várias escolas. Naquela reunião Alliana se tornou o tesoureiro, juntamente com o Juquinha, que hoje trabalha no Sine.

Na noite de 20 de novembro de 87, Foz teve a maior passeata de toda a sua história com mais de quatro mil pessoas, conforme registros da Polícia Militar. Nesse mesmo dia foi fundado o Movimento SOS Educação, que coordenou os rumos da entidade até 1992.

Em 88 começou a maior greve de professores que o Paraná já teve. Após 42 dias de greve a Umefi organizou uma passeata com a Associação de Professores do Paraná (APP), que na época era presidida pela professora Glória Romeiro Neumann.

Por dois dias o movimento ocupou o Núcleo Regional

de Educação (NRE), até que houve uma negociação para que o local fosse desocupado e foi montado um acampamento em frente ao NRE, que durou outros 37 dias. Vários estudantes permaneceram acampados no movimento dos professores. Alguns heróicos professores, como a própria Glória, da Idosa professora Carmelita de Sousa Dias, (que veio a falecer algum tempo depois, por problemas que começaram em virtude das gélidas noites no acampamento). Carmelita Dias foi homenageada, emprestando seu nome a um colégio do Porto Belo. Tiveram participação ativa os professores Miriam, Rosvaine, Tião, Zeneu e alguns outros que acampavam esporadicamente. No final daquele ano Elson, foi reeleito presidente da Umefi e deixou de trabalhar na tipografia da Revista Pánel, para trabalhar na Rádio Cultura como programador.

Em novembro 1989 André Alliana foi eleito presidente da Umefi com 18.890 votos, maior número registrado por uma chapa até hoje. A gestão se destacou pela facilidade em mobilização de classes. Certa vez o presidente Fernando Collor de Mello veio a Foz do Iguaçu e os sindicatos organizaram uma manifestação no portão de entrada da Itaipu. Chegada a hora, lá estavam cerca de 40 manifestantes.

O sindicalista Assis Paulo Sepp, dos Urbanitários, sugeriu que o ato fosse cancelado por falta de gente. Neste momento a Umefi se dividiu em dois grupos e convocou os estudantes das escolas da Vila C e do Porto Belo. Em 40 minutos haviam duas passeatas em direção ao portão da Itaipu. Do Porto Belo vieram cerca de 400 estudantes e da Vila "C", quase mil, todos ávidos em dar o seu recado ao presidente. O ônibus da Ortega Turismo - em que estava o presidente - teve vários vidros quebrados. Collor com certeza entendeu o recado do que viria pela frente.

Em 1990 Carlos Roberto Alberton foi eleito presidente do DCE da Unioeste. Na Umefi duas chapas disputaram a eleição, uma encabeçada por André Alliana e outra encabeçada por Carlos Roberts - o "Chumbo Grosso" -, que tinha ainda em sua chapa Nilson Evangelista, ex-presidente da Upes e o atual prefeito de Foz, Sâmias da Silva. Por uma diferença de pouco mais de 200 votos (cerca de 1%), André Alliana venceu a eleição.

Em 1991 Edílio Dalagnoll substituiu Alberton no DCE e a Umefi ficou sob a presidência de Valdecir de Castro, hoje presidente da Associação dos Guardas Municipais.

Venceu novamente o grupo "Abrindo Caminhos" como era chamada a chapa de Nilson e Carlos Roberts, só que dessa vez o candidato era Ozéias Rocha.

Dalagnoll foi substituído no DCE da Unioeste por Mauro, que era estagiário do Detran. Mauro Permaneceu à frente do DCE por três mandatos consecutivos - 92, 93 e 94. No início de 1992 um acordo entre Nilson, Mércia Pólis (diretora do NRE) e diretores de escolas particulares, organizaram uma nova eleição à revelia dos grêmios estudantis e da diretoria da Umefi, eleita quatro meses antes.

Após essa eleição feita por eles, proibiram a entrada dos diretores da Umefi, passando a reconhecer somente Ozéias Rocha como presidente da entidade.

No final daquele ano os grêmios estudantis, capitane-

Com o golpe militar de 64, as reuniões da Uies foram proibidas até o ano de 1969, quando foi reorganizada pelos empresários Zulmar Ferreira da Silva e Sérgio Kusbik, que era o secretário geral.

Em novembro de 1989 André Alliana foi eleito presidente da Umefi com 18.890 votos, maior número registrado por uma chapa até hoje. A gestão se destacou pela facilidade em mobilização de classes.



Estudantes da Unioeste reivindicam curso de Ciência da Computação

Em meados de 94 Valtenir Lazzarini, que havia sido secretário da Umefi dois anos antes, vence a eleição do DCE permanecendo até março de 1995. Em 1994 seis chapas se inscreveram para a eleição da Umefi.

ados por Olivério Koning Pacheco, presidente do Grêmio Estudantil Glauber Rocha do Colégio Costa e Silva, realizaram o IV Congresso Estudantil Municipal no anfiteatro do Colégio Estadual Monsenhor Guilherme e elegeram Koning, presidente de uma comissão provisória.

No ano seguinte por estar muito próximo da prefeitura, resolveu concorrer à reeleição e como provavelmente não teria chapa opositora, procurou André Aliana para incentivar alguém na disputa da eleição com ele, no intuito de se ter maior legitimidade.

Aliana que já estava organizando um grupo de oposição aceitou a empreitada para disputar a eleição, conseguindo com que o próprio Koning pagasse parte do material da campanha do concorrente. Após informar que o nome de sua chapa seria "Coração de Estudante", o grupo opositor surgiu a chapa "Declare guerra a quem finge te amar", com um sinal de proibido em um coração. A oposição acabou elegendo Eraldo Magalhães como presidente da Umefi.

Em meados de 94 Valtenir Lazzarini, que havia sido secretário da Umefi dois anos antes, vence a eleição do DCE permanecendo até março de 1995. No ano de 1994 seis chapas se inscreveram para a eleição da Umefi. Valmir Ceratto, que hoje é cobrador da Rafagnin, era o candidato da situação. Além dele concorria um grupo ligado ao PCdB, com Eliandro Avancini à frente, que anos depois foi eleito presidente do DCE da Unioeste e hoje é funcionário do Procon. Participaram ainda um grupo ligado ao PT, outro oriundo de um racha entre os petistas com Márcio André, que hoje estuda na Unioeste e milita no PSTU, Leandro "Bolachão" que coordenava uma quinta chapa com o patrocínio de alguns peemedebistas e a última, presidida por Alceu Moreira, que até então não usava barba e não tinha o apelido de "Jesus". Alceu fazia campanha sozinho em cima de uma bicicleta.

Com a contagem dos votos a vitória foi de Valmir Ceratto aí a UJS tentou com o apoio do presidente da Upes, Marcio Sanches - filiado do PCdoB - impugnar a

chapa vencedora, reconhecendo como vitoriosa a segunda colocada. Mas o fato não deu certo graças ao apoio de outras chapas concorrentes. Foi neste momento que Alceu se destacou, apesar de ter sido o último colocado.

Logo no início do mandato, Valmir abandonou a presidência seguido de todos os outros membros da diretoria, menos Alceu Moreira, que havia sido nomeado por gratidão, assessor do secretário de Esportes.

Bom, sobrou para Alceu e foi assim que ele assumiu a Umefi e se manteve por quatro anos, sendo a cada ano reeleito indiretamente em congressos, que ninguém ficava sabendo onde e quando se realizavam.

Por haver mil questionamentos sobre a legitimidade de Alceu Moreira, o "Jesus", mas sem dúvida foi na sua época em que a sede da Umefi ficou mais organizada e apresentável. A Umefi tinha recepcionista, telefone com secretária eletrônica, comprou móveis e cultivou um belo jardim. Quem não se lembra das plantas formando as letras UMEFI na Avenida JK 46, ao lado dos Correios?

Em março de 1995, sucedeu a Valtenir Lazzarini no DCE da Unioeste o acadêmico de Administração Flávio Henrique Bufon. Ao final de seu mandato, a maioria dos membros de sua chapa havia desistido e todos os centros acadêmicos da Unioeste estavam desativados, com exceção do Centro Acadêmico de Letras (CAL), que no final de 1994, havia se reorganizado e eleito para o cargo de presidente do órgão, Elias Marques Herculano, que foi reeleito para um segundo mandato em meados de 1995.

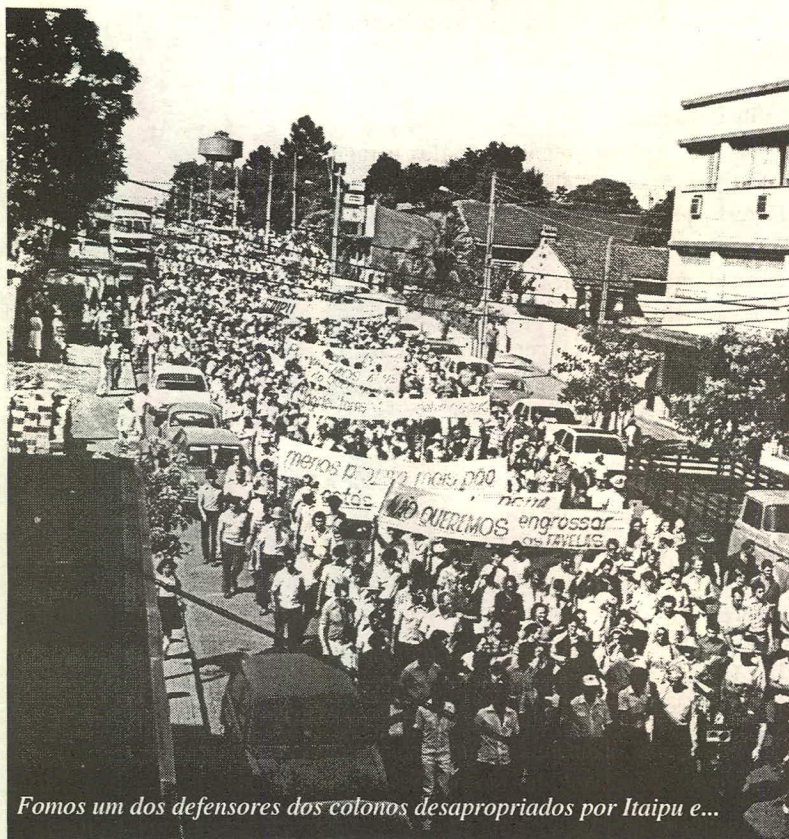
Em 1996 o CAL estava mais forte e atuante que o DCE, movimentos culturais como peças de teatro eram trazidos de fora para apresentação aos acadêmicos de Letras e abertos aos demais cursos. No início de 1996 o DCE convoca eleição e Herculano se candidata com amplo apoio dos alunos de Letras, Turismo, Administração e Ciências Contábeis e é empossado antecipadamente como presidente do DCE no final de março, depois de o Diretório permanecer fechado por três dias.

No primeiro mandato, Herculano procurou com sua equipe organizar o Diretório e reativar os demais centros acadêmicos (CAs). Até o final da primeira gestão (março de 96 a março de 97) já havia reorganizado os CAs, que com exceção do curso de Turismo, que teve eleição para o Centro Acadêmico de Turismo (Catur), os demais foram indicados por uma Comissão Provisória.

Ressurgia naquele momento o Movimento Estudantil na Unioeste. Reconduzido a um segundo mandato (97/98), em 1997 um grupo de acadêmicos, entre eles Ângelo Padovan e Chico (Francisco) do curso de Administração, o "Cebola" de Ciências Contábeis e outros acadêmicos, procuraram o DCE para organizar um movimento para trazer mais cursos para Foz.

Foi formada uma Comissão Provisória com os membros citados acima e outros que se deram à luta e em tempo recorde mais três cursos vieram para a Unioeste/Foz, contando com o apoio de toda a sociedade organizada e políticos da região. O campus de Foz que possuía cinco cursos (Letras, Administração, Turismo, Ci-

"Vivia-se um período pesado da ditadura militar instalada pelo golpe de abril de 1964"



Fomos um dos defensores dos colonos desapropriados por Itaipu e...

Episódios da Advocacia em Foz do Iguaçu

por Antônio Vanderli Moreira

Feliz a idéia da Aculfi de resgatar alguns traços da história recente de nossa cidade. Não pude me furtar ao convite de lembrar umas passagens na área do Direito.

Em julho de 1972 dei com os costados em Foz do Iguaçu. Meu destino era Cascavel. Estiquei a viagem até aqui apenas para conhecer as Cataratas. Instado a lecionar no Colégio Monsenhor Guilherme, acabei fixando residência aqui.

Ainda em 1972 fui apresentado pelo então escrivão da Vara Cível, o sempre amigo Osvaldo Mazzalli, ao dr. Álvaro Wendhausen de Albuquerque, com quem tive a honra de trabalhar até 1985, em fraterno convívio.

A Comarca de Foz do Iguaçu possuía uma Vara Cível e uma Criminal, atendidas por um único juiz, o dr. Evaldo Seeling, grande alma (idealizador do torneio "Pesca ao Dourado"). Imperava o espírito de família nas atividades forenses. Os autos eram retirados de cartório na confiança, sem assinatura em livro de carga.

A cidade contava com meia dúzia de advogados. Destacavam-se o dr. Álvaro W. de Albuquerque em matéria civil e o dr. Francisco Foltraine Freire na criminal. Eu atuara desde janeiro de 1970 apenas na Justiça do Trabalho (que em Foz era atendida juiz da Comarca).

O Direito do Trabalho constituía terreno fértil aqui,

porque grande parte dos comerciantes e hoteleiros não estava acostumada a cumprir a legislação trabalhista (nem havia órgão do Ministério do Trabalho). Mas não se corria atrás dos clientes. Nem se forçava o ajuizamento de reclamações. Foz do Iguaçu tinha pouco mais de trinta mil habitantes. Era uma cidade pacata (dormia-se com portas e janelas abertas).

Sua economia girava em torno da atividade turística (acabara o ciclo da madeira, embora os madeireiros ainda fossem economicamente fortes na cidade). O social no campo jurídico era resolvido pelos próprios advogados. O juiz expedia "Alvará de Justiça Gratuita" e os advogados atendiam sem cobrar.

Vivia-se um período pesado da ditadura militar instalada pelo golpe de abril de 1964. Em Foz a situação era ainda pior devido à sua posição geográfica junto à fronteira, à sua condição de área de segurança nacional, com um prefeito nomeado, coronel do Exército.

A advocacia independente era difícil de ser exercida por causa das influências estranhas do Poder Judiciário e por causa da pressão psicológica sobre a clientela. Não me deixava levar por ameaças ou boicotes no trabalho.

Quando os donos do poder queriam alguma coisa, levavam tudo de roldão. Foi assim, por exemplo, na perseguição do então IBDF contra pequenos agricultores dos limites do Parque Nacional do Iguaçu. Havia uma comunidade agrícola próspera junto ao Parque Nacional, a Santo Alberto. Pouco adiante, já pertencente a São Miguel do Iguaçu, havia outra, São José do Iguaçu. A maioria dos moradores possuía registro

"Em qualquer conflito social, desrespeito aos direitos humanos, afronta à liberdade de imprensa, o escritório era o endereço certo para se enfrentar os abusos"

Entidades paraguaias em Foz

As primeiras tentativas de organização surgiram em frente à atual Câmara de Vereadores, pelos idos de 1960, onde existia um restaurante com o nome de Solar Guarani. Ali se realizavam bailes populares e também de comemoração de datas patrióticas paraguaias, atentamente vigiadas pelas autoridades brasileiras, afinal de contas eram os duros anos da repressão, dos movimentos guerrilheiros paraguaios; "14 de maio" e "Fulna - Frente Unido de Libertação Nacional" e também da doutrina de segurança nacional.

A ditadura de Alfredo Stroessner, tinha profundas raízes no governo e na concepção geopolítica dos militares brasileiros tendo como ideólogo principal o general Golberi do Couto e Silva, somados ao comportamento delator naqueles tempos do próprio Consulado Paraguai em Foz do Iguaçu.

Nesses encontros de paraguaios era clara a posição contestária àquele sistema político, haja vista várias pessoas participantes delas refugiarem-se nesta região em caráter de exilados políticos. Dessa identificação ideológica pelos anos 1970 entre os governos do Brasil e Paraguai, resultou o seqüestro de membros da colônia paraguaia em Foz, Aníbal Abate Soley, Cezar Cabral, Rodolfo Mongelós, e Alejandro Stumph, (afirmando alguns que foram efetuadas a expresso pedido do governo de Stroessner), e que mais tarde se descobriria como uma das operações secretas existentes dentro do Plano Condor.

Gualberto Arce (ex-guerrilheiro do 14 de maio) conta que durante as visitas de Alfredo Stroessner a Foz, todos já preparavam seus colchões e formavam fila em frente ao Batalhão de Fronteira pois esperavam o "convite" das autoridades militares para pernoitarem por lá.

Casa Paraguai e esporte

Dessas comemorações no restaurante "Solar Guarani" surgiu a necessidade de uma organização formal, sendo realizadas várias tentativas, e a que teve continuidade transformou-se na base angular da atual Casa Paraguai, inclusive tendo a mesma como sede a esquina onde hoje encontramos o Hotel Internacional. Neste local encontrava-se uma das quadras de futebol de salão onde, organizadas pela Casa Paraguai, disputavam-se campeonatos com a participação das melhores equipes de futsal. "A afluência de público era a maior de todo o município" afirma Gregório Vargas, ex-presidente daquela Casa e também gerente da extinta Casas Buri em Foz do Iguaçu.

Atualmente a Casa Paraguai se encontra instalada no Jardim Santa Rosa, região da Vila A, bem alheia à maioria popular de paraguaios, contribuindo para isso a distância do centro, a dificuldade econômica em participar dos custos de manutenção de uma entidade bem estruturada, e o próprio desinteresse de descendentes, filhos, netos e amigos, já completamente assimilados ao modo brasileiro, o que provocou um esvaziamento de suas atividades, somado também

muitas vezes com a atitude de renegar as origens, é comum pensar que resgatar e publicitar nossas tradições sejam motivos de menosprezo por parte dos brasileiros.

Vila Paraguai

Em nossa cidade grande parte dos paraguaios se estabeleceu nas imediações do antigo aeroporto, atual Gresfi, que naqueles tempos era um bairro marginal da cidade, ainda hoje observamos que suas ruas levam o nome de cidades e personagens da história paraguaia, como por exemplo: Calle Mariscal López, Rua Ipacarái, Beco Caaguazú ..., neste bairro ainda poderemos constatar que na maioria a sua vizinhança é de pessoas de origem paraguaia.

Se bem que as famílias de origem paraguaia encontramos espalhadas por toda a cidade, "Desde o Porto Meira, onde antigamente se encontravam as maiores exportadoras de madeiras, como foram a Maripá, Marodin, Sbaraini, Jejuf etc..., quem alguma vez não viu aqueles enormes barracos que serviam para depósito de madeiras?" afirma Deli Britez, morador da Vila Maripá, "naqueles tempos isto era um formigueiro de estivadores de origem paraguaia, caminhões brasileiros e barcos argentinos transportando madeiras." Em nossos dias segundo a Pastoral dos Imigrantes da Igreja Católica vivem em Foz cerca de dois mil paraguaios, no último censo incompleto realizado em parceria com o Consulado Paraguai de Foz do Iguaçu, foram registradas 600 pessoas.

Atualmente o que se pretende nesta nova entidade é justamente resgatar o entusiasmo nos acontecimentos, artísticos, culturais, e esportivos, promovendo uma aproximação desvinculada de contribuições onerosas e burocráticas, "resgatar nossas participações sem exigir custas sociais que sejam proibitivas ao nosso povo" segundo afirma o secretário de Finanças nomeado, Alcides Penayo.

"Era comum irmos para Puerto Iguazú, em caravanas de compras, transportados em jipes e picapes e lá comprarmos no "comércio formiguinha" gêneros de primeira necessidade, alimentos como farinha, conservas, doces, licores, sabão em pó e biscoitos"



Os liberais se organizavam em Foz para a candidatura de Laino

Jorge Xavier Samúdio Gimenez é brasileiro, filho de paraguaios e ex-estudante de Direito no Paraguai

"As primeiras tentativas de organização surgiram em frente à atual Câmara de Vereadores, pelos idos de 1960, onde existia um restaurante com o nome de Solar Guarani"

Em 1960 partiram ao interior do Paraguai vários grupos guerrilheiros, saindo de bases instaladas nos países vizinhos. As mais ativas encontravam-se em território da província de Misiones, República Argentina, e algumas ramificações existiam aqui em Foz do Iguaçu, tudo com a cumplicidade dos militares argentinos muito enfurecidos ainda pelo refúgio de Domingo Perón na embaixada paraguaia em Buenos Aires e a sua posterior fuga numa canhoneira da Marinha paraguaia até Assunção, durante o golpe militar na Argentina.

"Aqui no Brasil tínhamos a simpatia de alguns setores do governo Jânio Quadros," afirma Remígio Gimenez, que fez parte com Arce do movimento "14 de maio", mas nossa situação era sempre de perigo - devido a colaboração entre as autoridades da repressão dos dois países - "Eu mesmo fui apanhado aqui em Foz e entregue às autoridades militares paraguaias na Ponte da Amizade. Fiquei preso cerca de 12 anos no presídio de Tacumbú em Assunção" afirma Remígio.

Salto de Guaíra sepultados por Itaipu

Mas a preocupação maior da colônia, foram nos anos precedentes ao Tratado de Itaipu, pela delimitação da região dos Saltos de Guaíra houve desentendimentos entre os dois países. Escutávamos pela Rádio Guaíba, o deslocamento de tropas do Rio Grande do Sul para a cidade de Foz, e a antiga estrada de Alvorada do Iguaçu, que ia até Guaíra era um espelho pela sua conservação.

Dessas escaramuças preliminares é que surgiu a "Ata do Iguaçu", assinada pelos dois governos no ano de 1967 no Hotel das Cataratas, e que decidiu pela construção de uma represa sobre o Rio Paraná.

Nos últimos anos do regime militar, a força juvenil da colônia participou intensamente no processo político do município, inicialmente organizando o Comitê do Partido Liberal do Exílio em Foz do Iguaçu que fazia parte do "Acordo Nacional" que congregava todas as partidos de oposição paraguaios, e simultaneamente também militava no leque das forças que compunham o Movimento Democrático Brasileiro.

Realizavam-se as denúncias de torturas, mortes e prisões no Paraguai - Num ambiente interno brasileiro nada propício para tal propósito: Foram realizadas duas Jornadas de Solidariedade ao Povo Paraguai com repercussões internas muito importantes no Paraguai, mas de pouco resultado na opinião pública brasileira.

Trabalhávamos pela "Campanha da Anistia", inclusive Brizola antes de regressar ao Brasil passou por Assunção, onde foi impedido de desembarcar pelos militares paraguaios e passou por Foz, onde foi recebido por uma multidão, e também na campanha pela libertação do último preso político do Brasil que foi Juvêncio Mazzarollo, jornalista que através do saudoso semanário "Nosso Tempo" abriu espaço para nossas atividades.

Depois nos engajamos pelas "Diretas Já!", pela revogação da Lei de Segurança Nacional, na campa-

nha de "Tancredo Já!", e na eleição do primeiro prefeito pós-revolução de 64 eleito pelo voto popular em Foz do Iguaçu, que foi o candidato da oposição pertencente ao PMDB, o que tinha maiores compromissos populares, e menor identificação com interesses comerciais com os militares paraguaios naquele momento.

"El queso de la sabrosa chipa"

Me lembro de quando comprávamos queijo, ovos e galinhas caipiras nas colônias de Alvorada do Iguaçu, Itacorá, Pato Bragado, Vila Celeste... todas localizadas no caminho de Guaíra. Aliás comprar produtos de colônias teve início com os paraguaios de Foz, existiam várias famílias que se dedicavam a isso, tinham algumas que iam para a região Norte - Rondon - e outras iam fazer compras dos produtos coloniais nas regiões de São Miguel do Iguaçu, Matelândia, alguns para o Sul nas regiões de Capanema, Realeza, Planalto, isto lá pelos anos 1970.

E tudo isso terminou com o início da instalação dos frigoríficos e laticínios. Trocávamos alimentos trazidos da Argentina pelos produtos de colônia, e as mercadorias mais solicitadas eram a farinha, óleo, doces e biscoitos. "A nossa chegada nas casas dos colonos sempre se constituía numa festa" diz Jorge. As crianças sabiam que entregaríamos guloseimas da Argentina. "Por que não "briquer" - como diziam os "alemães" - com os paraguaios que nos vêm oferecer e comprar produtos em nossa própria casa, do que estar fazendo compromissos de aproximar nosso leite até o laticínio? Se perguntavam os colonos.

Primeiras exportadoras

Também no ramo da exportação, ali na Bartolomeu de Gusmão em frente à escola Razão, existia a "Casa das Chitas Cedro", gerenciada por cidadãos paraguaios que vendiam fardos e fardos de tecidos exportados para o Paraguai, e que eu me lembre foi uma das primeiras nesse ramo.

Mais tarde surgiram várias outras na cidade e depois na área da Ponte da Amizade, Vila Portes e Jardim Jupira, comercializando uma enorme variedade de artigos. Até hoje não conseguimos entender como é que apesar de toda a nossa história comercial, continuamos colocando obstáculos ao livre trânsito entre as cidades vizinhas destes três países.

Ora todos sabem que dependemos uns dos outros, seja no serviço, no comércio, no transporte, nas comunicações. E o que significam todas estas cidades? Foz, Ciudad del Este, Puerto Iguazú, Presidente Franco, Hernandárias, Minga Guazú, são um verdadeiro potencial de recursos humanos, de energia hidroelétrica, de estudo em universidades, de mercado consumidor, então nos é incompreensível essas dificuldades no livre trânsito de bens e serviços, pelo menos nesta região metropolitana que mencionamos. Precisamos recuar com as "fiscalizações" nesta fronteira e acabar com essa maranha em que se transformou a Ponte da Amizade.

va, chefiada pelo engenheiro e capitão Belarmino de Mendonça Lobo, que partiu de Guarapuava com a missão de abrir uma picada que os levaria até a Foz do rio Iguassu, partindo da Boca do Chagú” que era o início do sertão nas terras a Oeste de Guarapuava. “Entre os quilômetros 205 e 206, a contar da boca da picada, em plena selva, o grupo expedicionário foi surpreendido com o encontro de uma picada em uso, com evidentes restos de pegadas de animais e homens:

(...) experimentaram tanta emoção, tão forte, tão viva que não puderam falar, nem atenderam ao tenente que lhes falara, no momento! Não era para menos! Tantos meses internados, passando a mesma vida sem mutação de painel, sem atrativos, insípida, sem notícias, (...) O chefe suspendeu o trabalho o resto do dia e foi verificar o significado d’aquela novidade, acompanhado por alguns homens da turma. Na distância de uma légua aproximadamente, encontraram um acampamento de ervateiros paraguaios(...) tão grande foi a surpresa que ficaram atoleimados.

Esclarece o historiador Júlio Nogueira; “em 1919 não existia força federal em Foz do Iguaçu, apesar da existência de três fronteiras. Quando ali estava estacionada a 12ª Companhia, para preencher seus claros, freqüentemente oriundos de deserções, eram convocados até soldados estrangeiros. Para que o leitor não suponha que estou exagerando, citarei os nomes: o primeiro chamava-se Protásio Spíndola, serviu em Foz do Iguaçu, e quando a companhia foi retirada, seguiu com ela. O segundo era paraguaio, Aurélio Cormoni (deve ser Carmona) que marchou depois com a companhia para Curitiba. Esses fatos são bem conhecidos dos habitantes do lugar”.

Sertão, floresta e malária

Em 1934, aportava em Foz do Iguaçu o primeiro médico civil, o dr Dirceu Lopes, recém-formado pela Universidade do Paraná, aceitou o encargo de vir clinicar em Foz do Iguaçu, “aquele fim de mundo”, encontrando nesta região como maior problema de saúde a “maleita” que o paraguaio chamava de “chucho”.

A epidemia ocorria geralmente após o mês de fevereiro. Nas habitações ribeirinhas ao Rio Paraná, cerca de 80 % de sua população era atacada pela maleita. “era uma verdadeira calamidade.

Chegar a uma residência e encontrar quase que toda a família acamada! O que é que podia fazer um triste médico com comprimidos de quinino? Aquela triste época em que o indivíduo tomava o quinino, mas arrebatava o estômago.

Então o que acontecia? O indivíduo tomava metade dos 40 comprimidos, sentia-se melhor e abandonava o tratamento. Resultado: crônico. Era um indivíduo que sistematicamente, todo ano, estava sujeito aos acessos de maleita. (...) Este povo, o guarani (...) é de uma resistência extraordinária. O crônico de maleita já sabia a hora de acesso. Ficava esperando o acesso. Ele se deitava no solo e esperava terminar o acesso e voltar ao trabalho”.

Desde as primeiras professoras que eram filhas de

famílias de origem paraguaia que aqui viviam, daí a origem de vários sobrenomes hispânicos; Rolón, Vera, González, Galeano, Baez, Sosa, Morales, Maciel, Ramirez, Aguilera, Zárate, e muitas outras que já se encontram mescladas aos dos brasileiros.

No desenvolvimento da cidade, desde a extração da erva-mate, atividade profundamente arraigada nas reduções jesuíticas, e muito comum aos paraguaios, até os mensus, que significava “aquele que trabalhava por mês” e os capangas, que eram os pistoleiros encarregados da segurança na empresa no tempo de trabalho das empresas ervateiras de capital inglês que contratavam trabalhadores em regime de semi-escravidão nas florestas desta região; de Guaíra até Foz no Brasil, e desde Saltos del Guairá até Tacurú Pucú, no Paraguai – Esta região conforme a história, era o dote de casamento da esposa do Marechal López, a Madame Elisa Alicia Linch – e que hoje se chama Hernandárias.

No ciclo da extração de madeiras das matas nativas; época das jangadas e de carregamento das barcas que exportavam madeiras de lei via porto de Buenos Aires e também nos primórdios do comércio fronteiriço, “era comum irmos para Puerto Iguazú, em caravanas de compras, transportados em jipes e picapes e lá comprarmos no “comércio formiguinha” gêneros de primeira necessidade, alimentos como farinha, conservas, doces, licores, sabão em pó, biscoitos, e etc... dos quais nos alimentávamos e ainda sobrava para vender às tradicionais famílias da sociedade iguaçuense.

“Naquele tempo os sacoleiros da Argentina eram na grande maioria de origem paraguaia” afirma dona Margarida Baez, lembrando as barrancas do Iguaçu no Porto Meira que se assemelhavam a um formigueiro. Dizia também do grande temor dos paraguaios à atuação dos gendarmes argentinos e também dos funcionários da extinta “Mesa de Rendas de Foz do Iguaçu” - que várias vezes apreendiam todas as mercadorias - “o pavor de nós que saíamos em busca de nossa sobrevivência, era encontrarmos as fiscalizações estatais, tanto lá na Argentina como aqui em Foz” diz ela.

Participação política

Nos anos 60, época da Revolução Cubana comandada por Che Guevara e Castro, de tensões da guerra fria entre os EUA e a URSS algumas pessoas de origem paraguaia, participaram ativamente de organizações guerrilheiras, “inclusive realizando treinamentos e simulações de combates nas matas do Parque Nacional” às margens do Rio Marechal Floriano, que nasce nas imediações de Céu Azul e desemboca no Rio Iguaçu, afinal, Sierra Maestra em Cuba era a expressão maior de um ideal.

A maior leva dos imigrantes paraguaios de Foz fez parte no Paraguai de agrupamentos políticos de oposição a Alfredo Stroessner, eram do Partido Liberal ou socialistas do Partido de “Febrero”, ou “Mopoquistas” do Movimento Popular Colorado (facção do Partido Colorado de tendência socialista), e é claro do Partido Comunista Paraguaio, sempre apontados como a pior ameaça à “democracia sem comunismo de Stroessner”.

“A Operação Condor sequestrou de membros da colônia paraguaia em Foz, Aníbal Abate Soley, Cezar Cabral, Rodolfo Mongelós, e Alejandro Stumph”

“Dessas escaramuças é que surgiu a “Ata do Iguaçu”, assinada pelos dois governos no ano de 1967 no Hotel das Cataratas, e que decidiu pela construção de uma represa sobre o Rio Paraná”

"Desde o século passado a presença de habitantes paraguaios confunde-se com a história de toda a região Oeste do Paraná"

Paraguaios e a integração da fronteira



Primeira jornada de solidariedade ao povo paraguaio realizada em Foz

por Jorge Xavier Samúdio Gimenez

"Desde as primeiras professoras que eram filhas de famílias de origem paraguaia que aqui viviam, daí a origem de vários sobrenomes hispânicos: Rolón, Vera, González, Galeano, Baez, Sosa, Morales, Maciel, Ramirez, Aguilera, Zárate"

Vou começar a minha história com um novo e velho objetivo: bem representar a colônia paraguaia de Foz do Iguaçu e congregar todos seus descendentes – filhos, netos e amigos – em todos os eventos culturais realizados neste município e procurar nessas tarefas resgatar suas tradições, e principalmente promover os ideais de solidariedade americana, entre os povos brasileiro e paraguaio.

Esse resgate está sendo feito através de uma associação. Já foram realizados reuniões, encontros e festas e definida uma coordenação provisória da qual eu sou o coordenador geral e os outros membros são: secretário de Atas, Ciro Daniel Britez; secretário de Finanças, Alcides Penayo; secretário de Eventos, Eliodoro Sosa e secretária geral de organização, Margarita Gimenez de Báez.

Nessas reuniões foi sugerido também o escudo a ser utilizado nos documentos oficiais cuja autoria é do ambientalista Francisco Amarilla, e também ficou decidida a nova denominação de uma forma que fosse bem diferenciada das organizações similares já existentes - Associação Guarani de Foz do Iguaçu – Agufi- e uma frase adenda em língua guarani "Tetá ambu-epe ya yo haihupá", traduzida como "em terras distantes convivemos em harmonia".

Fronteira da Paz

Considerando-se que nesses últimos anos a imagem lançada desta região de fronteira na mídia internacional não é das melhores, caracterizada por notícias de corrupção, violência e criminalidade, muitas vezes magnificadas de forma intencional por disputas

comerciais, atingindo principalmente o nosso país vizinho; a República do Paraguai, achamos por bem constituir-nos num coletivo comunitário, procurando aproximar os povos que aqui moram, paraguaios e brasileiros.

E desta maneira humanizar atitudes de mútua retaliação entre as autoridades dos dois países, sejam eles das polícias nacionais ou agentes controladores do trânsito, principalmente nas adjacências da Ponte da Amizade, e nada melhor para isso do que um espaço aberto de participação entre toda nossa comunidade.

Mostrar o lado positivo de nossa fronteira na partilha de problemas comuns e também das possíveis soluções. É preciso desarmar essa animosidade, retornar às nossas origens de povo hospitaleiro. Afinal de contas é a vocação natural de nossa situação geográfica.

Breve história

É de constatar que desde o século passado a presença de habitantes paraguaios confunde-se com a história de toda a região Oeste do Paraná e de forma bem acentuada com a da nossa própria cidade. No primeiro censo mencionado por historiadores (anos 1890) registram-se cerca de 324 habitantes em Foz do Iguaçu, destes 212 eram de paraguaios, alguns argentinos e até ingleses, e conforme um dos fundadores da cidade de Toledo, Alfredo Paschoal Ruaro, afirma que dos 200 pioneiros ali chegados para iniciar os trabalhos da Maripá, praticamente todos foram embora. Sobraram apenas sete.

O padre Patuí, primeiro vigário da cidade de Toledo diverge nestas observações, apenas no número. Para ele, dos 70 pioneiros, todos fugiram. Ficou apenas um, praticamente todos fugiram. A situação tornou-se desesperadora. Estava ameaçada toda a empreitada. Para que isso não ocorresse, só havia uma solução: apelar para a mão-de-obra paraguaia.

Dos mensus paraguaios ainda muitos permaneciam na região, principalmente nas margens do Rio Paraná. Se preciso fosse, recrutar-se-iam os mesmos, no próprio Paraguai. Afirma Ruaro que, com os sete colonos que restaram, começaram a recrutar paraguaios. (...) que são muito práticos e enfrentam bem essa dureza do sertão.

Segundo o padre Patuí, os colonos não agüentavam a dificuldade dos mosquitos. Os paraguaios agüentavam mais facilmente. Dessa forma, o trabalho mais pesado, mais difícil, de derrubada da mata, e a construção da estrada entre Toledo e Porto Britânia, foram dos paraguaios.

Já aqui em Foz a chegada do contingente para fundar a "Colônia Militar do Iguassu" partiu do ano de 1888, época ainda do Império, da cidade de Guarapua-

ensino médio (segundo grau) era concentrado em escolas do centro - Monsenhor Guilherme, Barão do Rio Branco e as particulares (São Luiz, Anglo Americano).

Agora, além dessas, temos o ensino médio nas cinco grandes regiões de Foz: Vila C tem duas escolas (Paulo Freire e Flávio Warken); São Francisco, duas escolas; Porto Meira tem outras duas; AKLP tem duas; no centro tem o Bartolomeu Mitre, Dinâmica, Caesp, Razão e Monjolo.

Outro dado que reforça essa realidade são as escolas de ensino superior. Há pouco tempo era só a Unioeste. Ela continua sendo a única pública, mas pulularam as particulares: Unifoz, Cesufz, UDC, Uniamérica e Anglo Americano.

Todos sabem que maior parte de quem faz o ensino médio está entre os 14 e 18 anos. Quem faz o ensino superior tem acima de 17 e a maior parte do contingente não passa dos 30 anos.

Voltemos ao IBGE. O último censo nos diz que entre o ensino infantil e o superior têm 80.343 jovens matriculados. Vamos às estatísticas: no ensino infantil são 4.689 (6%); ensino fundamental, 54.583 estudantes (67,9%); ensino médio, 15.864 (19,85%); técnico e magistério, 1000 (1,25%); e ensino superior, 4.007 (5%). Nesses números e percentuais não estão registrados os jovens que fazem cursos de aperfeiçoamento, de línguas, informática e outros do gênero.

Projetos - Pois bem, muito mais que números e percentuais se consegue identificar que parte significativa da população de Foz é formada agora por jovens, de todas as tribos, gostos e estilos. E o que nós temos a ver com isso?

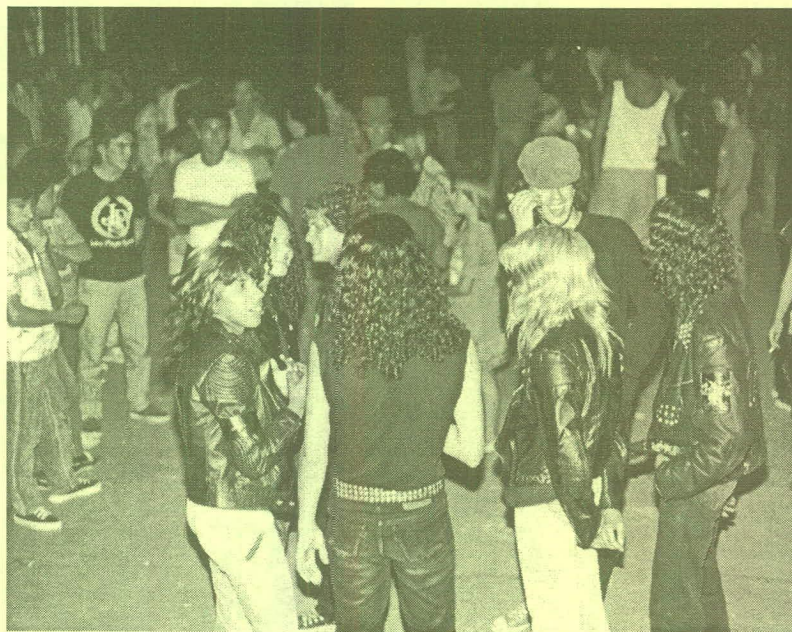
“Os desafios que derivam desse quantitativo sugerem que Foz do Iguaçu tenha um projeto próprio que crie condições para integrar a juventude ativamente na busca por caminhos e horizontes em suas comunidades”, diz um projeto elaborado pela Umefi sobre essa questão.

Esse projeto próprio, do qual se refere a Umefi, leva em conta que “é imprescindível destacar a atual fragmentação da juventude em faixas comportamentais que refletem diversas aglomerações juvenis convencionalmente chamadas de tribos urbanas”.

Isso que dizer que o “esporte, a música, a arte e tantas outras manifestações do comportamento jovem nunca tiveram tanta força e tanta participação na definição dos rumos da juventude, de expressões de lazer e diversão, muitas das manifestações jovens viraram bandeiras e ideais”.

“Desde o movimento *hip-hop* que agrega a periferia da cidade numa crescente luta por justiça social e contra a violência, passando pelas gigantescas *raves* dos *clubbers* e pela impressionante organização do *skate*, as tribos vêm crescendo e cultivando verdadeiros universos suburbanos em torno delas”.

“Essa realidade se reflete nas mídias alternativas, nos mercados específicos e nas diversas opções de lazer e concentração jovem que surgem em torno das tribos. Contudo, essa análise da realidade jovem impõe um



Primeiro show underground da década de 80 realizado no Jardim São Paulo

enorme desafio de comunicação, para qualquer agente que se disponha a atuar neste universo”.

“É fundamental que se entenda a fragmentação, que se busque a ‘desmarginalização’ de certas condutas jovens para que experiências periféricas e ‘tribais’ possam ser agregadas às políticas globais, contribuindo assim para a dinamização de qualquer projeto e principalmente para a real e efetiva participação do próprio jovem no processo”.

Qual o quê - Para resumir esse parafraseado todo basta dizer o seguinte: Estivemos com um grupo de jovens do Porto Meira. Parte gosta da diversão no centro, mas outra reivindica centros culturais e de lazer na região. “O que está faltando no Porto Meira são aqueles piscinões para afugentar o calor. Não dá para ficar em casa, trancado, morrendo de calor”, disse um.

Outro jovem disse uma realidade já comum nos bairros: “O que vou fazer agora depois que terminar o segundo grau? Não tenho emprego e nem condições de fazer uma faculdade, já que o curso que eu quero está numa faculdade privada”.

Já a turma do Jardim América não falou nada disso. “O que gente mais quer é que as coisas sejam feitas para atender ao pessoal carente de Foz do Iguaçu. Quem é jovem se vira”.

Essas e outras coisas podem estar representadas nos projetos que podem ser desenvolvidos pela Umefi, pelo PT e por outros partidos, entidades e setores organizados.

Mas o que mais deve se destacar para quem vai ler este artigo é o quanto os jovens são importantes - em termos de quantidade - para Foz do Iguaçu. Em termos de qualidade, nós estamos correndo atrás. Como todos.

“O último censo do IBGE, de novembro de 2000, aponta que a juventude equivale à cerca de 40,51% da população iguaçuense”

Zé Beto Maciel é jornalista e iguaçuense - texto já publicado nos jornais do PT de Foz e da Umefi

Jovem em Foz: a maioria que é minoria

1º Encontro
de Jovens de
Foz do
Iguaçu, em
14, 15 e 16
de julho de
1972.



por Zé Beto Maciel

"Esporte, música, arte e tantas outras manifestações nunca tiveram tanta força e tanta participação na definição dos rumos da juventude"

Podemos dizer uma porção de coisas a respeito de Foz do Iguaçu e seus jovens, mas vamos nos centrar em uma. A cidade está ficando velha e jovem. Qual é a contradição nesses quase 88 anos de emancipação política de Foz?

A diferença é que entramos no século XXI com uma geração inteira de iguaçuenses com 25, 20 e 15 anos identificados com a região e à procura de trabalho, lazer e opções culturais nas mais diversas áreas.

Vamos repetir aquela velha história do *boom* demográfico. Nos anos 70, Foz com 40 e poucos mil habitantes recebeu mais 40 mil trabalhadores que construíram a Usina de Itaipu.

Quem chegou por aqui não se identificou de imediato. Quem não se lembra de uma antiga cantilena de que Foz não tinha cultura, não tinha teatro, cinema, etc e tal? Isso pegou pesado mais nos anos 80 e parte dos 90.

O que acontecia mais era uma falta de identidade com a cidade. Mas como cobrar essa identidade se o perfil da maioria dos barrageiros era o de pular de usina

em usina, de lugar em lugar? Acontece, como vocês devem estar cansados de ouvir, que a Itaipu foi a última grande obra - a última grande barragem - e a maioria dos trabalhadores não teve outra opção senão a de se fixar em Foz. Vale lembrar que parte deles se voltou ao comércio de compras no Paraguai mais chamado de muambeiragem, comércio formiga ou laranja.

Pois bem. Essa gama de gente foi criando seus filhos - muitos deles nasceram em Foz - e chegamos em 2001 com uma parcela significativa de jovens em relação à população de Foz.

Massa meu - O último censo do IBGE, de novembro de 2000, aponta que a juventude equivale a cerca de 40,51% da população iguaçuense. Entre 11 e 15 anos são 28.420 jovens; entre 16 e 24, outros 49.089; e entre 25 e 30 anos, são mais 27.175.

Vocês notam que consideramos jovem quem tem entre 11 e 30 anos. No total são 104.684. A Organização das Nações Unidas (ONU) considera jovem quem tem entre 15 e 24 anos. Mas no caso de Foz, por interesse próprio, resolvemos esticar a faixa etária para cima e para baixo por razões que explicamos *a posteriori*.

Há dois outros dados interessantes para se constatar o volume daquilo que o jovem representa. Antes o

ências Contábeis e Ciência da Computação), recebeu já no vestibular de 1998 os cursos de Enfermagem, Engenharia Elétrica e Matemática, ficando pré-aprovado os cursos de História (que seria transferido de Marechal Cândido Rondon) e Pedagogia, que seria uma extensão do curso já existente em Cascavel.

O segundo mandato no DCE de Elias Herculano terminaria em abril de 1998, mas como o curso de Letras se encerraria em 1997, anteciparam-se as eleições e Nilton Bobato, militante do Pcdob foi eleito seu sucessor. Nesse ano não houve disputa para o DCE e Bobato foi empossado em novembro de 1997. Herculano formou-se em Letras em 1997 e é o atual secretário do CA de Jornalismo da UDC.

Em 97 na Unifoz tem na presidência de Álvaro Albuquerque Neto no Centro Acadêmico Munhoz de Mello e na Unioeste a UJS assume a presidência o jornalista comunista, Nilton Bobato, que organizou a partir da Unioeste, o Movimento "Peraí! Dá um tempo pra Cultura!".

Em 1998 na Unifoz o acadêmico José Ribeiro Neto, o "Bareta", assumiu a presidência. Na Unioeste Bobato, que prorrogou o mandato de novembro de 1997 a março de 1998, elegeu Paulo Bogler presidente do DCE. UJS com a chapa "Peraí! Umefi para todos" levou a estudante do Barão, Fernanda Fernandes, a ser eleita a primeira mulher presidente na história da Umefi. Sua gestão ficou marcada em especial pela luta pelo passe livre no transporte coletivo para os estudantes.

Em 2000 o movimento estudantil foi sem dúvida um dos grandes alicerces da campanha vitoriosa de Chico Brasileiro à Câmara de Vereadores. Geversen Luiz Lucini, foi eleito presidente do DCE da Unioeste, Mauri König organizou o CA de jornalismo na UDC, a chapa Fera ligada à juventude do PT venceu as eleições da Umefi, fazendo com que Wellington de Almeida assumisse a presidência. Wellington teve sua vitória contestada pela chapa derrotada "Reage Umefi" ligada ao PMDB.

Na Unifoz, o acadêmico Kalid Omaire do PT, foi eleito presidente do CA de Direito em substituição a Nasser Hamed Satí, tendo como auge de sua gestão o Encontro Estadual dos Estudantes de Direito (Eped), que reuniu em Foz quase 3 mil acadêmicos de Direito de todo o Estado.

Em 2001 Kalid organizou junto com militantes do PFL, um congresso da União Paranaense dos Estudantes (UPE) em Foz do Iguaçu. Juntos deram um golpe que está até hoje sendo discutido na Justiça e a verdadeira diretoria da UPE, impedida de usar sua sede em um maravilhoso casarão de três andares em Curitiba. No CA de Direito, foi eleito o seu vice, Maurício Deffassi.

Ainda em 2001, a UJS perdeu a eleição do DCE da Unioeste por 12 votos, para o grupo liderado por Wilian Rodrigo Lopes Kelme, tido como mais conservador e radicalmente contra a partidização do ME. Com a greve dos professores da Unioeste e a desistência de Wilian como presidente, assumiu o DCE da Unioeste o vice Arthur Sommer Marques.

Na Umefi a chapa "Fera" elegeu Daniel Conceição presidente, após uma eleição tumultuada, onde os membros da chapa "Reage Umefi" foram acusados de rou-

bar sete urnas de cinco escolas, onde a chapa "Fera" teria ampla maioria.

Recentemente Daniel renunciou, e assumiu a presidência da Umefi, sua vice, a estudante do Bartolomeu Mitre, Tatiana Marcelle Baez.

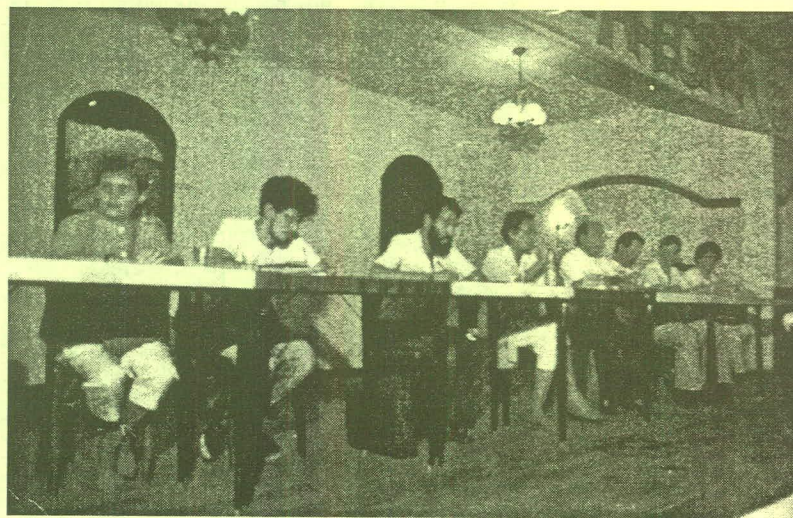
Em 2002 o CA de Direito elegeu Marcelo Dantas de Azevedo como presidente. Seu primeiro ato foi o de fazer uma pesquisa onde se constatou o que querem e pensam os acadêmicos em relação à faculdade.

Neste ano está começando uma nova história no Movimento Estudantil em Foz do Iguaçu. Há cerca de um mês estão se reunindo semanalmente representantes da Umefi, dos grêmios estudantis, Camm da Unifoz, CA de Jornalismo da UDC, o CA de Engenharia Elétrica e o DCE da Unioeste para organizarem uma espécie de Central Única dos Estudantes Secundaristas e Universitários de Foz do Iguaçu. Muita coisa deve melhorar, pois se operando separados estes órgãos estudantis são fortes, unidos serão quase invencíveis.

Recentemente Daniel renunciou, e assumiu a presidência da Umefi, sua vice, a estudante do Bartolomeu Mitre, Tatiana Marcelle Baez.



Estudantes da primeira turma de Turismo da Facisa em viagem pelo PR



Mesa que conduziu os trabalhos da assembléia da Facisa no Country Club

André Alliana, estudante de Direito da Unifoz com **Elias Herculano**, formado em Letras, estudante de Jornalismo da UDC



... dos índios Avá-Guarani pela posse de suas terras

imobiliário de suas terras. Mas o IBDF resolveu expulsar os agricultores dali e o fez de forma truculenta.

A polícia florestal prendia os colonos que estavam plantando suas lavouras, colocava em caminhões e trazia presos para a Polícia Federal. As armas do crime vinham junto, eram enxadas e máquinas manuais para se plantar milho. E eu defendia os agricultores. Por causa disso fui chamado mais de uma vez ao quartel do Exército. Não queriam que eu defendesse os colonos, muitos dos quais acabaram indo residir no Paraguai e outros em São Miguel do Iguaçu.

Não me assustava com as pressões. Já enfrentara situações piores em Porto Alegre e não reneguei meus ideais.

De outra feita, defendi os moradores da “Vila Pluma”. Haviam sido expulsos de suas casas debaixo de chuva, crianças, velhos e mulheres grávidas. Consegui liminar no Tribunal de Alçada e os moradores voltaram para suas casas. Mas no final falou mais alto a influência política da poderosa empresa CBPO.

Em outra ocasião, defendi Juvêncio Mazzarollo, Adelino de Souza e outros colegas do jornal “Nosso Tempo”, vítimas de perseguição política. Na Polícia Federal não se respeitou o direito de defesa. No julgamento houve influência dos donos do poder. O abuso foi tão gritante que o Tribunal de Alçada anulou o processo.

No início de 1981, cansados de esperar por indenização, muitos agricultores que tiveram suas terras inundadas pelo Lago de Itaipu reuniram-se no trevo da BR 277 com a Avenida Paraná. Colocaram a tropa da Polícia Militar contra os colonos. Lá fomos chamados, o dr. Álvaro e eu. Impetrou-se “habeas corpus” em favor dos desapropriados. Por fim, resolveu-se a questão.

Coloquei a advocacia, em colaboração com o Conselho Indigenista Missionário, na defesa dos índios

“Avá-Guarani”, que perderam suas terras na barranca do Rio Ocoí, inundadas pelo Lago de Itaipu. A binacional e a Funai não queriam reassentar adequadamente a comunidade indígena. Acomodaram-nos em área para eles reservada em São Miguel do Iguaçu.

Assim era como em tantos outros casos, nossa advocacia. Arrostando perigos, enfrentando dificuldades constantes por causa de nosso posicionamento político-social.

Em qualquer conflito social, desrespeito aos direitos humanos, afronta à liberdade de imprensa, o escritório era o endereço certo para se enfrentar os abusos. De minha parte, sem pretensões políticas, pensava ser o modo de dar minha colaboração para tornar cada vez melhor e mais justa a cidade que adotei como minha.

E aí está Foz do Iguaçu, uma cidade cosmopolita, que abraça a todos sem preconceitos. Uma cidade que hoje enfrenta problemas sociais causados por um governo central entreguista; uma cidade que enfrenta problemas porque na década de 70 seus governantes não se preocuparam com a era pós-construção de Itaipu (só pensavam em tirar proveito das belezas do poder ditatorial). Mas são fortes de espírito os formadores desta cidade: gaúchos, catarinenses, paranaenses, paraguaios, argentinos. São fortes e solidários os que se agregaram àqueles desbravadores: árabes, japoneses, chineses e coreanos. Todos juntos venceremos esta crise.

E Foz do Iguaçu cosmopolita e atípica será uma cidade com desenvolvimento econômico fraterno, com justiça social. Então, não terão sido em vão todas as lutas do passado.

Antônio Vanderli Moreira é advogado e Procurador-Geral de Foz do Iguaçu

“A advocacia independente era difícil de ser exercida por causa das influências estranhas do Poder Judiciário e por causa da pressão psicológica sobre a clientela”

"O livro de uma forma ou de outra, é o responsável principal para o futuro de nossa civilização"

Fronteira de cristal

por Claimar Granzotto

Meu primeiro contato com livros se deu aos 9, 10 anos de idade, creio que por influência de meu pai que, tinha uns de medicina, agricultura, outros de veterinária, e de vez em quando eu os folheava com aquela curiosidade aguçada de criança procurando quem sabe desvendar ou conhecer alguma coisa.

Lembro-me também, que aos domingos, quando ia ao cinema, levava comigo uma pilha de gibis para trocar com os colegas, aí então tinha leitura garantida e de graça para toda a semana.

Mas sem dúvida alguma, meu contato direto com o livro foi na França. Por destino, meu primeiro emprego fixo foi em uma livraria e editora especializada em todos os países da África, Ásia e América Latina. É uma livraria de se tirar o fôlego de pessoas que gostam e freqüentam esse ambiente de comunicação tão importante para a dissiminação do conhecimento do ser humano.

Em uma livraria ou em uma biblioteca qualquer, você encontra o livro, e nele contém a mais pura expressão de transmissão do conhecimento de todos os escritores, que com toda versatilidade é o que mais trouxe e vem trazendo benefícios à humanidade.

O livro de uma forma ou de outra, é o responsável principal para o futuro de nossa civilização, com o aprimoramento de nosso interior, aumentamos nosso nível cultural, condição indispensável para nossa própria segurança.

Quando deixei a França, optei por morar em Foz do Iguaçu, pois quando aqui morei por um curto período em 1969, gostei da exuberância deste lugar que ficou gravado em minha memória.

Hoje sou livreiro, trabalho com esse produto que é o livro, e com muito esforço, e principalmente com ajuda da Nathalie, minha esposa, que tem uma cultura invejável, consegui montar a Kunda Livraria Universitária que é a minha jóia, e o brilho dela eu já falei quem é, não falei?

Ah! ... Quanto ao título do texto refere-se ao livro do escritor mexicano, Carlos Fuentes, que explica os problemas dos imigrantes daquele país na fronteira com os Estados Unidos.



Por destino, meu primeiro emprego fixo foi em uma livraria e editora especializada em todos os países da África, Ásia e América Latina

Claimar Granzotto é livreiro em Foz do Iguaçu e membro fundador da Aculfi

O berço

por Aluizio Palmar

Naquele outono de pouca chuva a poeira tomava conta de tudo. A terra vermelha parecia que entrava no corpo pelos poros e narinas. Era um sábado de abril e Foz do Iguaçu estava vazia, deserta. Nem os ervateiros ousaram descer do Porto Mendes. No casarão de muitos cômodos e salão amplo, que às vezes servia como pensão, Ana Rosa reaviva o fogo e esquentava a água para o chimarrão na chaleira de ferro fundido preta de fuligem. Enquanto batem os tições resmunga culpando a revolução pela falta de movimento na cidade. Também não era pra menos. Nem os colonos, que costumavam fazer compras, tomar cachaça e jogar do bolão ao truco, apareciam nos finais de semana. Funcionários públicos e comerciantes então nem se fala. Bandearam-se todos para o outro lado do Rio Iguaçu.

Outra mexida nas brasas e Ana Rosa volta a reclamar da vida, desta vez dirigindo-se à uma rapariga que se aproxima para cevar o mate na cuia. Que façam bom proveito na Argentina, pois aqui não gastam mesmo nada.

Soldado, nem se fala. Os merdas dos revoltosos se acantonaram pros lados dos depósitos de madeira e de lá não saem. São uns cagões, morrem de medo do tal do general Isidoro. É como dizem, quem não deve não teme. Que mal pode fazer carinho de homem e mulher para a revolução? Os oficiais bem que tem lá suas vivandeiras e não carecem de roupa lavada e cobertor de orelhas. Ana Rosa estava de fato uma arara. Depois de sorver o mate, com os maxilares contraídos como a própria alma, resmungou com voz rouca, em baixo profundo, que casa vazia não enche barriga. E assim era, pois naqueles dias de revolução, com a cidade ocupada pelos paulistas, nem os soldados se atreviam a frequentar os boliches e muito menos o bar e a pensão.

Uns e outros que ousaram dar as caras no casarão da "baixada do botafogo" acabaram sendo castigados pelos sargentos, que tal como perdigueiros vistoriavam cada palmo da cidade. De vez em quando eles dão batida na pensão, proseiam com as mulheres, fuçam os quartos e vão embora sem gastar um pila sequer.

Já era fim de tarde quando um sargento entra no salão. Traz o uniforme e o corpo tomados por uma crosta de suor e poeira. Conhecedora de todos os meandros da existência, Ana Rosa tenta adivinhar os propósitos da visita. Aquele não estava em diligência de caçar soldados, nem tampouco atrás de mulher ou pinga. Ela, porém, tinha a paciência curtida e sabia muito bem manejar o tempo. Esperou indiferente o militar vistoriar o salão e os cômodos da casa. Afinal não havia motivo para desgosto, nem medo, nem tristeza, nem nada.



Revoltosos ocupando a casa do sr. Schimmelpfeng - compositor Samuel

- Dona Rosa, venho da parte do tenente Cabanas. Ele manda avisar que amanhã o general Isidoro vai precisar do salão para uma reunião com o capitão Luiz Carlos Prestes. Arrume mais uns bancos e cadeiras que devem participar uns quarenta oficiais. No dia seguinte, domingo 12 de abril de 1925, Cabanas sai do "depósito central" para inspecionar o casarão de Ana Rosa. Ainda estava escuro quando aparece com seu inseparável chapelão e um apito pendurado no pescoço. Diz pra preparar o almoço e que todas as despesas seriam pagas pelo comando. Em seguida dá as ordens à patrulha que o acompanhava. Guarnece os quatro costados da casa com vinte homens e enquanto espera enrola um cigarro. Olha pra rapariga postada num dos pés-direitos do salão e pensa em convidá-la para acompanhá-lo ao acantonamento ou então até mesmo seguir viagem pelos caminhos da revolução. Afinal as madrugadas mornas afugentam o sono e agitam o sexo.

Absorvido em seus devaneios Cabanas só se deu conta da chegada da tropa quando a rapariga correu para dentro de um dos quartos. Ajeitou o chapéu e foi receber o general Isidoro que chegava acompanhado por um grupo de oficiais e um homem franzino, baixo e barbudo. Era Prestes. Ele vinha de Barracão, depois de três meses de marcha pelos campos e florestas do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Sudoeste do Paraná.

Quando Prestes entra no salão da pousada o clima entre os revolucionários paulistas é de desânimo e capitulação. A maioria da oficialidade ainda sob o impacto da derrota em Catanduvas e a longa e desgastante permanência em Foz do Iguaçu já não tinha ânimo para continuar a luta. Diante de uma platéia composta por Miguel Costa, Juarez Távora, Isidoro Dias Lopes e seu Estado Maior e mais a dona da pensão assistindo debruçada no balcão, Prestes faz um discurso apaixonado propondo a continuidade da luta contra o governo de Artur Bernardes. Nascia naquele momento, no salão da casa de Ana Rosa, na "baixada do botafogo", em Foz do Iguaçu, a Coluna e o mito Luiz Carlos Prestes.

"Funcionários públicos e comerciantes então nem se fala. Bandearam todos para o outro lado do Rio Iguaçu"

"Nascia naquele momento, no salão da casa de Ana Rosa, na 'baixada do botafogo', em Foz do Iguaçu, a Coluna e o mito Luiz Carlos Prestes"

Aluizio Palmar é jornalista e editor do semanário Tribuna Popular

Em 1977, estudávamos no Colégio Monsenhor Guilherme, exemplo de ensino e de qualidade do seu corpo discente

Estudantes do Monsenhor Guilherme tinham participação ativa na UNE



por Marely Maciel Foster

"O auditório, único na cidade com uma infra-estrutura excelente, estava completamente destruído"

"Vale ressaltar as atividades esportivas, nas quais o Monsenhor tinha no seu maior rival o Colégio Agrícola"

Quisera que os estudantes voltassem à ativa como nos velhos tempos, mais precisamente na época da ditadura militar, quando eram perseguidos pelos seus ideais, pelas suas idéias, pelas suas reivindicações.

Em nossa cidade, como era do interior, pouco sentia-se a pressão existente sobre a classe estudantil. Porém a exemplo do que acontecia nos grandes centros, aqui também os estudantes eram ativos, reivindicadores, formadores de opiniões e mudanças.

Em 1977, estudávamos no Colégio Monsenhor Guilherme, exemplo de ensino e de qualidade do seu corpo discente. Na época passava por dificuldades, vinham poucos recursos do governo do Estado para a sua manutenção.

O auditório, único na cidade com uma infra-estrutura excelente estava completamente destruído. A maioria das cadeiras da platéia estava quebrada, o palco deteriorado, sem iluminação, ou seja, não era utilizado para nenhum tipo de atividade diante do estado em que se encontrava.

Na época o movimento estudantil era bastante ativo e após um encontro da UNE realizado em Apucarana, pela primeira vez o Monsenhor voltou com medalhas porque participou em várias atividades culturais.

Isso foi uma injeção de ânimo para o movimento tomar à frente e decidir pela restauração do auditório.

Os alunos formaram comissões de atividades. Uma para buscar doações e recursos para a restauração, outra dedicada à atividade cultural que seria apresentada na reinauguração do auditório.

A professora de Português trazia discos da MPB para serem ouvidos e interpretados na sala de aula, formou-se um grupo de jogral. Outro professor se ofereceu como diretor de teatro e ensaiou um grupo que apresentou a peça Máscaras. Vale ressaltar que como não havia espaço no colégio, os ensaios eram realizados na AABB, após as 23 horas, diariamente.

Outro grupo homenageou os índios com os cantos e danças típicas dos Guaranis. Além disso, houve declamações de poesias de Castro Alves e de outros poetas brasileiros.

Após quatro meses de intenso trabalho, fizemos a inauguração com o auditório completamente reformado, pintado, iluminado, vidros restaurados, cortinas no palco, enfim um espaço digno do colégio e dos alunos que se empenharam para aquela melhoria. A platéia era composta por pais, professores, colaboradores e autoridades locais.

Paralelo às atividades culturais, vale ressaltar as atividades esportivas, nas quais o Monsenhor tinha no seu maior rival o Colégio Agrícola. Os torneios eram realizados no Batalhão e na Marinha, onde cada jogo ou modalidade eram disputados com muita garra como se valessem uma disputa nacional, e não entre colégios, tamanho empenho que havia por parte dos alunos.

O movimento estudantil era composto pelos alunos do 2º grau, completamente desvinculado de qualquer partido político, não por não se ter ideologias, mas sim para se ter independência e principalmente para não ser manipulado. Tinha seus objetivos claros e definidos com propostas e atividades que envolviam a sociedade.

Marely Maciel Foster é administradora de empresas e ex-estudante do Colégio Monsenhor Guilherme

Venezuela: golpe e contra-golpe

A Venezuela, quarto maior país exportador de petróleo do mundo, tem enfrentado, nas últimas semanas, inquietações de grandes proporções em sua conjuntura econômica, política e social. A instabilidade social e o descontentamento de boa parte da população acarretaram o que há muito se anunciava, isto é, que a direita venezuelana, mais cedo ou mais tarde, sustentada por setores da classe média e da Igreja Católica, empresários, militares dissidentes e imprensa tentaria depor a Hugo Chávez. E isso, de fato, aconteceu no último dia 11.

Vários analistas do governo dos EUA, assim como em alguns editoriais dos principais meios de comunicação do país, chegaram a celebrar a queda de Hugo Chávez como um “resgate” da democracia. O editorial do *New York Times*, afirmou: “Com a renúncia ontem do presidente Hugo Chávez, a democracia venezuelana já não está ameaçada por um pretendido ditador”. E complementa: “Washington tem um forte interesse na recuperação da Venezuela. Caracas satisfaz agora 15 por cento das importações de petróleo estadunidenses e, com políticas mais saudáveis, poderia dar mais”. O *Times*, por sua vez, afirmou que “sabidamente” Washington nunca atacou diretamente a Chávez, evitando assim convertê-lo em um “mártir nacionalista”. Assegura que “sua remoção foi um assunto puramente venezuelano”. O diário opina que deveria convocar novas eleições o mais rápido possível e elogia a ativa participação da classe média e os movimentos civis, os quais “poderiam” ajudar a revitalizar a democracia do país e “manter a participação militar no mínimo”. “Estamos fazendo um esforço bastante contundente para não chamá-lo de golpe”, comentou ao *Washington Post* um ex-oficial militar estadunidense que analisa a política externa para a América Latina. O jornal francês *Le Monde* chamou a Hugo Chávez de “excêntrico que atraiu a hostilidade de setores inteiros da sociedade”. A razão de sua queda, segundo o jornal, foi a “excessiva confiança em si mesmo” e por “menosprezar as manifestações e greves”. A gestão do governo Chávez foi marcada, segundo o jornal espanhol *El País* “pela provocação e o abuso da discrepância” o que ocasionou a queda do presidente venezuelano do poder por um “levante cívico-militar”.

O governo norte-americano jamais escondeu sua aversão e desprezo por Chávez que há muito tempo vinha fazendo pronunciamentos “antiamericanos”. Eis alguns exemplos da indisposição de Chávez contra o governo dos EUA: em outubro passado Chávez fez críticas à guerra dos EUA contra o Afeganistão, afirmando que se estava “lutando contra o terror com terror” e mostrou fotos de crianças mortas no Afeganistão, fato que causou a ira de Washington. Em fevereiro deste ano o Departamento de Estado e a CIA expressaram sua “preocupação” pelas atividades de Chávez e seu governo. Chávez já estava sendo acusado de manter vínculos suspeitos com países considerados inimigos pelos Estados Unidos, entre eles Cuba.



Chavez é retaliado pelos EUA porque quer acabar com a miséria na Venezuela

No mesmo mês, o secretário de Estado, Colin Powell, declarou ante o Congresso que Chávez visitava países “estranhos”, em referência às suas viagens à Líbia, Irã e Iraque. Todos os países referidos estão na famosa lista dos “estados inimigos que fomentam o terrorismo”. Frequentemente, funcionários e analistas de Washington mencionavam os vínculos de Chávez com “Fidel Castro e Saddam”. Além de acusar o governo de Chávez de estar apoiando grupos antigovernamentais em outros países, segundo “informes de inteligência” citados no *Washington Post*, inclusive o acusavam de manter vínculos com as FARC da Colômbia, além de reativar a OPEP para defender o preço do petróleo, respaldar a revolução cubana, ser defensor do Mercosul, crítico da ALCA e opositor do Plano Colômbia.

Tudo isso foi suficiente para que o governo Chávez fosse deposto... O que ninguém esperava é que, em tão pouco tempo, ele reassumisse a presidência num contra-golpe espetacular. O governo golpista do empresário Pedro Carmo-na Estanga não resistiu à pressão da população venezuelana, constituída essencialmente de camponeses e excluídos, que descenderam da periferia de Caracas e se concentraram durante todo o último sábado em frente ao Palácio presidencial Miraflores pedindo a volta de Chávez. Na madrugada de domingo, Chávez era reempossado...

Os rumos do governo Chávez são uma incógnita. O que se evidencia hoje na sociedade venezuelana é a profunda polaridade entre os que defendem e os que são contra o governo. E algumas perguntas pairam no ar: Chávez continuará com sua política de enfrentamento ao imperialismo americano? Até que ponto poderá implementar as reformas de base que contemplem a maioria da sociedade do país? Qual será sua postura em relação aos rebeldes? A polarização entre ricos e pobres será pauta de sua política? É esperar para ver...

Dejalma Cremonese é professor de Ciências Sociais da UNIJUI- RS.

E-mail: dcre@main.unijui.tche.br e site: <http://www.unijui.tche.br/~dcre/>

"As constantes guerras e agressões aos territórios árabes são a ponta-de-lança do projeto mundial do movimento sionista"

Acima: O prefeito Sâmis da Silva (PMDB) cumprimenta o xeique Taleb Jomaa, observado pelo empresário Omar Safa.



Hezbollah, uma visita e três discursos

Introdutório: Durante a visita do deputado Abdlla Kassir foi realizado um jantar em sua homenagem onde discursaram lideranças da comunidade árabe como Mohamad Barakat, Reda Soueid, Ahmad Ghazoui, Dom Olívio Fazza, o prefeito Sâmis da Silva e o deputado Abdalla Kassir. O texto abaixo é um resumo e um exemplo da integração árabe-brasileira na fronteira de Foz do Iguaçu.

A Colônia Árabe de Foz do Iguaçu tem a honra e o prazer de receber o nobre deputado Abdalla Kassir, do Partido Hezbollah, um digno representante do heróico povo árabe-libanês, nesta data histórica de comemoração do 1º aniversário de libertação do Sul do Líbano da ocupação israelense, marcando assim o início das vitórias árabes que se seguirão contra o movimento sionista.

A luta contra o invasor não é uma luta apenas do povo árabe, mas é também uma luta de todos os povos, porque o sionismo é um movimento racista e imperialista, que pretende dominar a economia mundial a partir do controle da região do Oriente Médio.

Durante mais de 1.400 anos os judeus viveram em paz com árabes, cristãos e muçulmanos. Após o surgimento do movimento sionista, parte do povo judeu foi manipulada sob promessas de se instalar um Estado religioso, mas, na realidade, o movimento sionista esconde propósitos de dominação econômica dos demais povos da Terra.

As constantes guerras e agressões aos territórios árabes são a ponta-de-lança do projeto mundial do movimento sionista. É importante que todos os amantes da paz se levantem contra esse projeto. O futuro dos árabes, o futuro da Palestina e o futuro de toda a humanidade está em jogo.

O povo libanês tem lutado com heroísmo e determinação contra o invasor, em solidariedade aos irmãos palestinos e na defesa da integridade de seu território.

A Colônia Árabe de Foz do Iguaçu é parte da integrante da nação brasileira, desempenha trabalho honrado e laborioso, e nesse sentido apóia a luta e o levante árabe-palestino porque é justo, e condena o terrorismo israelense.

Queremos saudar o jovem presidente da Síria, dr. Bachar El Assad, e o presidente da República do Líbano, sr. Emil Lahud, pelo apoio total e incondicional dado ao Hezbollah e ao movimento de libertação do Líbano. Queremos louvar a solidariedade do povo árabe-iraquiano, e pedir a suspensão do embargo da ONU, e o fim dos ataques ingleses e americanos ao Iraque.

O apoio do povo iraniano aos movimentos islâmicos do Líbano é outro ponto positivo a ser reconhecido e destacado.

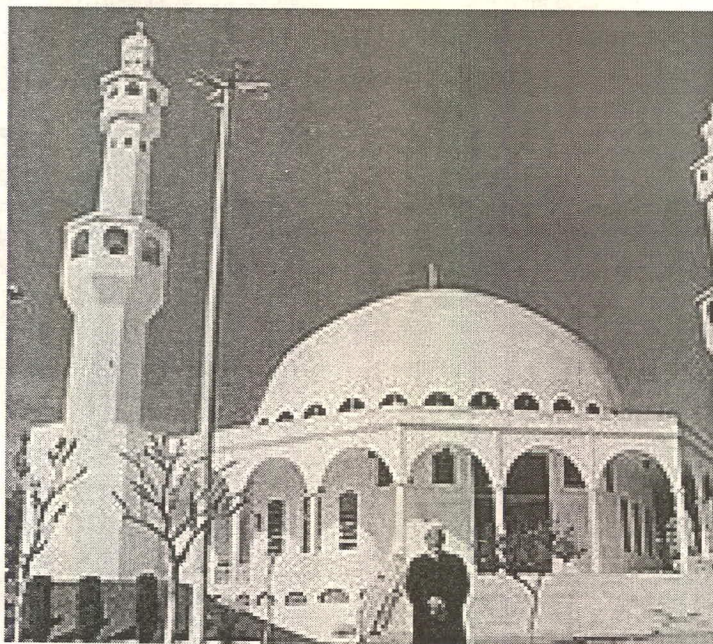
Finalmente, queremos homenagear o grande líder do movimento islâmico libanês, xeique Hassan Nassaralla, o secretário-geral do Hezbollah, os demais presidentes e secretários dos partidos libaneses, o movimento nacionalista libanês, e os movimentos islâmicos.

O Líbano e todos os países árabes têm direito à paz, à liberdade, à independência e ao desenvolvimento econômico e social. Que em breve possamos comemorar a libertação dos territórios ocupados, como hoje comemoramos a libertação do Sul libanês.

Viva o Líbano e viva o Brasil!

**Olhos
"O Líbano e
todos os
países árabes
têm direito à
paz, à
liberdade, à
independência
e ao
desenvolvimento
econômico e
social"**

Resistência contínua



A mesquita árabe de Foz do Iguaçu é um dos atrativos turísticos da cidade

Quero compartilhar da alegria e honra, em participar deste momento tão importante e significativo para todos. Este encontro materializa a profunda reciprocidade das relações entre o povo libanês e o brasileiro, e que sempre buscamos aprimorar e reafirmar nossos laços em benefício dos interesses dos nossos dois povos. Sinto-me orgulhoso da contribuição das comunidades árabe e libanesa na participação do desenvolvimento desta Nação, tendo ainda membros com relevantes destaques no cenário nacional, provando competência e lealdade nos desafios.

Aproveito ainda esta oportunidade para dirigir-me em especial ao povo brasileiro, aqui representado pelas principais autoridades.

Deus todo-poderoso, contemplou o ser humano com a racionalidade e valores suficientes para se almejar a prosperidade da humanidade.

Estes princípios, presentes nos seres humanos, independem da distância entre os povos, pois todos repudiam a operação e a injustiças sociais, buscando a paz. Infelizmente na atual conjuntura mundial, algumas potências, buscam através da força subjugar e impor sua vontade ainda usando a opressão e o seu poderio militar para alcançá-los.

Durante os 22 anos de ocupação militar, a ONU, o Conselho de Segurança e as grandes potências pouco fizeram para obrigar Israel a cumprir a resolução 425 da ONU, que determina a retirada incondicional das tro-

pas israelenses do Líbano e o Vale de Beca. Depois de esgotados todos os meios, a única opção que restou ao povo libanês, foi a resistência e a luta, contra a ocupação. Travamos uma luta árdua e desigual pela liberdade. Milhares de vítimas tombaram, a infra-estrutura básica do país foi destruída e sua economia arrasada.

A imagem mais chocante da violência de Israel, concretizou-se nos massacres de Sabra e Chatila e culminou com o bombardeio indiscriminado e covarde ao acampamento de Kanaa, onde estavam apenas idosos, mulheres e crianças. Somente com a resistência e a luta armada que conseguimos após 22 anos de ocupação, aplicar a mais humilhante ao truculento exército de Israel, que foi expulso da maior parte do território libanês.

Restam ainda 5 pontos a serem cumpridos por Israel:

1. A retirada das fazendas de Chebaa
 2. A libertação dos prisioneiros libaneses que foram seqüestrados por Israel, violando o acordo de Genebra.
 3. Indenização ao governo libanês pelos danos causados ao país
 4. Entrega dos mapas das mais de 130.000 minas que vitimam civis, em sua maioria crianças
 5. Retorno dos refugiados palestinos à sua Pátria.
- Enquanto isto não for resolvido a resistência continuará.

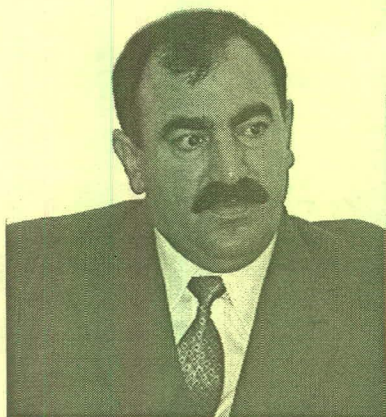
" A violência de Israel, concretizou-se nos massacres de Sabra e Chatila e culminou com o bombardeio indiscriminado e covarde ao acampamento de Kanaa "

Hezbollah é partido

O Hezbollah é um partido político criado dentro das universidades em 1982. Possui uma rede de assistência às vítimas da guerra (hospitais, escolas e orfanatos) e politicamente defende o parlamentarismo democrático. É um partido de massas e tem a aprovação de 95% da população

Sofre uma enorme perseguição da mídia internacional patrocinada pelo sionismo. Agradeço novamente por essa valiosa oportunidade de estar aqui e pela honrosa presença de todos. Desejo que este encontro contribua ainda mais para a integração e progresso do Brasil e do Líbano.

Exemplo de integração



Prefeito de Lala Adinhan Rahal durante visita a Foz



Visita do deputado Abdalla Kassir do partido Hezbollah a Foz do Iguaçu

Nesta noite, onde confraternizamos o Dia da Resistência e Libertação do Líbano, minhas palavras estão direcionadas especialmente à comunidade árabe, que como sempre, unida, se faz presente.

Foz do Iguaçu deve muito aos libaneses que aqui se instalaram e adotaram nossa terra, como deles. Os senhores contribuíram de maneira ímpar para o desenvolvimento desta cidade. Certamente se a cidade não tivesse tido o privilégio de contar com cada um de vocês, nossa cultura seria mais pobre, nossa gastronomia não teria tanto sabor e nossa gente não seria tão especial. Somos um exemplo para o mundo, vivemos aqui: brasileiros, árabes, chineses, japoneses, italianos

e muitos outros povos em perfeito equilíbrio e harmonia. Somos um exemplo de paz. Uma prova concreta de que se é possível viver todos num só território e na mais absoluta paz.

Que o mundo nos tome como exemplo, porque temos muito o que ensinar. Antes de encerrar, quero dizer ao deputado Abdalla Kassir que volte sempre à nossa cidade, não somente como convidado, mas como irmão da Terra das Cataratas, seja sempre bem-vindo à cidade que adotou tantos filhos de outras pátrias como seus filhos legítimos.

Que Deus abençoe Foz do Iguaçu e derrame uma benção especial ao Líbano e ao seu povo!

Já temos um trabalho de ponta na área de saúde mental, mas que precisa ser melhor compreendido pelos próprios profissionais de Saúde

Foz busca referência na Saúde Mental

por Leila Salvatti

Com a mudança do conceito de saúde e sofrimento psíquico em função das constantes mudanças socioeconômicas e culturais da população, a assistência passou a ser mais eficiente e adaptou-se à maneiras mais adequadas de cuidados, pois o único serviço que se conhecia era o modelo hospitalocêntrico, que concentrava comodidades e interesses (sociais, financeiros e até familiares) pela exclusão do doente.

As dificuldades encontradas na aceitação desses novos serviços está na dependência de julgamentos de valores de cada ser humano. Apesar dessas dificuldades fez-se necessário à adequação do sistema de saúde pública para torná-lo capaz de atender a realidade.

Uma das maiores dificuldades encontradas na mudança, é sem dúvida, a possessividade de alguns profissionais que não acreditam nos serviços fora do modelo antigo ou por acharem-se auto-suficientes e sabedores a ponto de não encaminhar seus pacientes para às especialidades ou para os serviços que trabalham com o resgate dos direitos dos pacientes e das famílias deles.

Lembramos as definições de idéias supervalorizadas (nos livros de Portella Nunes, Romildo Bueno e Nardi), quando dizem "Idéias supervalorizadas ocorrem quando o aspecto afetivo do convencimento predomina sobre o racional", diz também que são idéias passionais e sem comprometimento com a realidade ou com a crítica. Por isso devemos ter cuidados com as nossas mentes, pois não há limites para se aprender e uma das maneiras de se acabar com nossas angústias, é conhecermos a nós mesmos, refletindo sobre nossos comportamentos.

Porém devemos ser esperançosos e acreditarmos na evolução das pessoas e da Ciência para melhorias à assistência com a participação da comunidade e dos poderes públicos.

Para isso precisamos dar qualidade ao serviço prestado, é fundamental que os hospitais passem a fazer parte do sistema integrado de atenção e não (como já descrito) como única alternativa. Sabemos que o sofrimento psíquico está diretamente ligado a fatores socioeconômicos e culturais da população, estatísticas mostram que a proporção dos portadores de distúrbios mentais é bem maior em pessoas que possuem suas necessidades básicas afe-



Palestra comemora um ano de fundação do Hospital Dia

tadas, como moradia, educação, alimentação, lazer, trabalho, saneamento e outros. Quando um programa de prevenção oferece atendimento integral ao cidadão, dizemos que a resolutividade é maior com um menor custo.

Foz do Iguaçu tem caminhado de forma positiva nessa área (saúde mental) e tem buscado inovações dessa nova mentalidade. É necessário que se divulguem mais os trabalhos e se discutam mais e em maiores proporções. Poucas pessoas da comunidade sabem que no ambulatório de saúde mental há anos se fazem grupos de esquizofrenia, drogadição, alcoolismo e depressão.

Além do atendimento individual Foz tem uma associação de parentes, pais e amigos dos portadores de distúrbios mentais, a "Appadom" hoje com frequência semanal de aproximadamente 200 famílias.

Contamos também com o Hospital Dia que atende a 30 pacientes diariamente pelo SUS e faz parte do novo modelo da reforma psiquiátrica.

Alguns serviços ainda faltam para se complementar a assistência ao portador de sofrimento psíquico, porém podemos afirmar que temos um programa aprovado pelo Ministério da Saúde e um Conselho Municipal de Saúde que é referência para outros grandes centros. É preciso maior divulgação, pois ainda vemos nossa população buscar atendimento em outros centros.

"Foz tem uma associação de parentes, pais e amigos dos portadores de distúrbios mentais, a Appadom hoje com frequência semanal de cerca de 200 famílias"

Leila Salvatti é enfermeira e diretora do Hospital Dia Psiquiátrico
Resnascer

Não sacaneiem o povo



"Na América Latina, nas últimas décadas, marcadas por repressão, ditadura e voracidade econômica, têm surgido rios subterrâneos da resistência, de valores sociais e humanos"

por Adolfo Pérez Esquivel

Fatos e políticas geralmente são lidos de modo superficial, quer dizer, a partir dos cenários impostos pelo modelo vigente. Raramente se faz uma leitura mais profunda, observando os rios subterrâneos que arrastam nos leitos a confluência de muitos outros rios e em momentos determinados irrompem à superfície, como acontece com os povos quando deixam de ser espectadores e se assumem como protagonistas e construtores da própria história.

Os setores políticos e econômicos que se crêem donos do poder, menosprezam essa capacidade de reação dos povos, vistos como passivos e manipuláveis. Os rios subterrâneos ao encontrarem o grande rio, deixam de ser águas tranqüilas e emergem com toda força e capacidade de alterar e transformar os acontecimentos e, ao mudar a história, se tornam incontrolláveis para aqueles que tentam dominá-los e mantê-los no silêncio subterrâneo.

Esses rios são os imprevistos históricos que nascem na consciência coletiva dos povos. Na América Latina, nas últimas décadas, marcadas por repressão, ditadura e voracidade econômica, têm surgido rios subterrâneos da resistência, de valores sociais e humanos. O continente tem muitos exemplos desses emergentes: o Movimento dos Sem-Terra no Brasil, os movimentos indígenas no Equador e México - como em Chiapas - os orga-

nismos de direitos humanos em toda a América Latina, o Fórum Social Mundial em Porto Alegre, os movimentos de mulheres que a cada dia aumentam seu papel social, cultural e político. Nos países industrializados o movimento antiglobalização mostrou a cara em Seattle, Gênova e Davos contra as políticas de imposição do pensamento único do neoliberalismo e da ditadura global.

A Argentina é vítima das políticas neoliberais e da voracidade que impôs o "terrorismo econômico", saqueando os recursos do povo. Os fatos recentes evidenciam a sede, a desilusão e frustrações, resultados do governo peronista de Carlos Menem, que com a promessa do futuro hipotecou o presente.

O governo que o sucedeu, do ex-presidente De la Rúa, da UCR, aprofundou o modelo neoliberal, aceitando as imposições do FMI e privilegiando o pagamento da dívida externa em detrimento da dívida social.

O mesmo Domingo Cavallo, ministro da Economia, foi o gestor das políticas de ajuste, capitalização, privatizações e incentivos e, não satisfeito em ter destruído a capacidade produtiva de seu país como agente do FMI, impôs suas políticas sobre o povo, congelou os fundos dos pequenos e médios poupadores e submete à pobreza dois terços da população.

Em muitas províncias, bem como na capital, surgiram grupos prejudicados pelos embates do plano econômico imposto: os despossuídos, os excluídos, os famélicos. E reagiram com piquetes, greves e marchas para reclamar direitos perdidos ou adiados.

É incrível que em um país como a Argentina, produtor de alimentos, morram mais de cem crianças por dia de fome e de doenças curáveis. Os trabalhadores após 35 anos de trabalho e contribuição aos cofres do Estado não recebem a aposentadoria ou a recebem reduzida e se vêem submetidos e transformados em mendigos do Estado.

O povo farto de tantas agressões saiu a reclamar seus direitos em uma rebelião como poucas vezes se viveu no país. A repressão foi brutal, com o saldo de 31 mortos e centenas de feridos, entre eles menores de idade, além de milhares de detidos, alguns já soltos. O governo do presidente De la Rúa não teve vontade política de enfrentar a situação e acabou isolado até de seus aliados e de seu próprio partido político, a União Cívica Radical, privilegiando o grande capital financeiro em detrimento do povo. Não quis escutar nem ver a situação social. Sintetizando, foi um governo "autista", o que levou ao trágico desenlace que dói nós a todos.

Situação similar ocorreu no Equador, e o responsável pela aplicação do mesmo modelo foi o ex-ministro da Economia argentino, que havia sido contratado pelo governo do Equador. Um alerta do processo ao qual estão sujeitos outros povos da América Latina e de outros continentes, onde se aplicam as mesmas políticas impostas pelo FMI. A rapinagem financeira fica evidente quando se sabe que enquanto suportávamos a forte repressão na Praça de Maio e em diversos pontos do país, a Bolsa de Valores subiu 15 pontos. A voracidade financeira não tem limites.

O Partido Justicialista fez tudo o que estava a seu alcance para apressar a queda do governo, lhe faltou vontade política e grandeza. Os fatos que sucederam à forte repressão e troca de governos, com a nomeação do governador de San Luis, Adolfo Rodríguez Saá para presidente provisório evidenciam a voracidade política: os dirigentes políticos do peronismo esperam repartir entre si os despojos da Pátria. Encararam a situação e a festejaram como um triunfo, quando na realidade o povo não lhes deu nenhum voto de confiança, já que são os responsáveis pela grave situação atual desde o governo de Carlos Menem. O peronismo, violando a Constituição nacional, por ter maioria parlamentar, impôs a lei de Lemas (sublegendas), uma aberração que serve à luta interna do partido para ver quem fica com os despojos do poder.

O programa de governo apresentado por Rodrigues Saá no auge dos acontecimentos foi contraditório, chamando a eleição em 60 dias, mas com um programa de quatro anos, reduzindo os ministérios, prometendo 1 milhão de postos de trabalho e falando das Mães da Praça de Maio - que foram recebidas no Palácio do governo -, e deixando as obras sociais nas mãos das Forças Armadas sem esclarecer os fatos aberrantes da época da ditadura e suas conseqüências para o povo.

Não houve sequer uma menção àqueles que saquearam o país, os centros do poder econômico.

Diz-se que não se pagaria a dívida externa. Não é novidade, porque a Argentina está incapacitada de fazê-lo. É

preciso apresentar propostas concretas sobre a dívida. Os acontecimentos se precipitam e não há tempo para remendar os graves problemas sem que nada mude.

É necessário estar atento ainda para outro grave problema que se apresenta, a remilitarização da América Latina pelos Estados Unidos. A instalação de bases militares em troca de crédito como ocorreu no Equador quando cederam a base de Manta para os EUA no Plano Colômbia e as manobras militares dirigidas por eles na Argentina - chamadas Cabaña 2000 e 2001 - a instalação de militares sem aprovação do Parlamento na Terra do Fogo, em Bariloche e em Zárate, tudo isso é indício dessa militarização continental, perceptível também em outros países.

A imposição da Alca para todo o continente e as políticas de ajuste, capitalização e privatizações trazendo aumento da pobreza e da exclusão social, mostram quais são as perspectivas de a vida desses povos. As poucas indústrias que restam serão varridas, pois os EUA subvencionam sua produção e os países latino-americanos não estão em condições de competir em pé de igualdade.

Uma troca de governo não significa nada se não vir acompanhada de políticas sociais e mudanças estruturais. Pode ser uma troca de maquiagem e nada mais, prosseguindo-se com a política entreguista e a perda da soberania.



A Frente Nacional Contra a Pobreza realizou uma consulta popular com mais de 3 milhões de votos sobre o seguro de trabalho e emprego para que não houvessem pobres na Argentina. Um feito inédito e positivo, mas que não foi ouvido.

Outro sinal de esperança é o Fórum Social Mundial que será realizado em Porto Alegre (RS), no final de janeiro e princípios de fevereiro de 2002. Lá estará sendo construído um "pensamento próprio" em oposição ao "pensamento único" imposto. A resistência dos povos tem a capacidade de mudar a história e superar as dominações. Esperamos que os dirigentes políticos compreendam isso. Não sacaneiem o povo, que está alerta e espera respostas dignas, em vez de preços para tudo e valor para nada. Preço e valor não são a mesma coisa. Esperamos que tenham aprendido a lição que o povo lhes deu.

(Texto escrito em 26 de dezembro de 2001)

Adolfo Pérez Esquivel é arquiteto e ativista político argentino, recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 1980

"É necessário estar atento ainda para outro grave problema que se apresenta, a remilitarização da América Latina pelos Estados Unidos"



Governo entreguista de FHC quer agora entregar a água brasileira para o capital estrangeiro - projeto está no Congresso Nacional

Estão querendo roubar a nossa água

por Zé Beto Maciel

"Brasil concentra 12% das reservas de água doce do mundo, o que torna sua distribuição e coleta grandes atrativos econômicos"

O povo paranaense evitou a venda da Copel pelo grupo que se ocupou do Palácio do Iguaçu. Foi uma vitória. Mas os brasileiros devem ficar mais atentos agora. Tramita no Congresso Nacional, em caráter de urgência, projeto de FHC que dispõe sobre a Política Nacional de Saneamento.

O que FHC quer é simples: tirar a titularidade dos municípios na concessão dos serviços de exploração, coleta e tratamento da água e esgoto e passá-la aos Estados. Isso significa que as grandes companhias transnacionais vão se assanhar em tomar conta das águas brasileiras. Isso já acontece no Paraná, onde o grupo francês Vivendi é dono de parte da Sanepar.

Essa história da água é para lá de estranha e mostra o entreguismo de FHC com o patrimônio público e os recursos naturais. Inácio Arruda (PCdoB-CE) apresentou um projeto na Câmara dos Deputados que exclui os serviços de saneamento básico do Programa Nacional de Desestatização. O texto altera a lei 9491/97, que modifica os procedimentos relativos a esse programa.

Arruda lembra uma coisa importante: De acordo com

a própria lei que institui a Política Nacional de Recursos Hídricos, a água é um bem de domínio público. Ele afirma que, no entanto, uma revisão das políticas de empréstimos do FMI para 40 países revela que a privatização da água foi imposta a 12 deles: Angola, Benin, Guiné-Bissau, Honduras, Nicarágua, Nigéria, Panamá, Ruanda, São Tomé e Príncipe, Senegal, Tanzânia e Iêmen.

"E em um memorando firmado entre o FMI e o governo brasileiro a privatização do setor consta como um dos aspectos essenciais da reorganização do Estado", alerta.

Arruda ressalta que o Brasil concentra 12% das reservas de água doce do mundo, o que torna sua distribuição, sua coleta e o tratamento do esgoto grandes atrativos econômicos. Além disso, lembra que "os principais organismos internacionais apontam um futuro de escassez que, por si só, tende a dizimar centenas de milhões de vidas".

De acordo com dados da Frente Nacional pelo Saneamento Ambiental, 30 milhões de pessoas no Brasil não têm água tratada, e dois terços da população do país não são atendidos por rede de esgoto.

O deputado adverte que o saneamento é um instrumento básico para o combate às doenças que afligem

É incrível que em um país como a Argentina, produtor de alimentos, morram mais de cem crianças por dia de fome e de doenças curáveis. Os trabalhadores após 35 anos de trabalho e contribuição aos cofres do Estado não recebem a aposentadoria ou a recebem reduzida e se vêem submetidos e transformados em mendigos do Estado.

O povo farto de tantas agressões saiu a reclamar seus direitos em uma rebelião como poucas vezes se viveu no país. A repressão foi brutal, com o saldo de 31 mortos e centenas de feridos, entre eles menores de idade, além de milhares de detidos, alguns já soltos. O governo do presidente De la Rúa não teve vontade política de enfrentar a situação e acabou isolado até de seus aliados e de seu próprio partido político, a União Cívica Radical, privilegiando o grande capital financeiro em detrimento do povo. Não quis escutar nem ver a situação social. Sintetizando, foi um governo "autista", o que levou ao trágico desenlace que dói nós a todos.

Situação similar ocorreu no Equador, e o responsável pela aplicação do mesmo modelo foi o ex-ministro da Economia argentino, que havia sido contratado pelo governo do Equador. Um alerta do processo ao qual estão sujeitos outros povos da América Latina e de outros continentes, onde se aplicam as mesmas políticas impostas pelo FMI. A rapinagem financeira fica evidente quando se sabe que enquanto suportávamos a forte repressão na Praça de Maio e em diversos pontos do país, a Bolsa de Valores subiu 15 pontos. A voracidade financeira não tem limites.

O Partido Justicialista fez tudo o que estava a seu alcance para apressar a queda do governo, lhe faltou vontade política e grandeza. Os fatos que sucederam à forte repressão e troca de governos, com a nomeação do governador de San Luis, Adolfo Rodríguez Saá para presidente provisório evidenciam a voracidade política: os dirigentes políticos do peronismo esperam repartir entre si os despojos da Pátria. Encararam a situação e a festejaram como um triunfo, quando na realidade o povo não lhes deu nenhum voto de confiança, já que são os responsáveis pela grave situação atual desde o governo de Carlos Menem. O peronismo, violando a Constituição nacional, por ter maioria parlamentar, impôs a lei de Lemas (sublegendas), uma aberração que serve à luta interna do partido para ver quem fica com os despojos do poder.

O programa de governo apresentado por Rodríguez Saá no auge dos acontecimentos foi contraditório, chamando a eleição em 60 dias, mas com um programa de quatro anos, reduzindo os ministérios, prometendo 1 milhão de postos de trabalho e falando das Mães da Praça de Maio - que foram recebidas no Palácio do governo -, e deixando as obras sociais nas mãos das Forças Armadas sem esclarecer os fatos aberrantes da época da ditadura e suas conseqüências para o povo.

Não houveram sequer uma menção àqueles que saquearam o país, os centros do poder econômico.

Diz-se que não se pagaria a dívida externa. Não é novidade, porque a Argentina está incapacitada de fazê-lo. É

preciso apresentar propostas concretas sobre a dívida. Os acontecimentos se precipitam e não há tempo para remendar os graves problemas sem que nada mude.

É necessário estar atento ainda para outro grave problema que se apresenta, a remilitarização da América Latina pelos Estados Unidos. A instalação de bases militares em troca de crédito como ocorreu no Equador quando cederam a base de Manta para os EUA no Plano Colômbia e as manobras militares dirigidas por eles na Argentina - chamadas Cabaña 2000 e 2001 - a instalação de militares sem aprovação do Parlamento na Terra do Fogo, em Bariloche e em Zárate, tudo isso é indício dessa militarização continental, perceptível também em outros países.

A imposição da Alca para todo o continente e as políticas de ajuste, capitalização e privatizações trazendo aumento da pobreza e da exclusão social, mostram quão são as perspectivas de a vida desses povos. As poucas indústrias que restam serão varridas, pois os EUA subvencionam sua produção e os países latino-americanos não estão em condições de competir em pé de igualdade.

Uma troca de governo não significa nada se não vir acompanhada de políticas sociais e mudanças estruturais. Pode ser uma troca de maquiagem e nada mais, prosseguindo-se com a política entreguista e a perda da soberania.

"É necessário estar atento ainda para outro grave problema que se apresenta, a remilitarização da América Latina pelos Estados Unidos"



A Frente Nacional Contra a Pobreza realizou uma consulta popular com mais de 3 milhões de votos sobre o seguro de trabalho e emprego para que não houvessem pobres na Argentina. Um feito inédito e positivo, mas que não foi ouvido.

Outro sinal de esperança é o Fórum Social Mundial que será realizado em Porto Alegre (RS), no final de janeiro e princípios de fevereiro de 2002. Lá estará sendo construído um "pensamento próprio" em oposição ao "pensamento único" imposto. A resistência dos povos tem a capacidade de mudar a história e superar as dominações. Esperamos que os dirigentes políticos compreendam isso. Não sacaneiem o povo, que está alerta e espera respostas dignas, em vez de preços para tudo e valor para nada. Preço e valor não são a mesma coisa. Esperamos que tenham aprendido a lição que o povo lhes deu.

(Texto escrito em 26 de dezembro de 2001)

Adolfo Pérez Esquivel é arquiteto e ativista político argentino, recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 1980



Governo entreguista de FHC quer agora entregar a água brasileira para o capital estrangeiro - projeto está no Congresso Nacional

Estão querendo roubar a nossa água

por Zé Beto Maciel

"Brasil concentra 12% das reservas de água doce do mundo, o que torna sua distribuição e coleta grandes atrativos econômicos"

O povo paranaense evitou a venda da Copel pelo grupo que se ocupou do Palácio do Iguaçu. Foi uma vitória. Mas os brasileiros devem ficar mais atentos agora. Tramita no Congresso Nacional, em caráter de urgência, projeto de FHC que dispõe sobre a Política Nacional de Saneamento.

O que FHC quer é simples: tirar a titularidade dos municípios na concessão dos serviços de exploração, coleta e tratamento da água e esgoto e passá-la aos Estados. Isso significa que as grandes companhias transnacionais vão se assanhar em tomar conta das águas brasileiras. Isso já acontece no Paraná, onde o grupo francês Vivendi é dono de parte da Sanepar.

Essa história da água é para lá de estranha e mostra o entreguismo de FHC com o patrimônio público e os recursos naturais. Inácio Arruda (PCdoB-CE) apresentou um projeto na Câmara dos Deputados que exclui os serviços de saneamento básico do Programa Nacional de Desestatização. O texto altera a lei 9491/97, que modifica os procedimentos relativos a esse programa.

Arruda lembra uma coisa importante: De acordo com

a própria lei que institui a Política Nacional de Recursos Hídricos, a água é um bem de domínio público. Ele afirma que, no entanto, uma revisão das políticas de empréstimos do FMI para 40 países revela que a privatização da água foi imposta a 12 deles: Angola, Benin, Guiné-Bissau, Honduras, Nicarágua, Nigéria, Panamá, Ruanda, São Tomé e Príncipe, Senegal, Tanzânia e Iêmen.

"E em um memorando firmado entre o FMI e o governo brasileiro a privatização do setor consta como um dos aspectos essenciais da reorganização do Estado", alerta.

Arruda ressalta que o Brasil concentra 12% das reservas de água doce do mundo, o que torna sua distribuição, sua coleta e o tratamento do esgoto grandes atrativos econômicos. Além disso, lembra que "os principais organismos internacionais apontam um futuro de escassez que, por si só, tende a dizimar centenas de milhões de vidas".

De acordo com dados da Frente Nacional pelo Saneamento Ambiental, 30 milhões de pessoas no Brasil não têm água tratada, e dois terços da população do país não são atendidos por rede de esgoto.

O deputado adverte que o saneamento é um instrumento básico para o combate às doenças que afligem

as populações mais pobres e que, hoje, o Brasil vem assistindo a volta de doenças como a dengue, o cólera e a *leishmaniose* visceral.

"As diarreias, causadas por água infectada, são a principal causa de mortalidade na maioria dos países em desenvolvimento. Na América Latina, África e Ásia - excluindo-se a China - morrem por ano cerca de cinco milhões de crianças menores de cinco anos", afirma.

Projeto pode perder urgência na Câmara

O projeto de FHC pode ter o prazo de urgência constitucional retirado pelo governo. Já há entendimento sobre o assunto entre a Comissão Especial de Saneamento e a liderança do governo na Câmara dos Deputados porque ainda não há consenso para a votação da matéria.

Para a deputada Iara Bernardi (PT-SP), retirar a titularidade dos municípios é um passo para a privatização do setor. Iara diz que a falta de investimentos é um dos principais problemas do setor e informou que, para cada Real investido em saneamento, são economizados R\$ 4 em saúde pública, já que a água contaminada é um dos principais fatores causadores de doenças na população.

Mais de 3,4 milhões de pessoas foram internadas em hospitais públicos brasileiros entre 1995 e 1999, vítimas de doenças provocadas pela falta de sistema de saneamento básico adequado.

Dados da Organização Pan-americana de Saúde apontam que investimentos em saneamento básico reduzem em 80% o número de casos de febre tifóide, de 60% a 70% a incidência de tracoma e esquistossomose e diminuem de 40 a 50% os casos de disenteria bacilar e amebíase.

Os investimentos orçamentários destinados ao saneamento básico, por sinal, aumentaram de uma média de R\$ 300 milhões até o ano passado para R\$ 1,9 bilhão neste ano.

Até estrangeiros alertam o perigo

A Câmara dos Deputados fez um seminário e ouviu dois especialistas internacionais sobre gestão de água no mundo e multinacionais: o norte-americano David Boys, especialista em Água e Energia da Internacional de Serviços Públicos, e Guillermo Tomás Amorebieta y Vera, membro da Fundação de Estudos Sanitaristas e Meio Ambiente da Província de Buenos Aires, Argentina.

Boys alertou sobre o fato de que, na maioria dos países do mundo em que o setor foi privatizado, houve aumento de tarifas, queda na qualidade dos serviços e aumento no impacto ambiental negativo.

Segundo ele, o dinheiro que vem sendo aplicado no setor de saneamento no mundo está vindo de corporações internacionais que têm interesses nas águas dos países que fizeram ou estão preparando sua privatiza-



A água que bebemos, os rios que embelezam nosso país, FHC quer entregar para o capital estrangeiro

ção, situadas notadamente na Inglaterra, que tem 100% do setor privatizado, e na França, sede de duas das três maiores companhias de água do mundo.

Para o palestrante, a privatização do setor de saneamento no Brasil será altamente negativa, uma vez que, se o país não tem instrumentos de controle social sobre a atuação das empresas públicas, muito menos os terá com as empresas privadas.

Boys disse que nos EUA há transparência nos serviços públicos de água e saneamento em função do controle social e, por isso, o preço da água no país é a metade do preço cobrado na Inglaterra.

"É bom lembrar que a privatização da água na maioria dos países do mundo ainda é exceção e não regra", concluiu, alertando que o Brasil não deve enveredar por esse caminho, observando que muitas vezes o que é o melhor para o governo nem sempre é o melhor para a população.

Desemprego

Guillermo Tomás fez um levantamento do caos em que se transformou o setor de água e saneamento na Argentina após sua privatização, vinculando o processo à corrupção que se estabeleceu nos últimos governos. Ele disse que hoje, na Argentina, 60% do PIB do país é controlado por multinacionais. "Esse processo levou à perda de um milhão de empregos, elevando as taxas de desemprego de 5% para 20% nos últimos anos, e fechou mais de 15 mil indústrias", salientou.

Referindo-se à província de Buenos Aires, ele informou que, com a privatização do setor de saneamento, 12 mil empregos caíram no setor, além da elevação do preço das tarifas de água e dos serviços de esgoto.

Ele informou que, com a água privatizada, a tarifa básica na Argentina correspondente a um consumo de 10 metros cúbicos de água é de US\$ 13,7, enquanto a média brasileira está em torno de US\$ 2,5 dólares.

"A privatização da água foi imposta pelo menos a 12 países: Angola, Benin, Guiné-Bissau, Honduras, Nicarágua, Nigéria, Panamá, Ruanda, São Tomé e Príncipe, Senegal, Tanzânia e Iêmen"

"Mais de 3,4 milhões de pessoas foram internadas em hospitais públicos brasileiros entre 1995 e 1999, vítimas de doenças provocadas pela falta de saneamento básico"

Zé Beto Maciel é jornalista e iguaçuense

Mesmo sem ter o prestígio das artes plásticas, nem o agito do teatro e muito menos a comercialidade da música, a poesia continua resistindo

Poesia - A prima pobre resiste



Alice Ruiz com poetas da cidade, durante a I Feira do Livro de Foz do Iguaçu, em outubro de 1986.

por Carlos Luz

"Um marco da última década e meia para este setor artístico foi a realização da I Feira do Livro de Foz do Iguaçu, em outubro de 1986"

Nestes últimos 16 anos, tempo em que vivo em Foz do Iguaçu, várias foram as manifestações poéticas e tentativas de se organizar os poetas da cidade. Atenho-me a este período, por ser o período que vivenciei, mas, é óbvio, que antes disso, poetas e movimentos poéticos iguaçuenses já haviam tido suas próprias experiências.

Um marco da última década e meia para este setor artístico foi a realização da I Feira do Livro de Foz do Iguaçu, em outubro de 1986, promovida pela então recém-criada Fundação Cultural. Além do incentivo ao consumo do produto cultural "livro", a participação de poetas como o cordelista Raimundo Silva e a poetiza Alice Ruiz, deram um novo ânimo aos escritores e poetas locais. Na época a entidade também tinha planos de instituir uma "carimboteca", que chegou a ter alguns poemas confeccionados em carimbos, um jornal literário, que teve apenas um número editado e a formação de um núcleo de escritores.

No ano seguinte à realização da Feira, surge o Núcleo de Escritores da Fundação Cultural que promove encontros entre poetas e escritores para a discussão da área e realiza algumas atividades práticas como o varal de poesia. Ainda em 1987 é realizado o I Concurso de Contos e Poesias, que serviria de gérmen para o Prêmio Cataratas de Literatura, criado em 1991 e que este ano

tem a sua 11ª edição, um dos poucos projetos da área cultural que não teve vida efêmera. Mas, ainda em 1987 a II Feira do Livro fracassa, por problemas de estrutura física e desentendimentos entre Fundação Cultural e livrarias da cidade, a partir de então o evento não é mais realizado. No início da década de 90, o movimento literário e em especial o poético, parece ganhar forma. Além do Prêmio Cataratas, é realizado o I Letra-Arte - Encontro de Leitores e Escritores, lançando o livro-revista Escritores do Iguaçu e vários livros independentes, o Núcleo de Escritores se fortalece e promove o Sarau das Dez, a Feira de Poesias e esboça uma tentativa de formar uma Cooperativa Literária, chegando a participar do "Encontro Falando em Cultura", realizado em 1992 de uma forma organizada. Mas ainda tudo isso sob os auspícios da Fundação Cultural, o que, na verdade, mostra uma certa dificuldade do movimento poético em se organizar pelas próprias pernas, seguindo a tendência do movimento cultural como um todo. Com isso, a cada mudança no comando da entidade, há naturalmente mudanças de planos quanto à organização do movimento cultural.

Todo esse emaranhado de datas e eventos é importante para mostrar que já faz algum tempo que poetas se movimentam na cidade sem, no entanto, dar vida longa a qualquer iniciativa. Podemos então perguntar: A organização é mesmo importante, ou cada um pode pegar o seu livro, colocar em baixo do braço e tentar publicá-lo de forma independente? Particularmente fico com a primeira opção, mas sei de antemão, que é a mais difícil.

Prima pobre

A literatura - e mais ainda a poesia - sempre foi a prima pobre das artes. Ela não tem o prestígio das artes plásticas, nem o agito do teatro e muito menos a comercialidade da música. Nos minguados recursos destinados aos órgãos oficiais de cultura, a parte menor sempre cabe aos projetos relacionados com esta área. Assim, se pode esperar muito pouco do poder público. Por outro lado, a história não se faz apenas ao lado do oficialismo, ao contrário, a história se constrói no dia-a-dia de cada cidadão. Portanto, a organização e os projetos independentes devem assumir seus papéis na história.

O fato é que através de anos de ensino errado nas escolas, com a literatura sendo encarada mais como uma "matéria" do que como uma arte, o preço proibitivo do livro; a falta de interesse das grandes editoras por novos poetas, já que a comercialização deste tipo de edição é ínfima; o entretenimento fácil oferecido pela mídia - que não exige nenhum pensamento - a produção poética ou precária e amadora, feita como um desabafo, ou academicista demais, feita para os críticos literários, entre outros fatores, têm distanciado os consumidores de poesia de seus objetos de consumo, o livro.

Nesse cenário, um livro independente, não encontra mercado a não ser o restrito aos amigos e parentes do autor, que pode, com uma edição desse tipo, massagear o ego, mas pouco vai interferir no mercado editorial ou na vida das pessoas.

A gaveta é o destino de toda essa produção, então? Talvez não. No momento, o caminho pode ser ocupar outros espaços, como camisetas, muros, pôsteres, cartões, saquinhos de compras, adesivos, ca-

Como é que vão as coisas?

Cale a boca, coisa ruim! Você não está falando coisa com coisa. A coisa não está preta coisíssima nenhuma. Você está com muita coisa pra cima de mim, mas eu lhe peço só uma coisa. Deixe a coisa em paz pra ver como é que a coisa fica. Alguma coisa me diz que por uma coisinha de nada eu deixei de lhe dizer uma porção de coisas. Outra coisa: baixe neste centiro mas com o espírito da coisa. Não precisa ser aquela coisa mas pelo menos uma coisa muito louca. Ou uma coisa tão estranha que, mesmo que pareça sempre a mesma coisa, seja coisa do outro mundo. Pois de todas as coisas, no fim, sempre resta pouca coisa. Ah, só mais uma coisa: a vida tem dessas coisas. É coisa que não acaba mais. Se você não concorda, o que não é lá grande coisa, escreva qualquer coisa.

Thadeu



16

rimbos, marcadores de páginas, *internet*, etc., etc. Não é o caminho comercial, é certo, mas é o caminho de se fazer com que os leitores se acostumem novamente com a poesia.

Falando especificamente do Prêmio Cataratas, ele foi criado pra se transformar em um projeto mais amplo, que viria encerrar uma série de atividades, mas se transformou exclusivamente em um concurso literário. Não que esse tipo de incentivo não seja importante, é fundamental que novos poetas passem pelo crivo de uma comissão julgadora, antes de almejavarem o mercado editorial, mas o projeto deveria abranger outras atividades.

Durante o tempo de inscrição poderiam ser oferecidas oficinas, cursos e debates sobre literatura em geral e poesia; a União poderia ser envolvida no projeto, através do curso de Letras; além do júri oficial, poderia ser formado um júri popular; na semana da premiação poderia ser retomado o projeto da Feira do Livro, convidando editoras pequenas e alternativas, as únicas que ainda abrem algum espaço para novos autores; um livro de cada categoria poderia ser editado com os melhores trabalhos, de um ano para o outro, isso para citar apenas algumas das atividades que complementariam o Prêmio.

Movimentos e entidades organizadas também são os caminhos que me parecem alentar algumas saídas. A própria Academia de Cultura de Foz do Iguaçu (Aculfi) pode desempenhar um papel neste sentido. Recentemente o Centro Universitário de Cultura e Arte (Cuca), desenvolveu alguns projetos na área poética. O Movimento na Praça, manifestação independente que acontece todos os domingos na Praça do Mitre, ressuscitou o varal de poesias. O Grupo de Poesia Castro Alves, com a proposta de uma poesia voltada mais para o social, luta por sobreviver.

Enfim, as tentativas continuam, e voltando ao assunto, nesta última década e meia não foram poucas as iniciativas de se realizar algo no movimento poético da cidade. Ao contrário dos que muitos pensam, a prima pobre das artes continua resistindo. Até quando? Até quando existirem poetas.

"O caminho pode ser ocupar outros espaços, como camisetas, muros, pôsteres, cartões, saquinhos de compras, adesivos e carimbos"

POEM 13

"a foz do povo é a foz de deus"

teceram orinsetos venenosos
bactérias verdes plantascarnívoras
dejetos industriais monóxido de carbono
sanguenarinas desejos impossíveis
gestos introspectivos mentes asiáticas
a existências sublimasepeloburacodaguilha

O SEXO É UM PODER COM PH

no pós-qualquer-coisa
num devir de pós-presente
alma sem enjaulada
passaros no cinza
o calor aquecendo o concreto
a vida latente gotejando
underground urbanos
memórias soltas na jaula azul da cor
Minh'alma perdida vaga
por entre escombros desolados

esfera

domada

OS GLÚTEOS TAMBÉM AMAM

Por favor
Um extintor
quero apagar
minha dor

Carlos Luz é poeta e ativista do movimento cultural

Conversas da Câmara, modernidade e Foz



Ennes Mendes participou de uma das melhores legislaturas da Câmara de Vereadores

por Ennes Mendes

"Desde a gestão de Ozires Santos, ouço dizer que a cidade é feia, mal planejada, não tem praças, etc"

Coisa difícil é consenso em política, especialmente a do legislativo. A sua própria composição, abrigando representantes de todas as matizes, classes, cultura e formação profissional, é um obstáculo natural. Convivi bem de perto desta questão em 89. O obstáculo foi sem dúvida, encontrar um campo neutro e propício para o trabalho comunitário, com respeito, confiança e muita paciência.

E conseguimos. Sem esse pleito, dificilmente o número superior a 400 leis seriam aprovadas, dentre elas, salários dos vereadores não estabelecidos pela legislatura anterior, quadro de cargos e salários dos funcionários da Câmara, Lei Orgânica, atualização do Código de Posturas, alinhamento do quadro de professores municipais e tantos outros. Detalhe importante: naquela época, a Câmara possuía 18 funcionários, do jardineiro ao diretor e em nenhuma circunstância, deixou de cumprir com seu papel.

Não posso deixar de registrar aqui o alto nível de formação profissional, dos de fato, assessores do legislativo iguaçuense, boa parte deles em atividade até hoje. Merecem todo o nosso respeito e consideração.

Tempos modernos

A nova contratação de assessores, além dos 63

existentes, foi exaustivamente abordada pelos profissionais da imprensa local. Reproduziram com muita propriedade a indignação do povo iguaçuense. Os assistentes dos atuais vereadores, metamorfoseados em assessores, estão muito distantes do verdadeiro papel de uma assessoria.

Possivelmente, o eleitor, que possui largo conhecimento das reais finalidades dessas contratações bizarras e desnecessárias, também as considerará nefasta ao erário. Sei que é repetitivo, mas é bom lembrar que a Câmara Municipal possui, a critério de seu presidente o assessor jurídico, a participação do Ibam e em ocasiões extremamente necessárias, poderá contratar um perito ideal para determinada matéria.

Na maioria das Câmaras Municipais, é muito raro chegar a esse ponto. No caso da legislatura de 89 a 92, somente uma vez foi necessária a contratação de um profissional. Terminado o serviço, paga-se e nada mais. Sem vínculo empregatício e a penca de despesas pregadas na folha de pagamento.

E o vereador sabe disso. Sentindo-se constrangido ou a falta de elementos para concluir o seu ponto de vista, basta requerer ao presidente da Casa tal providência. Gasta-se uma vez só e afasta pra bem longe o julgamento implacável do povo.

Já dizia o "véio" Kelias nos tempos de outrora: "Uma coisa é legislar para a coletividade, outra para o voto".

Creio que todos os vereadores sabem disso. Ou não ????

Sinal verde

A implantação dos aparelhos eletrônicos para o controle de velocidade, denominados de pardais, mostrou o seu lado positivo. Instalados em pontos estratégicos de algumas ruas e avenidas, os pardais botaram ordem no trânsito. Freiam os incautos, sacodem os esquecidos e quase sempre atacam a parte mais sensível do motorista: o bolso.

Por outro lado, abrem espaço para uma poderosa "fábrica de multas", afastando-os sorrateiramente de sua função principal. A defesa da infração, morosa e complicada, faz com que o motorista desista dela e passe a aceitar a multa.

O órgão municipal responsável por esses aparelhos e por todo o aparato de controle de trânsito precisa adotar critérios justos para a aplicação da multa; a legião de descontentes e penalizados é muito grande e pode causar antipatia perante a administração pública, porque são detalhes que levam os aparelhos a enquadrar o motorista na irregularidade. Por outra parte, faz-se necessário atinar para um fato importante: o controle da velocidade feita pelos referidos aparelhos eletrônicos, desorganizou a sincronização dos semáforos em determinados locais. Eles foram programados para um determinado tempo e a limitação mudou a regra, obrigando o motorista a parar em quase todos os sinaleiros. As avenidas José Maria de Brito e República Argentina são as campeãs do descompasso.

Foz: bonita ou feia?

Desde a gestão de Ozires Santos, ouço dizer que a cidade é feia, mal planejada, não tem praças, etc. O Ozires deu passos importantes na construção de calçadas e arborização, de forma modesta, simples e concentrada nas avenidas Brasil – na época com duas mãos – e Jorge Schimmelpfeng – total predominância de palmácias; mas a arborização foi mais completa na administração do Coronel Clóvis Cunha Viana – último prefeito oriundo do regime militar, planejada pelo arquiteto Décio Luiz Cardoso (de saudosa memória), também autor do vigoroso plano-diretor que mudou a cara da cidade.

De lá para cá, pouca coisa mudou, aliás aconteceram descasos com obras do passado: basta observar as árvores nas calçadas, prestes a cair, forçadas pela ação do concreto, colocado inclusive no pé das árvores, sem espaço para expansão do tronco.

O resultado é este: calçadas com níveis irregulares e perigo para o pedestre. Há que se ressaltar também a diversidade de pisos adotados em determinadas ruas onde são utilizados materiais impróprios (lisos e perigosos).

A esse fato acrescentem-se, também, equipamentos comerciais (mesas e cadeiras, mesa de bilhar e até churrasqueiras) instalados aleatoriamente, desrespeitando o Código de Posturas.

A cidade não é feia e nem bonita, é tão somente a imagem de seus administradores.

"Já dizia o 'véio' Kelias nos tempos de outrora: Uma coisa é legislar para a coletividade, outra para o voto"



Mesmo quando os vereadores aumentaram seus próprios salários o povo protestou

As três emoções



Nonato participou da explosão do vertedouro da Itaipu...

por Raimundo Nonato

"Uma das coisas mais emocionantes que eu vi na minha vida foi o rompimento do dique para o enchimento do lago"

Primero dia de janeiro, primeiro dia do ano de 1977. Quando o avião fez um vôo panorâmico sobre as Cataratas, me deu uma enorme vontade de dizer: "Mesmo que a viagem fosse o dobro da distância, 2 mil ou 3 mil quilômetros, valeu a pena!"

Nascido em Minas, carregando a frustração de não ter mar, (bem que o Espírito Santo ou o Rio de Janeiro, poderiam trocar um pedaço de terra com a gente, para que tivéssemos nosso pedacinho de mar!), ao ver aquele mundo de água, límpida, cristalina, linda!

No outro dia, bem cedo, eu já estava no que seria a obra, o começo dela. Aos poucos fui incorporando ao meu vocabulário técnico, capturado nos catálogos das máquinas numa empresa multinacional, alguns termos populares que compunham o jargão da atividade de barrageiro.

A partir daí, tudo era novidade. Não existe a rotina, o marasmo, o tédio. Tudo é grandioso! A frota de caminhões "fora de estrada" a encher o céu de fumaça e a fazer estremecer o chão por onde passavam, um verdadeiro labirinto, para levar para os "bota-fora" a rocha desmontada pelas toneladas e toneladas de dinamite detonadas todos os dias. Primeiro a gente sentia a vibração do solo sem saber de onde viriam as lascas de rochas.

A essa altura todos os ônibus que levavam o pessoal eram parados, até que se desse o último fogo (detonação de dinamite). Muito tempo depois é que eu fui saber que aquela vibração do solo era uma carga para produzir o atrito que faria detonar a carga grande para o desmonte das rochas. A propósito, quando fui mandado para São Paulo para apressar a recuperação de equipamentos, me espantei com um pedido de compra de nada menos do que 500 quilos daqueles elastiquinhos usa-

dos para prender notas de dinheiro. Eram para prender as "bananas" de dinamite nos cordões para a detonação. Vejam que não há nada de exagero quando se trata de uma obra em que trabalhavam, no pico de sua construção, cerca de 20 mil pessoas. Tudo era para ontem!

O cronograma tinha de ser cumprido com todo o rigor. Foram recrutados os melhores profissionais de cada área, a peso de ouro, e alguns foram trazidos de empresas que formavam o consórcio constituído para a construção da barragem.

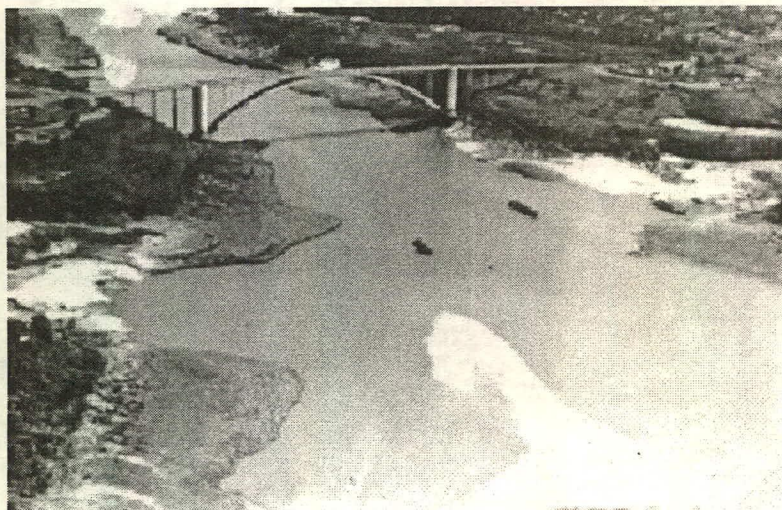
O organograma era adaptado de acordo com o avanço da construção. Assim, o departamento de topografia, por exemplo, foi extinto por não haver mais necessidade do mesmo. Cada área tinha o melhor especialista: o melhor na organização de canteiro e acampamento, o melhor engenheiro de segurança, o melhor cabo de fogo (o profissional que controla o estoque de explosivos e as detonações).

O refeitório foi projetado pela melhor arquiteta do ramo. E assim por diante. A gente se via diante de coisas tão curiosas como a pá carregadeira em cuja caçamba cabia folgadoamente um fusca.

Um caminhão fora de estrada com capacidade para 50 toneladas era enchido com penas 12 caçambadas daquele monstro. Resumo da história: feito o desvio do Rio Paraná, construída a barragem propriamente dita, chegou o grande dia, o de detonar o dique de contenção para que a água enchesse o grande lago, o maior lago artificial do mundo.

Mas, não é demais dizer dos milhares de metros cúbicos de madeira para a caixaria, os milhares de toneladas de ferro e cimento. Que me desculpem os leitores, mas eu não posso omitir um acontecimento fortuito, quase trágico, ocorrido numa tarde e que eu tive conhecimento por terceiros.

Havia no canteiro de obras um guindaste enorme que era usado para depositar o concreto na barragem. O tal



**... que secou
temporariamente
o Rio Paraná**

guindaste tinha uma lança que poderia alcançar 200 metros de altura. Naquela tarde, pelo que se disse, seriam feitas tomadas de cenas e fotos para que fosse conseguida uma parte do financiamento de investidores europeus.

Numa pequena gaiola, foram içadas diversas pessoas, entre elas os cinegrafistas, o fotógrafo, e outras ligadas a financiadores e à tomadora do empréstimo. Não se sabe a que altura, a gaiola travou e não se movia nem para cima nem para baixo. Acionada a segurança da Itaipu Binacional, foi avaliado que não havia condições de resgate, dado que a noite já se aproximava.

Então foram providenciados alimentos, cobertores, cigarros e tudo o que fosse necessário para as pessoas que estavam lá em cima, entre elas, um trabalhador comum da obra.

No dia seguinte, foi efetuado o resgate e o que mais impressionou foi o relato do “peão”. Rindo muito ele contava que nunca tinha comido tanto biscoito e chocolate, fumado cigarros caros, se enrolado em senhor cobertor, enquanto os outros ficavam lá se “borrando” de medo que nem conseguiram dormir nem comer nada. Enquanto ele dormira a noite todinha.

Uma das coisas mais emocionantes que eu vi na minha vida foi o rompimento do dique para o enchimento do lago. Essa foi, sem dúvida, uma das emoções mais fortes que já senti na vida. Começou pelo rastreamento de toda área envolvida. Era um tal de “entendido, área evacuada de pessoas, equipamentos e animais; positivo, continue na escuta”.

Rádios transmissor-receptores e pessoal da segurança cobrindo todo o canteiro da obra. Naquela época ainda não havia telefones celulares. Tudo checado, começou a contagem regressiva. Muita expectativa. Enfim, viu-se o fogo caminhar por uma estrada como um raio antes do trovão, e aí veio a detonação. Bem próximo de onde eu estava restou uma máquina enorme que era usada para fazer a escavação subaquática.

Com o movimento da água, a máquina se inclinou para um, depois para o outro e submergiu suavemente. Em poucos segundos a gente viu a extremidade da lança desaparecer. Fiquei sabendo dias depois que o salvamento da máquina foi considerado inviável pois o equipamento para tal tarefa teria de ser trazido do porto do

Rio de Janeiro e o custo era muito alto. Aquele evento me remeteu a um outro semelhante: a corrida do aço numa usina siderúrgica, 30 anos antes. A cena é mais demorada e envolve ou envolvia na época, uma tecnologia que remonta aos tempos bíblicos, para a abertura de um furo no alto forno para a saída do ferro gusa líquido.

O alto forno, o leitor pode imaginar, é um tubo de uns dez metros de altura e dois metros de diâmetro. Esse tubo é carregado com uma mistura de minério de ferro sinterizado (pulverizado), fundentes e carvão vegetal que fornece o calor para fundir o minério.

Depois de oito horas é a hora da corrida. A boca do forno é tampada com barro e em frente há um pátio com camada grossa de argila especial. Nessa camada de argila são feitas cavidades interligadas por canais de forma que à medida em que uma cavidade se encha, o ferro líquido flui para a outra. O rompimento do barro da boca do forno é feito com uma lança de pau roliço com uns varões atravessados, que lembram as batalhas dos tempos das Cruzadas, uns quatro ou cinco. Dois homens em cada varão, carregam a lança em direção à boca do forno e batem até que o barro se rompa e aí aquele rio de gusa líquido corre produzindo uma quantidade imensa de “estrelinhas” que encantam aos olhos de quem as presencia. A similitude dos dois fenômenos, e os produtos que eles nos fornecem, no final de cada processo, o aço e a energia elétrica, estão presentes em nosso cotidiano, nos dão a sensação de ter contribuído para o conforto e comodidade de toda a sociedade. Terminada a obra, eu fiquei por aqui.

Eu não preciso ir para Pasárgada com Manuel Bandeira por ser amigo do rei, pois aqui eu sou rei, eu me sinto um rei! Eu me sinto rei cada vez que uma criança me chama pelo nome na minha rua. Eu me sinto um rei quando qualquer criança em algum lugar da cidade sorri para mim, respondendo ao meu gracejo. Eu me sinto rei quando um adulto me brinda com sua atenção e a gente bate um papo descontraído. E eu me sinto um rei quando no Ginásio de Esporte Costa Cavalcanti, eu posso gritar a plenos pulmões e com toda a emoção: Uh, uh! Foz do Iguaçu! Após um gol do FozFutsal!

**“A gaiola
travou e não se
movia nem
para cima nem
para baixo.
Acionada a
segurança da
Itaipu
Binacional, foi
avaliado que
não havia
condições de
resgate”**

Raimundo Nonato é aposentado, artesão e militante do PT

Nazisrael



por José Arbex Jr.

“Sharon comanda um genocídio. Os soldados também estão entrando nos hospitais, matando pessoas feridas e prendendo os médicos. As ambulâncias estão impedidas de circular e recolher os feridos.”

“Quem deveria ser preso pelo assassinato de 120 paramédicos palestinos? Quem deveria ser condenado pela morte de mais de 1,2 mil palestinos e pela punição coletiva imposta a 3 milhões de civis nos últimos dezoito meses? E quem deveria enfrentar a justiça internacional pela ocupação ilegal de terras palestinas e pela desobediência às resoluções da ONU por mais de 35 anos?”

O autor dessas perguntas, Lev Grinberg, é cientista político e diretor do Instituto Humphrey de Pesquisa Social da Universidade Ben Gurion, em Israel. Não é, portanto, nenhum “anti-semita”, nenhum “islâmico fanático”, nenhum “apoiador do holocausto”, ninguém, em resumo, que possa ser enquadrado nos habituais e imbecis insultos destinados a qualquer um que critique o governo de Israel.

Grinberg continua: “Quero perguntar: quem prenderá Sharon, a pessoa diretamente responsável pelas ordens de se assassinar os palestinos? Quando ele também será qualificado como terrorista? Por quanto tempo ainda o mundo pretende ignorar aquilo que dizem os palestinos - que eles apenas querem liberdade e

independência? Quando vamos parar de ignorar o fato de que o objetivo do governo israelense não é a segurança, mas sim a permanente ocupação e dominação do povo palestino?”

O relato de Mário Lill

A julgar pelas cenas de nazismo explícito praticado nas últimas semanas pelo exército de Israel contra o povo palestino, pessoas como o professor Grinberg ainda terão de esperar muito para aplacar sua angústia e indignação. Vejamos o que relata Mário Lill, o brasileiro que ficou famoso ao entregar uma bandeira do MST a Yasser Arafat, durante um encontro mantido em seu escritório, na cidade sitiada de Ramallah. Lill fazia parte de uma comitiva internacional organizada pela Via Campesina, em solidariedade ao povo palestino. A comitiva chegou em Ramallah no dia 28 de março, quase que no mesmo momento em que começou o pesadelo.

Em entrevistas diárias concedidas à rede de Rádio CBN e em *e-mails* distribuídos pela *Internet*, Lill disse que “Sharon comanda um genocídio”. Segundo ele, o exército israelense “está matando civis nas ruas e em suas casas, indiscriminadamente”. E mais: “Os soldados também estão entrando nos hospitais, matando pessoas feridas e prendendo os médicos. As ambulâncias estão impedidas de circular e recolher os feridos. Até mesmo ambulâncias com organizações humanitárias estrangeiras estão sendo detidas”.

**“Lill disse que
“Sharon
comanda um
genocídio”.
Segundo ele, o
exército
israelense
“está matando
civis nas ruas e
em suas casas,
indiscriminada-
mente”**

Mentiras de um certo "jornalista"

Não é exatamente esse quadro que transparece na cobertura feita pela mídia internacional e brasileira. Thomas Friedman, o articulista do *New York Times* especializado em Oriente Médio, espécie de porta-voz daquele jornal, responsabiliza Yasser Arafat pela prática de terrorismo. Insiste na velha tecla de que Arafat poderia ter aceito o acordo de paz oferecido, em julho de 2000, por Bill Clinton e o então primeiro-ministro israelense Ehud Barak, durante as negociações de Camp David. A ocupação israelense teria terminado, então, e estaria aberta a via para a formação do Estado palestino. Arafat, ao recusar o acordo, teria estragado tudo. O único problema é que Friedman é cínico, mentiroso e parece acreditar que o mundo é povoado de imbecis.

A "tese" de Friedman - de resto, também defendida por um sem-número de papagaios sábios que, invariavelmente, adotam ares profundos de doutores para falar sobre o assunto - não resiste à menor análise. Stephen Shalom, professor de ciências políticas na universidade William Paterson, de Nova Jersey, e articulista da revista eletrônica *Z Net*, lembra que um dos integrantes da equipe de negociadores de Bill Clinton, Robert Malley, lançou um livro definitivo sobre o assunto, no qual mostra que Arafat não poderia aceitar o acordo simplesmente porque não havia acordo algum (*Camp David: The Tragedy of Errors*, Robert Malley e Hussein Agha, *New York Review of Books*). No livro, Malley nota que Barak, longe de ser o "democrata cordial" pintado pela mídia, multiplicou o número de assentamentos israelenses nos territórios palestinos ocupados durante o ano que durou o seu mandato. Em Camp David, diz Malley, Barak fez uma oferta indecente a Arafat, e ainda assim jamais escrita nem detalhada. Segundo Malley, "estritamente falando, nunca houve uma proposta israelense".

E qual foi a proposta que não houve? Para "resolver" o problema dos assentamentos israelenses, os palestinos receberiam uma área (não especificada, que Israel escolheria) equivalente a 1% do total da Cisjordânia, em troca de 9% da Cisjordânia onde já estavam formados assentamentos, que, na prática, dividem a Cisjordânia em regiões separadas.

Isto é, a "proposta generosa" de Barak se resumia a criar bantustões palestinos.

Suicidas e terroristas

Stephen Shalom também nota que não há, nem pode haver, qualquer simetria entre o gesto desesperado dos palestinos suicidas e a matança a sangue-frio promovida pelos soldados israelenses. A razão é tão simples quanto trágica: "Muitos daqueles que aderem aos grupos terroristas enfrentam uma vida de desemprego e pobreza. (...) Quando o desemprego atinge a margem dos 40% e cerca de 45% da população têm menos de 15 anos (como é o caso da Cisjordânia e da Faixa de Gaza), as pessoas têm dificuldade em acreditar que seu futuro será brilhante". Essas considerações foram feitas a congressistas, dia 6 de fevereiro, pelo insuspeito Carl W. Ford Jr., secretário assistente de informação e

pesquisa de Estado dos Estados Unidos.

Ninguém está dizendo, aqui, que a miséria justifica o terrorismo. Não justifica. Mas os números revelam a tragédia humana vivida pelos palestinos. Não há como se comparar um jovem desesperado de 15 anos com soldados treinados para praticar o genocídio. Não há como dizer que Arafat é o responsável pelo presente caos, quando se sabe que Sharon é, reconhecidamente, um gorila truculento nazista, e que foi ele quem provocou a "nova Intifada" ao visitar, em setembro de 2000 - protegido por um exército de guarda-costas e abençoado pelo "democrata" Ehud Barak - a Esplanada das Mesquitas, no coração da Velha Jerusalém, um lugar sagrado para os muçulmanos.

Novamente, essa percepção não é defendida por "islâmicos fanáticos" ou "anti-semitas", mas por gente digna e honesta, como os já citados Lev Grinberg e Stephen Shalom, e por muitos outros professores, ativistas, escritores e intelectuais israelenses, como Michael Warchawski, Uri Avneri e o filósofo Sérgio Yahní (membro do Conselho Consultivo do Fórum Social Mundial), que aliás foi preso, no dia 19 de março, por ter se recusado a servir, como reservista, no Exército facinoroso de Sharon.

"A mídia brasileira, finalmente, prossegue - com raras e honrosas exceções - a sua tradição de repetir as tolices, os preconceitos, as mentiras, os mitos e as falsificações propagados pela mídia americana"

Tolices da mídia brasileira

A mídia brasileira, finalmente, prossegue - com raras e honrosas exceções - a sua tradição de repetir as tolices, os preconceitos, as mentiras, os mitos e as falsificações propagados pela mídia americana. A frase "novo atentado suicida praticado por terrorista palestino" é repetida inúmeras vezes, em artigos, na televisão e no rádio, sem que jamais alguém pare para perguntar o que leva um jovem a se matar. Claro, existe até uma resposta pronta, caso alguém faça uma pergunta tão estranha: Os suicidas são islâmicos, ora, e portanto fanáticos, logo terroristas. E está tudo certo. Mas como explicar, então, a brutalidade da "ocidental" e "democrática" sociedade israelense? Não faltam os "especialistas" de plantão para dizer, por exemplo, que a "dureza" dos soldados de Sharon é resultado da "perplexidade da sociedade israelense" face aos "atentados terroristas palestinos". Assim, a vítima é responsável por seu próprio flagelo! E os autores de teses tão sofisticadas e brilhantes ocupam, não raro, postos importantes nos maiores e melhores centros universitários deste país. É amargamente risível.

O nazista Sharon promove um genocídio, eis tudo. Só que, com isso, ele está também destruindo a sociedade israelense. Não há como viver em um país cercado de inimigos. Pela primeira vez, começa a haver uma nova diáspora judaica de Israel. A "terra prometida", hoje, só promete a angústia.

Sharon é a morte para judeus e palestinos.

José Arbex Jr. é jornalista

Teatro: do alternativo à profissionalização



Grupo de teatro Aplausos com vereador professor Sérgio como integrante, Mário Neves e Mirá Rocha em cena

por Nelson Figueira

Fazer um levantamento pretensamente histórico da arte teatral iguaçuense antes de tudo mostra que, ao contrário do que muitos afirmam, Foz é uma cidade em que o teatro encontra-se na ativa desde a década de 80.

Do teatro religioso do grupo Aplauso, liderado pelo hoje vereador Paulo Sérgio de Oliveira, passando pela performance do Kikio Gerou Este Bando e *Strass*, até o Grupo Teatral Foz, várias montagens foram feitas e artistas de renome pisaram em nossos improvisados palcos e uma geração de atores foi formada. Mesmo a história do teatro iguaçuense remontando à década de 70, somente nos 80 é que movimentos significativos ocorreram.

Um destes 'movimentos' foi o realizado pelo Kikio Gerou Este Bando. Mesmo sem nenhum apoio ou local de ensaio - algo comum a todos os grupos até hoje - de caras pintadas e figurinos improvisados, os integrantes do grupo (Taadeu Paniagua, Josinete Holler, Douglas Dias, Jean Milan, Cristina Delgado, Claudete Abreu e Ivonete) saíam às ruas ou em "qualquer outro espaço que pudesse ser utilizado" e realizavam performances que aliavam texto a movimentos de dança.

"Era o mesmo movimento que há hoje, e desde aquela época a reivindicação é que se tivesse espaço para apresentação das peças", diz Douglas Dias, um dos ex-integrantes do grupo. O Kikio "ousava" apresentar suas performances em locais como o Xis-Cão, na terceira pista da JK. Já naquela época, por não terem formação em artes, com exceção do bailarino Jean Milan, o Kikio convidava pessoas para ministrar oficinas aos integrantes.

Com direção e criação coletivas, o grupo era recebi-

do "como os artistas da época eram recebidos: com precaução pelo público". Como eram pequenas esquetes, até "porque todos eram estudantes e não havia tempo para grandes produções", ac onteceram muitas apresentações nas ruas.

Teatro de revista

O Kikio Gerou Este Bando sobreviveu por cerca de um ano, dissolvendo-se em 87. "Cada um foi cuidar de sua vida, pois vimos que não seria profissão para ninguém", diz Douglas.

Persistentes, Douglas e Jean fundaram o *Strass*, e por sugestão do bailarino argentino Cláudio Cabañas montaram um espetáculo em que o teatro de revista era a influência direta. "Este sim teve uma produção maior. Na época (1989), o Hotel Internacional, a coqueluxe da área hoteleira, foi o nosso palco".

Dirigido por Cabañas, o espetáculo chamava-se "Noite de *Strass*" e contou, além de Douglas, Jean e do próprio diretor, com a participação de Adriana Alencar. Cabañas, que dava aulas de dança moderna em Buenos Aires, teve a idéia de montar um trabalho parecido na cidade, onde o clima de cabaré era evocado. "Não se viu nada parecido até hoje, foi o primeiro e único trabalho no gênero", diz Douglas.

O espetáculo tornou-se um marco ao ser exibido pelas tevês abertas da cidade. Além dos *flashes* da estreia, as tevês acompanharam todo o processo de montagem. Talvez por ter um perfil menos performático, o trabalho do *Strass* foi melhor recebido pela população. Pela primeira vez, o teatro iguaçuense subia em um palco elitizado, sendo mostrado a um público de maior poder aquisitivo. "Foi muito interessante, estava a sociedade toda. Como era uma coisa moderna para a época, houve um interesse maior", informa.

Como o Kikio, o *Strass* dissolveu-se e Douglas e

Um desses 'movimentos' foi o realizado pelo Kikio Gerou Este Bando. Mesmo sem nenhum apoio ou local de ensaio - algo comum a todos os grupos até hoje - de caras pintadas e figurinos improvisados, os integrantes do grupo

Jean passaram a apresentar partes do espetáculo em locais alternativos. Voltava-se ao antigo esquema dos palcos improvisados e procura por locais de ensaio.

Em 90, mais uma tentativa. Após uma oficina de teatro ministrada por um ator “que ninguém lembra mais o nome”, juntam-se ao grupo, agora sem nome, Ivonete, Josinete Holler, Claudete Abreu e Cristina Delgado (ex-integrantes do Kikio) e os novatos Mara Cristina e Théo Melo.

Ensaio e apresentações na União fizeram parte da história desse grupo, que não chegou a fazer nenhum trabalho significativo.

Mostras e festivais

No mesmo ano, através da Fundação Cultural, o ator e diretor curitibano Roberto Menghini veio a Foz do Iguaçu ministrar uma oficina. Duas irmãs, Mirá e Rosli (Arinha) Rocha, que acabavam de chegar de São Paulo, interessaram-se pelo curso e resolveram participar. Théo Melo, que havia saído do grupo que “nem chegou a ter nome”, conheceu a ambas na mesma oficina.

Como produto final do curso de Menghini foi montado o espetáculo “O Homem do Princípio ao Fim”, de Millôr Fernandes, apresentado no Oeste Paraná Clube. “Para a maioria dos integrantes, mais ou menos 25 pessoas, era a primeira experiência, e muitos estavam saindo da adolescência. Era uma coisa de amor”, conta Arinha Rocha.

Depois da apresentação, que levou cerca de 200 pessoas ao clube, Théo e Mirá convidaram Mário Ângelo, Angelino Borba e René Macedo para compor um grupo. “Com estes e mais alguns que não me lembro bem, mas muito interessantes, fomos a Maringá para participar de um festival de teatro”, conta ela. “Foi o mico da história”, resume.

Com um figurino improvisado, *moleton* azul e preto, o espetáculo não foi bem recebido no festival. “Foi o sarro do evento. Voltamos todos arrasados, mas mesmo assim queríamos montar um grupo. “Como o Mario Ângelo era funcionário da Fundação e a entidade havia patrocinado a oficina, saiu este nome, muito ‘original’, que é o Grupo de Teatro Foz”, brinca ironicamente ela, que na época era apenas iluminadora.

Com o grupo “meio que oficial” da cidade, os integrantes resolveram remontar o espetáculo e realmente fazer uma boa produção. Novamente inscritos em um festival, desta vez em Francisco Beltrão, o Grupo de Teatro Foz ganhou seis dos oito prêmios em disputa, dentre eles melhor ator (Théo), atriz (Mirá), direção e espetáculo. “O importante é que na época vários grupos bons participaram do festival, como o Cemitério de Elefantes (de Londrina, com espetáculo escrito e dirigido por Mário Bortoloto, hoje Prêmio Shell de Teatro) e o Batata Frita às Vezes Pipoca, dirigido por Beto Lanza (de Curitiba)”.

O entusiasmo por ter sido premiado fez com que o Grupo Foz idealizasse a 1ª Mostra de Teatro Cidade das Cataratas, que se estendeu por três edições. Para a edição de 1991, os integrantes partiram em busca de apoio “às duras penas” do empresariado local, com

uma ajuda singela da Fundação Cultural, e conseguiram trazer para a cidade os grupos Cemitério de Elefantes, Batata Frita e o inovador Jorge Vermelho, de São José do Rio Preto.

“Vieram outros grupos interessantes para cidade. Os espetáculos foram apresentados na Agência Tass (atual Tass) e na abertura foi mostrada a peça ‘Quadrante’, com Paulo Autran”.

Além dos espetáculos, oficinas foram oferecidas aos cerca de 150 convidados. Sucederam-se convites para outros eventos na região e, em 92, a segunda edição da Mostra de Teatro Cidade das Cataratas foi realizada. Com oficinas de dramaturgia, ministrada por Mário Bortoloto, e máscaras, a mostra consolidou a cidade como palco de eventos da área. Dentre os espetáculos, destacou-se o apresentado pelos irmãos Tiaraju, primeira peça de teatro de bonecos de peso em Foz.

Após cerca de sete anos e muitos integrantes, o grupo realizou a terceira e última mostra de teatro. Os anos 90 terminavam e com eles outros grupos foram surgindo. O Grupo Foz passa a se chamar Cia. Foz de Teatro e a cidade foi dando uma ‘clareada’. “Hoje, nós temos público. Há pessoas que moram na cidade que escolheram Foz para viver, não é mais aquela coisa itinerante. E isto reflete no público. E nós escolhemos a cidade para fazer teatro, queremos fazer um trabalho aqui. Não se mudou muita coisa. Ainda é muito difícil fazer arte na cidade, mas o público é melhor. As pessoas têm senso crítico, é um público maravilhoso. Hoje se monta um espetáculo e sempre está lotado. O que ainda é difícil é o investimento. Ainda falta transformar o teatro de Foz num teatro ideal. Mas é uma coisa que vai acontecer, o primeiro passo é a lei de incentivo à cultura”, analisa Aninha.

Projetos

Corroborando com a análise da atriz iguaçuense o fato de existir hoje na cidade cerca de nove grupos. Surgiu um teatro universitário - o Teatro Universitário de Foz do Iguaçu (TUFI) - um curso pós-médio voltado às artes cênicas. Amadeus, Sob Pressão, Saltimbancos Carimã, e dos colégios Dinâmica e São José são apenas alguns dos grupos que se apresentam regularmente.

“Todos nós crescemos, o que era brincadeira virou trabalho”, diz Arinha, que hoje está montando, junto aos integrantes do grupo - a maioria já profissionalizada - a Casa do Teatro, um espaço alternativo onde pretendem montar um “teatro de bolso” e um bar sob uma lona de circo para apresentações de pequenos espetáculos. Uma das primeiras realizações no novo equipamento foi a Oficina de Pernas-de-Pau, ministrada por Paulo Braz, do grupo Proteu (Londrina).

Este é apenas um fragmento da história do teatro iguaçuense, muito aconteceu e nossa intenção é de trazer mais um pouco do que tem sido feito na área das artes cênicas na cidade.

Corroborando com a análise da atriz iguaçuense o fato de existir hoje na cidade cerca de nove grupos. Surgiu um teatro universitário - o Teatro Universitário de Foz do Iguaçu (TUFI) - um curso pós-médio voltado às artes cênicas. Amadeus, Sob Pressão, Saltimbancos, Carimã, e dos colégios Dinâmica e São José são apenas alguns dos grupos que se apresentam regularmente.



Anarquistas, *punks*, cineclubes e os anos 80

por Zé Beto Maciel

Foz tinha três fanzines: Chuá, Kratos e Mova-se Caralho -esse virou referência na imprensa alternativa dos anos 80

Z

Bom moçada, hoje é bem mais fácil colocar um brinco na orelha, deixar o cabelo comprido ou careca, calçar um coturno, vestir uma calça rasgada ou assumir assim, digamos, uma atitude de afronta, rebeldia, protesto e dizer não, muitos não.

Faz parte do *stablishment*, tá moda, virou produto de mercado. Nenhum pai ou mãe condena o filho ou filha por ficar com alguém com as características citadas acima. Ser diferente hoje é ser igual.

Agora, ser diferente nos anos 70 e 80 era incomum, classificado, rotulado e marginalizado. E como foram bons os anos 80! Década perdida para o Brasil em termos econômicos, foi uma década de efervescência na música, literatura, história em quadrinhos e na atitude com as coisas que estavam acontecendo no “brasilô”

Tudo isso sem essa mídia que se tem agora, sem *internet*, mas com muita comunicação e nós aqui no Paraná e em Foz do Iguaçu, estávamos na ponta dos cascos.

São dessa época os Titãs, a Legião Urbana, que os *punks* chamavam de legião urbana da boa vontade, Replicantes, Ira, Camisa-de-Vênus, Plebe Rude, Capital Inicial (argh!), Ratos do Porão, Inocentes, Garotos Podres, Paralamas do Sucesso (paralhamas, como chamávamos), Olho Seco, Engenheiros do Hawai (blergh!).

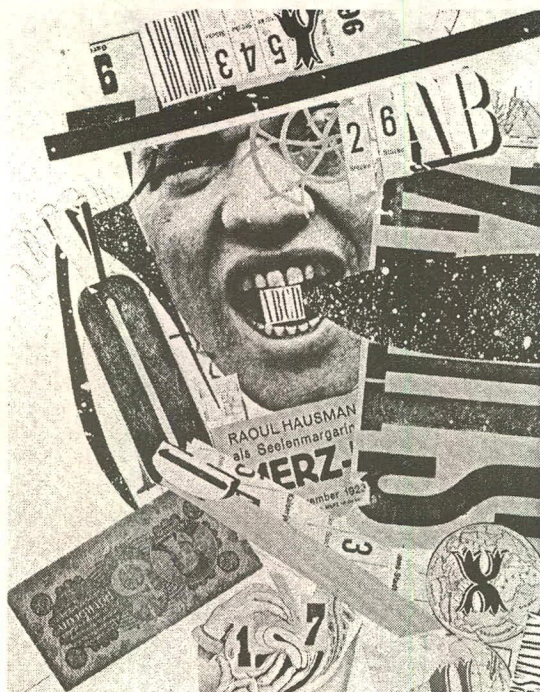
Ainda tinha um monte: Hanói-Hanói, Lobão e seus Ronaldos, Biquiní Cavado, Metrô (a gostosa Virginie), *Blitz*, Barão Vermelho, Ultraje a Rigor, Detrito Federal, Pupilas Dilatadas, os Mulheres Negras, as Mercenárias, Defalla, Garotos da Rua (pura bosta), Doutor Silvana, Sempre Livre, A Cor do Som, Kid Abelha (Q.I. de Abelha), Heróis da Resistência (ou da Insistência). Pôrra, era um montão que devo ter esquecido de um monte.

No Paraná tiveram muitos: Paz Armada (quem não cantou Ódio de Judeu), Beijo à Força, Heróis da Matinê, Excomungados, Bife Sujo & Cia, a velha Blindagem, *Vorvoloka Play* e *Le Stop Bety* – as duas últimas pura pose.

Aqui de Foz, o Ronildo Pimentel – o Roni Metal – deve ter apontado mais um monte.

Imprensa alternativa - Como surgiram essas bandas e um monte desapareceram foi no mesmo *boom* das histórias em quadrinhos, dos cineclubes, da literatura anarquista e da imprensa alternativa.

Na época surgiram várias revistas de hq's: Chiclete com Banana (do véio Ângeli), Animal (feio, forte e formal), Circo, Geraldão, Piratas do Tiê, Níquel Náusea e as estrangeiras *Heavy Metal* e algumas outras editadas pela L&PM. O lance eram os fanzines e se fazia de tudo: Inquérito, Mova-se Caralho, Kratos, Chuá, Leve Desespero, Bife Sujo e Cia, Absurdo Zine (da Paula Loira), Combate Branco (*skinhead* puro e preconceitoso), Caos, Contra-Informação, Opção Cultural, Mijo, *Press*, Sindicato do Delírio, Mau, Letra Livre, Sem Perfil, Centauro Sem Cabeça, Sem Essa, Coletivo Libertário, Contra Corrente, Gilete *Press*, Karne Krua, Barata, Anarkia, Entre



Amigos, Falange Anarquista, Núcleo de Consciência *Punk*, Ex-Via. Era uma cacetada.

Os próprios fanzines eram um copilados de literatura, hq's, dados das bandas, revolta contra o sistema, eram feitos com colagem, *xerox* (muito *xerox* por sinal) e distribuídos da forma mais alternativa possível, mas e, principalmente, pelo Correios.

Zines de Foz - Eram os anos 80 e fazíamos de tudo. Foz, como não podia deixar de ser, tinha três fanzines. O Chuá, de Roni Metal e Dilson Baiano Júnior; o Kratos, que divulgava a banda *Morthal*, do Nilton Bobato e o Mufi (Movimento *Underground* de Foz do Iguaçu).

E tinha o Mova-se Caralho. Era isso mesmo. Um baita caralhão na sua capa e detonando tudo e todos. Feito por mim e pelo Cássio Pirkel – um arquiteto que hoje anda perdido por Guarapuava, o Mova-se virou referência pela sua qualidade, artigos, linguagem despojada e assumidamente agressiva, poesia, hq's, cinema e cineclube.

No seu expediente dizia-se que o fanzine era o órgão oficial de contra-informação e do cineclube de Foz do Iguaçu. O cineclube a gente levava nos bairros, com um projetor de 16 mm, um pano branco, e dá-lhe cinema de arte, independente e que o povão gostava.

Na Facisa, atual Unioeste/Foz, surgiu o Cineclube T-40, comandado pelo Pena Catta e Ildo Carbonera. Durou pouco, mas foi legal. Ah! O Mova-se circulava na Facisa. Nem preciso dizer o rebu que deu.

Líbia e Europa - Mas a referência estava pelo Brasil afora e pelos quatro cantos do mundo. Recebíamos correspondências da Itália, Alemanha, Espanha, Portugal, França e EUA. Eram as rádios *Onda Rossa* na Itália, Onda Verde na Espanha, o Move dos EUA e as federações anarquistas da Itália e França.

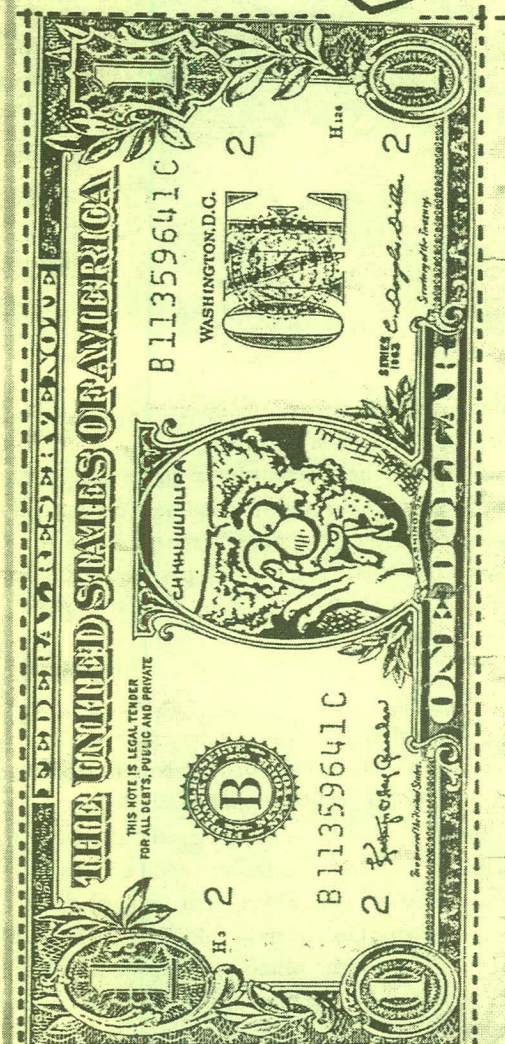
Foi através delas que estivemos por duas vezes, em 86/87 e 89, por aquelas bandas. Sem dinheiro no bolso e com direito a um pulo na Líbia e no Oriente Médio.

Nos anos 80 -a década perdida - pulularam as bandas, os fanzines, os cineclubes e nos estávamos na fita

campanha

Colabore com o pagamento da Dívida Externa brasileira. Recorte este dolar-massa e envie para o seguinte endereço: Banco Central do Brasil - Setor bancário sul - Ed. Sede 20º andar - cep 07070 - Brasília - Distrito Federal

O Mova-se durou três números, depois fizemos o Caos, o Contra-Infamação e por fim o Suicídio Coletivo. Estávamos de saco cheio do que havia se transformado tudo aquilo, entramos na nóia e cada um foi fazer o que devia ser feito. Guardamos boas saudades como a My Way do Camisa-de-Vênus.



Campanha desenvolvida pelo Mova-se para o pagamento da dívida externa brasileira

"Vamos derrubar os enlatados americanos e as novelas da Globo. Menos a das oito que a minha mãe adora", dizia o editorial do Mova-se

pécie de editorial do primeiro número para exemplificar como éramos arrogantes: "Irmãos. Chegamos. Aliás, estamos aqui há um bom tempo. Resolvemos ser originais. A originalidade é apenas uma imitação melhor do que as outras. Este boletim sai hoje. O próximo sai amanhã. Esperem".

"Sabemos que produzir algo nessa cidade é uma merda. O cineclube é pra isso mesmo. A cidade vai continuar como está ou feder mais ainda. É o que esperamos".

"Vamos invadir todos os espaços. Levaremos cinema, cultura e ejaculação precoce a todos. Não vai sobrar um. Bares, boates, bairros, escolas, favelas, igrejas e cadeias. Todos, sem distinção, vão entrar na dança. Podem levar o papagaio, a farofa e o baseadinho".

"Esta cidade precisa ter acesso ao cinema de arte ou independente. Vamos criar um pólo cultural alternativo, reunindo pessoas e interessados afins para aprender a fazer cinema e talvez filmes".

"Vamos entrar na briga pela tal Casa da Cultura (a fundação cultural não tinha sede). É uma fudeção uma cidade como esta não ter um local onde os artistas toquem punhetas e troquem palavrões".

"Meus velhos estão de saco cheio de tanta reunião na hora da novela. Precisamos de espaço. A arte está para a cultura como a cultura está pela arte e vice-versa. É tudo abobrinha e estamos cansados disso".

"Vamos trazer os melhores filmes já rodados no Brasil e outros que vocês nunca viram. Abaixo a pornografia.

Na Líbia pedimos dinheiro ao Kadaf para fazer um grande jornal alternativo enquanto o pessoal do *Tupac Amaru* e do Sendero *Luminoso* pediam grana para comprar armas. Kadaf não atendeu ao nosso pedido.

As viagens à Líbia e à Europa foram através da Federação Paranaense de Cineclubes, também anarquista, que era coordenada pelo José Gil de Almeida - hoje escritor de livros de Lino Oviedo, da crise da Argentina e da tentativa de golpe na Venezuela. José Gil escreveu também um livro sobre a Líbia e o Kadaf.

Em Curitiba tinha quatro cineclubes: Sindicato do Delfrio, Cineclube Requião (vejam só), da Federação e um na PUC e outro na UPE, senão me engano. Em Maringá tinha dois, Londrina mais um e assim por diante. Éramos anarquistas e botamos para foder na época.

Foi através dos fanzines, cineclubes, e esse pessoal da época, que pulularam esse montão de bandas. Em Curitiba ainda tem que citar o Thadeu, os irmãos Prado, o Sérgio Virallobos, a Alice Ruiz, Helena Kholody e o Paulo Leminski - já em estágio terminal de uma cirrose para lá de hepática.

Eles armaram umas revistas, Odiário, 69, Sala 17 e outras que não me lembro. São poetas. Tinha a feira do poeta na praça com o seguinte bordão: "Passa na praça que a poesia te abraça", que nós, os *punks*, pregamos: "Passa na praça que os viados te abraça"

Mas os Prado, Virallobos, Alice e Leminski e Cia não tinham nada a ver com isso. Eram poetas mesmo e até freqüentavam os bares como a Amarilis, Dolares Nervosa e outros que surgiram no Lago da Ordem (Bar do Estudante).

Vale um parênteses: Curitiba é a cidade mais pose do Paraná. Tirando esses caras, o resto eram aquelas meninas de topetes, tudo igual uma a outra e nós, é claro, detonando todas.

O Mova-se durou três números, depois fizemos o Caos, o Contra-Infamação e por fim o Suicídio Coletivo. Estávamos de saco cheio do que havia se transformado tudo aquilo, entramos na nóia e cada um foi fazer o que devia ser feito. Guardamos boas saudades como a *My Way* do Camisa-de-Vênus.

"Fazdefoz" - Do Mova-se, ousou transcrever uma es-

Não que sejamos contra. É que só tocar bronha também enche o saco, ou melhor, esvazia. Nisso nós temos experiência”.

“Promoveremos encontros, festivais, cursos, palestras, orgias e bacanais – tudo ligado ao cinema, claro. Vamos derrubar os enlatados americanos e as novelas da Globo. Menos a das oito que a minha mãe adora”.

“Todos os interessados em participar desse cine-clube são bem-vindos a bordo. Damos preferência às mulheres e às bichas. As bichas são para os tempos de vacas magras”.

“A tchurma da Pastoral da Juventude já está participando. Não discriminamos ninguém. Traçamos todos. Procurem os redatores deste boletim. Telefonem ou deixem recado. Sem baixaria no telefone, minha mãe é brava. Esperamos todos e aguardem. O que será de Foz sem nós”, assim terminava o editorial intitulado “Fazdefoz”.

D’guauá - Pois é moçada. Depois disso inventamos o **d’guauákgb&cia** – uma espécie de oficina de artes – com Pirkel, Adriana Vecchi, Roger Savaris e Tadeu Piniágu. Foram algumas invenciones, muita piração, participação política e cada um, com a crise, foi buscar seu canto. Nessa turma tenho que destacar a Isabel Farias, Rogério Nonato, Claudinha Chantal, Ronildo Pimentel, Clari Freitas, Darwin Andrade, Zé Moreira e outros tantos de quem que não me lembro mais.

Depois da D’guauá – Que é algo no guarani como de mentira ou de brincadeira – eu, o Bobato e Sílvia Campana inventamos a Fanzine – uma revista destinada aos jovens. No seu primeiro número, um rapaz chamado Alexandre Palmar, de 16 anos, escreveu um artigo sobre o Titãs e detonou os críticos do disco “Tudo ao Mesmo Tempo Agora”.

Nesse número publicamos um hq do Laerte que ensinava, de maneira bem didática, como se fazer um fanzine. Tinha o *Le Stop Bety*, *Jap’s Teen*, aids e o movimento estudantil.

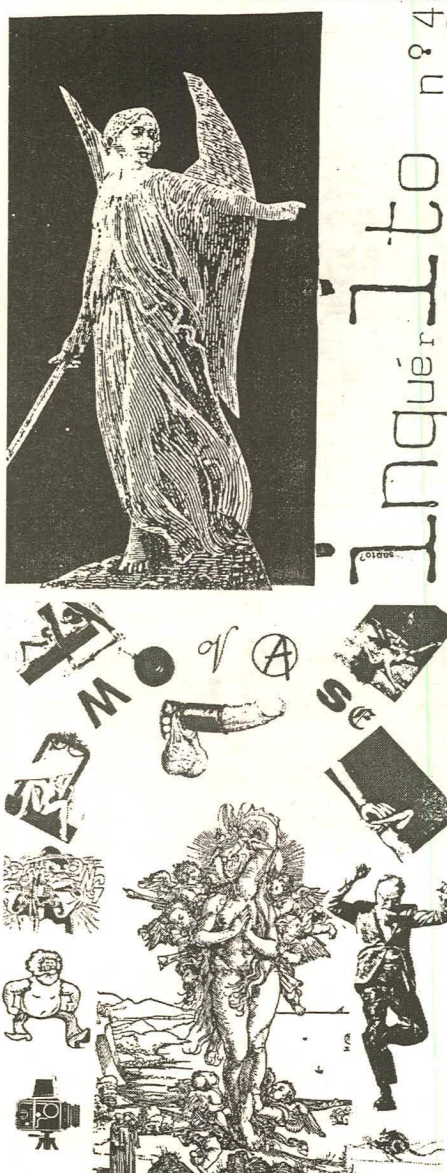
No editorial do segundo número, escrevemos o seguinte: “Aviso aos navegantes: Todos sabem que colocar a fanzine na praça não é fácil. Além de vender as nossas vózinhas para fazer sabão, estamos com a polícia em nosso encalço cobrando uma porrada de cheques frios e os advogados de nossas ex-mulheres cobrando a pensão de nossos ex-filhos. É foda”. E por aí vai.

No segundo número teve um artigo do Ricardo Wild, então com 20 anos e secretário da Adeafi, matérias sobre o Dorsal Atlântica, festival de teatro, violência urbana e uma história em quadrinhos com dois personagens “Os 2 xirus em agitadores da cultura”. Falando sobre o quê? A lei de incentivo fiscal à cultura.

Cês viram. Tudo isso aconteceu nos anos 80, no século passado, e tem muita coisa ainda em pauta no começo dos anos 2000. E aí moçada, vamos ser agente dessa história?



A D’guauá tinha uma verdadeira ojeriza com a grande mídia



Capas de fanzines produzidos na década de 80

No editorial do segundo número, escrevemos o seguinte: “Aviso aos navegantes: Todos sabem que colocar a fanzine na praça não é fácil. Além de vender as nossas vózinhas para fazer sabão, estamos com a polícia em nosso encalço cobrando uma porrada de cheques frios e os advogados de nossas ex-mulheres cobrando a pensão de nossos ex-filhos. É foda”. E por aí vai.

Zé Beto Maciel é jornalista e iguaçuense

A PASSAGEM DE ALBERTO SANTOS DUMONT PELA VILA IGUAÇU

Faço este relato da visita à Vila Iguaçu do ilustre personagem, " Alberto Santos Dumont", com muita satisfação expressando toda a verdade.

Foi a 24 de abril de 1916, vindo de Buenos Aires, em barco Argentino, hospedou-se no Hotel do Sr.Leandro Arechea em Puerto Aguirre.

Para prosseguir o relato completo da vinda do ilustre visitante, tenho de fazer uma retrospectiva, para esclarecer como foi que ele pisou este torrão Brasileiro.

Elfrida E. N. Rios

Foz do Iguaçu, 19 de setembro de 1973.

Aeroclube do Paraná

Caixa Postal 6518, Curitiba

Meu irmão Alfredo J. Engel, como garçom, serviu Santos Dumont em uma dessas mesas. No destaque: folha do livro de hóspedes do Hotel Brasil de meu pai, com a assinatura do nosso grande inventor e patriota



Prezado senhores,

Neste momento em que me foi oferecida a oportunidade de fazer um relato sobre a vida de "Alberto Santos Dumont" à Vila Iguaçu, quero, em primeiro lugar, identificar-me: sou portadora da carteira de identidade Nº 103075, brasileira, natural de Porto Alegre- Rio Grande do Sul, residente em Foz do Iguaçu desde 1915.

Ao fazer o relato da vida do "Pai da Aviação" à Vila Iguaçu, permito-me fazer uma pequena biografia do meu pai, Frederico Engel, que muito se relaciona com a vinda de Santos Dumont. Espero que minha narração

seja considerada a expressão da verdade, pois tive a felicidade de o conhecer pessoalmente.

Em 1922: Fiz uma viagem da Foz a Guarapuava com duas filhinhas, em carroça, que era nosso único transporte. Levei 24 dias penosos viajando e jamais esqueci os trabalhos que passei.

Em 1937: Fiz a primeira viagem de avião pela *Panair* do Brasil, em duas horas e 25 minutos da Foz a Curitiba. Me parecia um sonho e em pensamento bendizia o pioneiro desta terra.

Subscrevo-me mui cordialmente.
Elfrida E. N. Rios

Vila Iguaçu, 1915

Meu pai: Frederico Engel (brasileiro) estava estabelecido com um hotel em Posadas - Misiones, República Argentina. Os brasileiros que por ali passavam para ir a qualquer ponto do Brasil, hospedavam-se ali para depois prosseguir a longa viagem. Naquele tempo dependíamos exclusivamente da navegação argentina e paraguaia. Os principais barcos que traziam passageiros, chamavam-se Iberá, Espanã, Tuizango, Salto, Eldelira, Adela, Vila Franca e muitos outros traziam Víveres.

O principal objetivo da navegação lá em Porto Mendes, era de trazer erva-mate, vinda de Mato Grosso, bem como de diversas firmas aqui de nossa costa que exportavam para Buenos Aires.

Foi em fevereiro de 1915 que passou pelo nosso hotel o Coronel Jorge Schimmelpfeng e entusiasmou meu pai para se estabelecer com hotel na Vila Iguaçu, que era uma fonte de riqueza. Meu pai decidiu e veio sondar as possibilidades de se estabelecer. Ficou muito animado vendo um futuro brilhante, “que é hoje”, e que ele não alcançou a ver, mas deu tudo de si para que o mundo conhecesse esta maravilha dos “Saltos de Santa Maria”. Como grande organizador, achou que tinha de arrumar uns cômodos lá nos saltos considerando o cansativo transporte de 4 horas. Foi então informado que as Cataratas eram propriedades do sr. Jesús Val, de nacionalidade uruguaia, residente em Puerto Colán em Villa Concepción, Chaco Argentino. Dirigiu-se a ele pedindo licença para explorar e zelar por este belo e imenso patrimônio, que hoje é o Parque do Iguaçu. Obtendo resposta imediata, dando todos os poderes a meu pai para cuidar e explorar por tempo indeterminado. Foi então que meu pai dedicou-se de corpo e alma ao serviço. Alugou um sobrado velho e abandonado, construído no tempo da Colônia Militar, pertencente ao sr. Leôncio Alvez. Foi muito árduo o serviço de limpeza e reforma do hotel, do velho casarão. Em primeiro lugar a falta de capital e em segundo, a aquisição do material; a madeira era toda serrada a mão e de difícil transporte. Como tudo era moroso e difícil, meu pai resolveu ir abrindo caminho para as “Cataratas”. Seguindo nove quilômetros pela estrada velha que conduzia à Guarapuava entrou à direita com seu pessoal na mata virgem. Abriu uma picada de dezoito quilômetros para chegar às deslumbrantes e belas “Cataratas” que jorravam dia e noite suas brancas e precipitadas águas. A três quilômetros de distância já se escutava o rumor dos saltos. Lá existia um barracão abandonado, por certo também construído no tempo da Colônia Militar. Com certeza fora habitado em algum tempo, porque tinha por perto plantações de

laranjas, limoeiros, cidreiras, pessegueiros, tangerineiras, goiabeiras e bananeiras. Meu pai transformou o barracão em três cômodos para hospedar seis pessoas, uma salinha de jantar e cozinha. Nunca chegou a lotar o hotel. Atacando todo o serviço logo, sentia a falta de finanças, tendo investido tudo o que possuía, sem ter lucro. Adquiriu um carro de quatro rodas puxado por quatro e até seis cavalos, para conduzir os passageiros que por uma eventualidade aparecessem.

Meu pai teve de enfrentar uma verdadeira luta nesta região desconhecida e com a tremenda concorrência do hotel do sr. Leandro Arechea, em Puerto Aguiré, que convencia a todos os passageiros que aqui não tinha hotel.

Meu pai, na ânsia de vencer, começou a fazer propaganda pela desconhecida **Companhia Spninter** em Buenos Aires. A 15 de novembro de 1915 conseguiu inaugurar o hotel que dava comida para quatorze pessoas, deu o nome de “**Hotel Brasil**” e o mesmo nome ao barracão dos saltos (conforme foto). Os poucos passageiros que apareciam eram transportados no carro que levava quatro a seis horas para chegar às “Cataratas” (conforme foto do carro, conduzido por meu irmão Alfredo Engel). Para o turista amante da natureza esse tempo passava ligeiro, contemplando a imensa riqueza da mata virgem, das aves e dos bichos. Bandos de papagaios, periquitos, tucanos, pombas, jacus, patos silvestres, araras, garças, andorinhas, passarinhos de toda espécie enchiam a mata de vida e de canto. Tinha lugares que milhares de borboletas formavam uma mancha no chão e com a passagem do carro revoavam, formando verdadeiras nuvens multicores. A fauna era rica, tinha bandos de macacos e saltitar de uma árvore para outra, quatis, iraras lagartos, lebres, veados que fugiam assustados ao ver a presença da gente. Também existiam muitas cobras, aranhas-caranguejeiras e até tigres que deixavam seu rastro marcado na lama de estrada. Afinal, não era só a vida da fauna que distraía o sacrificado “turista”. Existiam maravilhosas parasitas, orquídeas em árvores frondosas de onde pediam imensos cipós. Os lindos e frondosos “ipês”, cobertores de flores amarelas e roxas. Havia um trecho só com samambaias e avencas a tremular suas folhas orvalhadas. Afinal, a picada era maravilhosa em vegetação e fauna viva. Perto das Cataratas havia uma extensão enorme de gigantes bambus que entrelaçavam suas pontas, formando um túnel verde (conforme foto). Tudo era tão lindo e atraente em dias de sol. Mas passar na mata com temporal era horrível, ouvindo cair árvores, que muitas vezes impediam a passagem, tendo que fazer desvios para caminhar, trabalho que levava horas, muitas vezes. Só quem participou como eu, dos árduos trabalhos de meu pai é que pode dar valor às dificuldades que ele enfrentou sem esmorecer, desejando o bem comum. Ele não era ganancioso e egoísta, o que desejava ardentemente como bom patriota, era que nossas Cataratas, tão privilegiadas pela natureza, fossem conhecidas pelo mun-

**Meu pai,
na ânsia de
vencer,
começou a
fazer
propaganda
pela
desconhecida
Companhia
Spninter em
Buenos Aires e
a 15 de
novembro de
1915
conseguiu
inaugurar o
hotel que dava
comida para
quatorze
pessoas, e deu
o nome de “
Hotel Brasil” e
o mesmo nome
ao barracão
dos saltos**

Os guías que com muita cautela levaram as pessoas mesmo através dos lugares mais perigosos, amarrados com cordas pela cintura (isto em tempos de enchente).

do e visitadas pelo nosso lado. No entanto, o seu intuito estava custando concretizar-se. A conservação da estrada era indispensável, manter um guardião no hotel dos Saltos, tudo era dispendioso e dependia de muito capital e meu pai começou a sentir o peso das dificuldades da árdua luta que enfrentava. Mas ele não esmoreceu, manteve a firme esperança de um dia ver seu intuito realizado. Entretanto, o destino negou-lhe este ideal. Quem ler esta pequena biografia dos feitos do meu pai, compreenderá a seguir o motivo por que o fiz. E vamos chegando ao ponto principal da visita de nosso ilustre **"Pai da Aviação"**.

Quando o meu pai soube que ele estava hospedado do lado argentino, foi imediatamente se entender com a autoridade máxima daquele tempo que era o coronel Jorge Schimmelpfeng, como chefe político e Prefeito Municipal. Fez ver a ele que era uma vergonha, para nós, saber tão ilustre personagem não fosse convidado para vir até à vila. Foi então organizada uma comissão, em que meu pai tomou parte e em nome da prefeitura foi convidado como hóspede oficial. Aceitando o convite, Santos Dumont pisou o ermo solo brasileiro. Foi hospedado no quarto nº 2 do nosso **"Hotel Brasil"**. Ao meio-dia de 24 de abril de 1916, foi-lhe oferecida uma churrascada e logo seguiu a cavalo para as Cataratas, acompanhado pelo meu pai "Frederico Engel" e meu irmão Frederico Engel Filho. Voltando de lá, dia 26 à tarde para assistir ao baile que lhe foi oferecido como uma demonstração de homenagem máxima daquele tempo. O baile foi animado pela bandinha composta de amadores e chamada **"A Furiosa"**. Santos Dumont, limitou-se a apreciar a animada sociedade que dançava em sua homenagem. Ele permaneceu a maior parte do tempo parado em uma porta perto do piano que se vê na foto do salão do hotel. Seu traje era um culote e uma simples túnica cáqui e polainas marrom, sem deixar seu clássico colarinho auto. Suportou delicadamente a festa até às quatro da madrugada do dia 27*, quando se despediu cortesmente de todos e seguiu sua viagem até Guarapuava. Fez esta viagem sem medir sacrifício, setenta e quatro léguas, acompanhou a linha telegráfica, naquele tempo ainda não tínhamos estrada. Foi acompanhado pelo Fiscal da Prefeitura sr. Izidro Pires (já falecido) e Virgílio Mendes, soldado da Polícia, que ainda vive e mora nas proximidades de Bacacheri - Curitiba.

Minha narrativa se estendeu –se muito para chegar ao ponto mais importante, e que talvez seja desconhecido, por nunca ter apresentado a oportunidade de um real esclarecimento. No primeiro passeio que Santos Dumont fez acompanhado por meu pai e

(*) Estas datas citadas são comprovadas pelo livro de hóspedes do hotel e por ele assinado conforme o "xerox" do Hotel Brasil. Anexo está relação de fatos verídicos, vão mais três "xerox". Um do interior do salão do hotel da Vila e outro do Hotel dos Saltos, em cuja a frente está a família do Cônsul Argentino sr.

Fernando Alegre Alarcón, passando dias de descanso. Foi neste hotel que Santos Dumont passou o maior tempo de sua estada aqui em Iguaçu.

Os guias que com muita cautela levaram as pessoas mesmo através dos lugares mais perigosos, amarrados com cordas pela cintura (isto em tempos de enchente). Foi numa grande enchente que veio impulsinada pelas forças incríveis das águas uma enorme tora que ficou presa por cima do precipício do Salto Floreano. Foi pra lá que nosso hóspede se dirigiu resolutamente e, ficando na ponta da tora, de braços cruzados, imóvel, extasiado contemplando a maravilhosa **"Garganta do Diabo"**, sem medir conseqüências e nem se importando com o tempo, ali permaneceu. Meu pai conhecendo o imenso perigo, não ousava dizer uma só palavra com temor que ele se voltasse e escorregasse, caindo no precipício. Pois a tora estava sempre úmida pela neblina das Cataratas.

É de se compreender o momento de angústia que meu pai passou, medindo a responsabilidade que havia assumido com ele esforçando-se para trazer e vendendo-o se expor a uma catástrofe. Ficou apavorado, impondo silêncio aos guias, não menos assustados, por ver tão grande coragem. Pois, até aquela data, ninguém teve a coragem de subir na tora que depois desta arrojada façanha de Santos Dumont foi precipitada para o abismo, levando para o esquecimento este fato que ocorreu há 57 anos. Quando Santos Dumont voltou para a terra firme, meu pai expressou seu desespero pela imprudência que ele havia cometido, sem medir a trágica conseqüência. Ele bateu amigavelmente no ombro de meu pai, procurando acalmá-lo e disse: **"As alturas não me perturbam, não se preocupe"**, e prosseguindo declarou: "posso dizer-lhe que esta maravilha não pode continuar sendo de um particular. Eu vou a Curitiba falar com o Presidente para providenciar imediatamente a expropriação das Cataratas". Foi este o ponto principal que achei oportuno narrar.

Santos Dumont, sentiu-se imensamente feliz o tempo todo que lá esteve, não se cansando de contemplar as Cataratas dia e noite com o luar. Como já disse, ele seguiu para Curitiba com o firme propósito de lançar a idéia da expropriação. Por certo a sua idéia teve a repercussão desejada, porque logo o dono sr. Jesús Val foi convidado a comparecer perante o Governo para tratar do assunto. Ele veio a 10 de outubro do mesmo ano. Passou aqui pela Vila e entendeu-se com o meu pai. Prometeu que se recebesse a indenização daria uma gratificação ao meu pai pelas benfeitorias e conservação. Em carta de vinda de Curitiba, ele disse ao meu pai que já tinha gasto sete contos de hotel e que não podia esperar a decisão do Governo que estava muito demorada. Mas o prometido por ele seria cumprido sempre, assim que ele recebesse. Até hoje não se soube mais nada concretamente, supomos que o sr. Jesús Val tenha falecido, porque interrompeu a correspondência que mantinha com o meu pai. Ele já era um

Carta do Sr. Jesus dirigida a meu pai.

Mas o “**Pai da Aviação**” se perpetuará no coração dos brasileiros e sua invenção, através dos tempos e pelo mundo afora. Santos Dumont, interferindo na expropriação da vasta área de terra que hoje é o “Parque Nacional” merece toda admiração, não só como um inventor, mas como um homem de coração brasileiro. Sua idéia tornou-se uma realidade. Ele foi o pino da indústria sem chaminé, atraindo turistas do mundo inteiro que dão uma fonte de riqueza para o Estado e para o País. A Santos Dumont devemos este progresso, hoje, com estrada asfaltada, vai-se em vinte minutos às Cataratas. As dificul-

Todo o meu reconhecimento e gratidão aos que proporcionaram tão solene festividade de encerramento ao centenário de Santos Dumont, que deixou em mim um profundo sulco de saudades.

Cabeza

"Finalmente a 'podrera' estava ali, ao vivo... Alguma coisa mudou. RDP, Cólera, Dorsal Atlântica, Genocídio e Levიაethan..."

Underground

submundo da contracultura

por Ronildo Pimentel



A mais marginal de todas as culturas. É dessa forma que a maioria dos ditos cidadãos comuns costuma tachar o *underground*. Cabelo comprido, *piercing*, tatuagens, *skate*, volume alto... Cada gesto, cada postura é motivo de discórdia, que muitas vezes levam ao preconceito e à discriminação. Mas, será que é só isso que existe na contracultura de Foz do Iguaçu? Existe vida após o primeiro *mosh*? A primeira roda de pogo? Na verdade, o que existe é muita falta de informação!

Os primórdios da cultura *underground* iguaçuense ocorreram na clandestinidade e datam do final dos anos 70 e início dos 80. Nessa época surgiram os primeiros fanzines, as primeiras bandas e até um cineclube. A coisa era ainda bem experimental, mas delineou um pouco do que viria a ser a cultura do extremo, da podreira e da falta de limites para imaginar o novo. Atitude que representa o fim do velho, do convencional e do corretamente perfeito. Impossível falar do *underground* sem se lembrar dos primeiros experimentos. Som Paco, Colt 45, RH+ e Stilo Livre seguiram tendências ditadas pelos grupos europeus e norte-americanos, que iam do *rock-n'-roll* ao progressivo. No lado intelectual, o grupo *D'guaúkgb&cia* lançou o movimento cineclube e os primeiros fanzines genuinamente da terra.

A realização do primeiro *Rock in Rio*, em 1985, deu início a uma mudança no comportamento dos 'udigrudis' das três fronteiras. Nessa época surgiu a *Morthal*,

grupo de *trash* metal liderado por Nilton Bobato, que sobreviveu até meados da década de 90. Os 'metaleiros', como ficaram conhecidos, faziam apresentações com *play-back* (gravação), mesmo assim conseguiam bons resultados. Pouco tempo depois começaram a surgir os primeiros seguidores do movimento *punk*. Os Garotos de Subúrbio (Silvio, Bobi, Patrick, Clau Clau, Pipe...) fizeram história e deixaram um legado que até hoje aparece nas apresentações das bandas da nova safra HC.

Em 1987 a apresentação da paulista *Vulkano*, num colégio do Jardim São Paulo, entrou para a história como o primeiro *show* do *underground* de Foz do Iguaçu. Finalmente a 'podrera' estava ali, ao vivo... Alguma coisa mudou. RDP, Cólera, Dorsal Atlântica, Genocídio, Inocentes e *Leviaethan*... Quem viveu e sobreviveu nunca mais foi o mesmo. A *Morthal* seguiu fazendo história, dando origem à Kratos Magazine, revista zine editada por Bobato e dedicada a mostrar tudo sobre as bandas e seguidores do *underground* local e nacional. A banda deixou um registro histórico para a cidade, o primeiro LP do estilo: um *split* (material com gravação de duas bandas) com a também iguaçuense Tumulto, *The Face*, Caos Nuclear, DNA, *Vermnoise*, Horrível Sistema, *Skanner*, *Slavery Rests*, Anjos Tortos, Chá Delírio, Flores de Metal, Promesoj, *Experience*, *Screams of Hate*, Desertor, Horizonte Vertical, DDT, *Bloodshot*, *Snobird*, *Steel Forces*, Gezabel... A lista não acaba por aí e não tem hora para acabar.

Zines, HQ's e afins



João Gordo dos Ratos de Porão (RDP) 'detonou' no salão principal do Country Club, colocando o *underground* de Foz do Iguaçu definitivamente no circuito nacional



O vocalista Nilton "Devastador" Bobato num dos memoráveis festivais "Muñi Apresenta", que eram realizados no extinto Bambu Pizza Bar (São Francisco)



O grupo paulista Genocídio foi uma das atrações do "Rock in Foz", realizado no Centro de Convenções

Bandas

Seguindo a tendência da nova fase do *underground* de Foz do Iguaçu, várias bandas estão surgindo na *internet*. Pelo menos três grupos estão usando esse artifício para fazer com que as informações cheguem ao público.

Bloodshot (www.bloodshot.hpg.com.br), **Nuba** (www.nuba.rg3.net), **Extrema Agressão** (www.extremaagressao.hpg.com.br) e **Tumulto** (www.tumultoband.hpg.ig.com.br) disponibilizam na rede de computadores, *releases*, fotos de *shows*, agenda, MP3 e até informações de outras bandas.

O pulmão do *underground* de Foz do Iguaçu não foi restrito à atuação das bandas. A cidade tem uma corrente alternativa que engloba fanzines, HQ's (histórias em quadrinhos), teatro, artesanato e mais recentemente o *skate* e o *hip-hop*.

A década de 80 teve entre outras inovações, o lançamento do zine anarquista *Mova-se Caralho*. Editado pelo jornalista Zé Beto Maciel e o arquiteto Cássio Pirkel. A publicação deu uma nova dimensão do que poderia ser feito na cultural alternativa da cidade.

No final dos anos 80 e início dos 90, o fanzineiro Mayzena quebrou a rotina e editou o *Invasão Zine*. *Los Parejas*, *Asparto*, *Esperma Abundante*, *Zintese*, *Paradoxo Urbano* e mais uma série de publicações sempre mantiveram vivo o espírito de quem não gosta apenas das publicações convencionais.

A história do *underground* sempre foi marcada pela integração e união entre as tribos. Não existe preconceito ou radicalismo para quem busca um objetivo comum: um estilo de vida fora dos padrões impostos pela sociedade!

Underground

Internet

A contra-cultura de Foz do Iguaçu ganhou uma nova aliada para enfrentar a falta de apoio logístico e financeiro e espaço na mídia convencional: a internet. Um grupo de adeptos do *underground* lançou, uma página na rede mundial de computadores. O espaço é dedicado a mostrar tudo o que rola no submundo da cultura iguaçuense.

O site Foz Underground (www.fozunderground.hpg.com.br) não tem discriminação e traz em seu conteúdo informações sobre bandas, white, skate, rap, hip-hop, grafite, zine, poesia, teatro e festas do estilo. O projeto da página é desenvolvido de acordo com a produção do conteúdo. No início tinha apenas informações de outros veículos da *internet*. Foi preciso buscar as notícias daqui para chegar ao formato atual. No endereço o internauta poderá acessar as últimas notícias do *underground*, fotos de shows, ensaios, torneios de skate, perfil de bandas e skatistas, críticas de lançamentos, MP3 (arquivo de música) de bandas locais e ainda uma série de novidades.



A iguaçuense *The Face*, um dos ícones do 'udigrudi' no final dos anos 80, detonando no anfiteatro do Colégio Estadual Monsenhor Guilherme

Ronildo Pimentel é jornalista e ativista do movimento *underground*

Somos 481 milhões de habitantes, cerca de 8% da população mundial. Entre nós, 7 milhões de crianças entre 10 e 14 anos explorados em fábricas e fazendas no Continente



Nós contra a Alca

por Jelson Oliveira

Estamos no lado ocidental do mundo, no milenar continente chamado América. Latino-américa, no nome e no sentimento. Aqui nascemos sob o peso de uma dívida externa de 706 bilhões de dólares. De 1982 até 1996 pagamos, com o sangue de nossos filhos, 739 bilhões dos juros desta dívida impagável, ilegítima e imoral. Fomos Zapata e Pancho Villa, nas terras mexicanas do Norte. Salvador Allende no Chile de 1938 e o povo nas ruas da Bolívia em 52 e triunfamos definitiva-

mente sob o sol de Cuba, pouco depois. E fomos "Sandinistas" na Nicarágua. E fomos Che Guevara na Bolívia em 1967 e Garcia Márquez, "nos cem anos de solidão".

Somos 481 milhões de habitantes, cerca de 8% da população mundial. Entre nós 7 milhões de crianças entre 10 e 14 anos explorados em fábricas e fazendas no Continente. Aqui, os 20% mais pobres de nós têm acesso à apenas 4,5% da renda enquanto os 20% mais ricos concentram 54%. Aqui, os grandes bolsões de pobreza permanecem concentrados em áreas urbanas, onde 70% de nós vivemos, ao tempo em que somos o continente com as maiores reservas de terras cultivá-

veis do mundo. Aqui no Brasil, estamos ao Leste da América do Sul. E apesar de às vezes esquecermos, somos impertinentemente latino-americanos.

8.547.403,5 km² nos unem à América num clima equatorial, passando pelo tropical, tropical de altitude, tropical atlântico, subtropical e semi-árido. Somos 166 milhões de habitantes. Somos brancos, pardos, negros, amarelos e indígenas.

Somos cristãos, espíritas, judeus. Somos seguidores de cultos afro-brasileiros e de inúmeros movimentos religiosos de origem oriental, de caráter esotérico e naturalista. 14,7% somos analfabetos e 34,1% semi-analfabetos, o que dá no mesmo.

Somos uma das piores distribuições de renda do planeta: 20% dos ricos aqui controlam mais de 64% da renda, enquanto os 20% mais pobres sobrevivem com 2,5% da renda. Temos 3.114.898 imóveis rurais cadastrados no país, que ocupam uma área de 331.364.012 ha. Desse total, os minifúndios representam 62,2% dos imóveis ocupando 7,9% da área total.

No outro extremo verifica-se que 2,8% dos imóveis são latifúndios que ocupam 56,7% da área total. Lamentavelmente, somos o país com o quadro de segunda maior concentração da propriedade fundiária em todo o planeta. Além disso, à concentração soma-se a improdutividade da terra: 62,4% da área total dos imóveis rurais no país é improdutiva. Somos 38 milhões de habitantes vivendo na área rural brasileira, 73% têm renda anual inferior à linha da pobreza (US\$ 260) e o resultado é que 51% dos milhões de brasileiros famintos estão no campo.

Entre 1989 e 2000 fomos 1.898 presos em conflitos de terra. E de 88 até 2001 fomos 1.546 assassinados. Fomos 19 em Eldorado. Fomos Jósimo em Imperatriz e

Margarida na Paraíba. Somos 300 mil indígenas e de 93 a 98 fomos 194 assassinados. Fomos Galdino em Brasília. Fomos 14 no massacre do Capacet. Fomos 16 *yanomamis* em Haximu. Somos negros nas favelas de hoje como o fomos outrora, nas senzalas. E negros somos quase 45% da população.

Somos milhares pelas ruas, vagando, desempregados. Somos 11 milhões de mulheres chefes de famílias e a cada 15 segundos somos mulheres violentadas, feridas, oprimidas, estupradas em lares e nas ruas. Somos 85 milhões de jovens com menos de 24 anos de idade e 22% de nossas casas não têm água potável, 38% não têm esgoto e 8,5 milhões delas não têm sequer banheiro.

Assim, temos razões de sobra para sermos contra a Alca. Porque somos a favor da América, livre e soberana, como sonharam nossos maiores heróis, patriarcas, mártires e profetas. Como sonhou - e sonha - nossa gente sofrida.

Assim, cantamos com Mercedes Sosa, latino-americanamente: "Saio a caminhar pela cintura cósmica do Sul. Piso na região mais vegetal do tempo e da luz. Sinto ao caminhar toda a pele da América em minha pele e anda em meu sangue o rio que libera em minha voz seu caudal. Sol do alto Peru, rosto boliviano, estanho e solidão. Um verde Brasil beija o meu Chile, cobre e mineral. Subo do Sul até a entranha América e total, pura raiz de um grito destinado a crescer e a estalar. Todas as vozes, todas. Todas as mãos, todas. Todo o sangue pode ser canção no vento. Canta comigo, canta, irmão e irmã americana. Libera tua esperança com um grito na voz!"

Contra a Alca, com a força do novo, por uma Terra Sem Malice!

Somos milhares pelas ruas, vagando, desempregados. Somos 11 milhões de mulheres chefes de famílias e a cada 15 segundos somos mulheres violentadas, feridas, oprimidas e estupradas em lares e nas ruas

No outro extremo verifica-se que 2,8% dos imóveis são latifúndios que ocupam 56,7% da área total. Lamentavelmente, somos o país com o quadro de segunda maior concentração da propriedade fundiária em todo o planeta



Somos milhares pelas ruas, vagando, desempregados. Somos 11 milhões de mulheres chefes de famílias e a cada 15 segundos somos mulheres violentadas, feridas, oprimidas, estupradas em lares e nas ruas

Jelson Oliveira, secretário-executivo da CPT-PR e coordenador nacional da Comissão de Justiça e Paz da Família Dominicana.

Os avá-guarani decidiram ocupar o Parque Nacional do Iguaçu e causaram rebuliço na imprensa, nos órgãos do governo federal e na Itaipu

Quem foi avá-guarani, sempre será



Família de Augustinho está assentada hoje na reserva de Diamante do Oeste

por Zé Beto Maciel

Até os anos 80 - entre as Sete Quedas e a barragem de Itaipu nas duas margens do Rio Paraná - havia 15 núcleos (tekohas) avá-guarani

O seminário que decidiu apoiar a proposta de ocupar 1% do Parque Nacional do Iguaçu caiu como uma bomba nos meios de comunicação

“**N**ós queremos a terra que ejiste caça e pesca que é o Parque Nacional, porque é região do guarani sobra (para) viver o jeito do índio avá-guarani”.

“O mínimo de 1.500 hectares ou mais. Nós queremos que resolve logo porque já estamos 12 anos de luta nessa área no meio de doença”.

“Si nós esperamos, a criança vai morrendo”.

“Porisso que nós queremos sair logo”.

“Porisso que nós vimos pidindos apoios para entrar no Parque do Iguaçu”.

“Nós queremos que voces apoia os avá-guarani”.

“Dia 12 de outubro de 1991”.

Assinam: Inocêncio Acosta, Silvino Vaz, Faunho Centurião, Cornélio Alves, Augustinho Martines, Sebastião Vogado, Ângelo Benitez, Cecílio Ortiz, Pedro Alves, Leonardo Acosta, João Alves, Antônio Acosta, Rosendo Moreira de K4 Yryapú Puerto Argentina, Cláudio Fernandes.

Não há necessidade da tradução do documento final relativo ao seminário “Avá-Guarani 499 de Luta pela Sobrevivência”, organizado em São Miguel do Iguaçu pelo Conselho Regional de Leigos, Cimi (Conselho Indigenista Missionário) e Unioeste/Facisa.

Era esse o drama dos avá-guarani. Não que ele acabou, os guaranis continuam passando fome, necessidades, doenças, discriminação e outras mazelas sociais que toda minoria – hoje a grande maioria – sofre neste grande Brasil.

Na época, em 1989, a situação da saúde dos guaranis era muito precária, “para não dizer, assustadora”, escreveu o Cimi. “Em 1989, de janeiro a julho, numa população total de 182 pessoas, constatamos 92 casos de malária, ou seja, 51% da população. Cinquenta por cento

tiveram fortes gripes; 42% com diarreia; 32% tiveram escabiose e outras dermatoses; 31% apresentaram conjuntivite e 2% bronquite e pneumonia”.

“Em 1990, de janeiro a agosto, numa população total de 182 pessoas, constatamos 47% com fortes gripes; 32% com conjuntivites; 28% com diarreias; 24% com malária; e 6% com demartoses”. Esse eram dados do relatório do Cimi de 10 de novembro de 1990.

Antes, em 19 de abril 1986 a Fundação Cultural, Centro Acadêmico de Letras e o Diretório Acadêmico 7 de Junho da Facisa, e Museu *Mbororé* de Puerto Iguazú, na Argentina, promoveram um encontro no Colégio Monsenhor Guilherme chamado “Todo Dia é Dia de Índio... 19 de abril também!”.

O encontro teve pouca participação, mas uma foi inusitada, do historiador paraguaio Luiz Rolón, radicado em Puerto Iguazú, e conhecedor da causa dos guaranis através do seu museu – o *Mbororé*.

Rolón morreu no final da década de 90, não lembro a data, mas têm uma luta e um acervo consideráveis em prol do meio ambiente e dos índios da tríplice fronteira.

História - De certa maneira, o seminário realizado em São Miguel foi emblemático. Tinha até dois espiões do serviço de informação da Itaipu Binacional que participaram do encontro. E o que a Itaipu tinha a ver com isso? Muito simples: Os remanescentes dos guaranis viviam numa área de 1,5 mil hectares entre os rios Ocoí e Paraná, antes da formação do Lago de Itaipu.

Em 1983, a binacional assentou 26 famílias em cerca de 231 hectares na faixa de segurança do reservatório da usina, na localidade de Santa Rosa do Ocoí (São Miguel do Iguaçu). É uma faixa num braço do lago entre 70 e 50 metros de largura.

Vale lembrar que até os anos 80 - entre as Sete Quedas e a barragem de Itaipu nas duas margens do Rio Paraná

- havia 15 núcleos (*tekohas*) avá-guarani, mais conhecidos como *Xiripá: Karapa, Aliká'i, Pira'i; Itambey'i, Porto Marangatu; Paraguay pyahu; kirito, Añakua'i, paso Itá, Tati Jupi*; e os da localidade de Ocoí-Jacutinga.

Na época, um laudo mentiroso chegou a ser elaborado provando que os índios não eram índios. Uma mulher guarani com 80 anos foi entrevistada e colocada como prova que aqueles que viviam em Jacutinga não eram guaranis. "Essa mulher, uma senhora com quase 80 anos, sequer sabe falar o português". Na verdade, a mulher falava somente o guarani e não entendeu qualquer pergunta do entrevistador.

A primeira denúncia sobre o descaso da binacional com os guaranis foi publicada no jornal *Nosso Tempo*. Juvêncio Mazzarollo contou que funcionários da assessoria jurídica da Itaipu ficaram "muy amigos" dos índios, lhes davam comida, roupas e outras bugigangas mais. Aliás, cadernos das edições do *Nosso Tempo* – importante documento histórico para Foz do Iguaçu – estão nas mãos de três pessoas: dos jornalistas Aluizio Palmar e Juvêncio Mazzarollo e do empresário Paulo Mac Donald Ghisi.

Mas a luta dos avá se arrastava desde os anos 80 até os 90. Os índios eram lembrados, como hoje são, somente no Dia do Índio e no inverno quando o frio e as doenças atacavam com mais intensidade e os corações 'condolentes' dos brancos, que às vezes, os assistiam.

Raio de Luz - E foi em 1990, num grupo de jovens que tinha o nome de "Raio de Luz" que moravam na Vila Yolanda e levaram alimentos e roupas para os guaranis em Santa Rosa do Ocoí, que a luta dos avá ganhou corpo e mais uma vez as páginas dos jornais – principalmente do *A Gazeta do Iguaçu*.

Naquela época, três missionárias do Cimi assistiam a reserva em São Miguel e também denunciavam alguns métodos que a Itaipu usava para convencer os índios com um reflorestamento de eucalipto, implantação de uma serraria (deram uma moto-serra aos índios), eletrificação da aldeia e a instalação de um posto telefônico.

Os índios queriam uma terra com água, mata, com caça, pesca, conforme sua cultura e tradição e não estavam interessados nas propostas da binacional.

O seminário que decidiu apoiar a proposta de se ocupar 1% do Parque Nacional do Iguaçu caiu como uma bomba nos meios de comunicação e surtiu, temporariamente, o efeito desejado. A situação de penúria dos avá e o descaso de Itaipu ganhou novamente grande espaço na mídia.

A partir dessa situação se formou uma comissão, com representantes do Cimi, Funai, Itaipu, ITCF (atual IAP), OAB e integrantes da comunidade para buscar, dentro do Paraná, uma terra conforme os índios queriam: 1,5 mil hectares com mata nativa, água, caça e pesca.

O assistencialismo continuou. Grupo de jovens, roqueiros, centros acadêmicos e outras entidades começaram a levar alimentos, livros, cadernos, lápis, roupas e outras necessidades dos índios.

Incra - A historiadora Elaine Pereira Rocha, escreveu sua tese de mestrado – "Avá-Guarani Presente!!!", em 1991, a pedido de Cimi e conta que até a década de 40/50 foi comum encontrar registros de guaranis na região. "Depois, eles simplesmente sumiram do mapa".

O interessante é que a região da Jacutinga foi ocupada por colonos alemães, desapropriados pelo Incra, na região de Santo Alberto, para consolidação e ampliação do Parque Nacional do Iguaçu.

De Jacutinga e região, eles também foram indenizados por Itaipu e seguiram, na sua maioria ao Paraguai, para 'desbravar' a região de Alto Paraná e Canendeyu.

"A implantação do Projeto Integrado de Colonização do Incra, na década de 70, acabou com o mínimo de tranquilidade que restava aos Avá-Guarani, então localizados na aldeia Ocoí-Jacutinga, último reduto depois de uma série de expulsões e fugas, (daí a denominação pelo qual são conhecidos até hoje: Guaranis do Ocoí). O Incra loteou o território guarani e distribuiu-os entre colonos, promovendo assim indiretamente a destruição da mata e o desequilíbrio do ecossistema, além de tratar os indígenas como intrusos em suas próprias terras".

Somente em 1994, a Associação Brasileira de Antropologia elaborou um laudo – contratado por Itaipu – onde descreve a ocupação histórica e imemorial dos guaranis na região Oeste do Paraná entre os rios Paraná e Iguaçu, em especial na região onde se formou o Lago de Itaipu, na aldeia chamada de Jacutinga.

Diamante do Oeste - Comissão formada e os índios foram visitar várias áreas, uma até no litoral paranaense, a qual não lhes interessou pois o terreno não era típico da vivência deles.

Somente em 1997, que a Itaipu Binacional sob a direção de Euclides Scalco – depois de mais uma ocupação perto da Prainha de Três Lagoas (os guaranis chamaram de Paraná Porã) na faixa de proteção do lago – comprou uma área de 1,7 mil hectares em Diamante do Oeste para os guaranis.

Parte considerável da comunidade partiu para lá. Entre eles, Augustinho Martines que na infância chegou a jogar bola adivinhem com quem? Foi com o Dilton Vitorassi.

Através de *A Gazeta do Iguaçu*, visitei a reserva em Diamante do Oeste junto com o cacique João Centurião. Há um rio que corta o meio da aldeia e uma ribanceira enorme, quase um morro, como uma cachoeira bem no meio. O lugar é bonito e os guaranis estavam cultivando mandioca, amendoim, milho, banana e feijão.

Parte da comunidade resolveu ficar em Santa Rosa do Ocoí e lá instalaram uma escola e resolveram encampar alguns projetos da Itaipu – tipo criação de capivara. Em 1998, eles se apresentaram em Foz com canções guaranis e de lá para cá tentam ainda sobreviver.

Esse pequeno intróito sobre os guarani, escrito às pressas, serve para mostrar que a história deles está presente e merece ser registrada com mais documentos e de maneira mais profunda.

O interessante é que a região da Jacutinga foi ocupada por colonos alemães, desapropriados pelo Incra, na região de Santo Alberto, para ampliação do Parque Nacional do Iguaçu

Somente em 1997, que a Itaipu Binacional sob a direção de Euclides Scalco comprou uma área de 1,7 mil hectares em Diamante do Oeste para os guaranis

Zé Beto Maciel é guarani, iguaçuense e jornalista

Iguazú: fratura exposta do neoliberalismo



por Zé Beto Maciel

"Duas mil crianças morrem por dia de fome ou desnutrição na Argentina. Então, não é por acaso que Iguazú tem um exército pedindo uma monedita"

Quem cruza a Ponte da Fraternidade para abastecer seu carro em Puerto Iguazú ou fazer uma comprinha - geralmente alimentos e bebidas - é recebido por um batalhão de crianças com três, quatro, cinco, seis, sete, oito anos. Elas querem vender torrones, alfajores, balas, cuidar do carro, indicar as casas comerciais e geralmente lhe pedem "una monedita" - ou seja, uma moedinha.

Num primeiro momento pode-se até dizer que a cidade argentina, assim como *fênix*, ressurge das cinzas. O dólar batendo à casa dos P\$ 3 e o Peso, por sua vez, pode valer até menos que 70 centavos de Real.

Real valorizado leva os iguaçuenses a uma nova frenética busca do que é mais barato na fronteira. O gás no Brasil custa até R\$ 30, na Argentina P\$ 17; a gasolina custa P\$ 1,20 - no Brasil o dobro disto. Queijos, carnes, bebidas, embutidos, frutas, hortaliças, alimentação - uma pizza grande em Puerto Iguazú custa P\$ 5. As tradicionais jaquetas de couro podem ser encontradas a R\$ 150; no Brasil, mais uma vez, é o dobro.

Nas últimas semanas, principalmente nos finais de

semana, as tradicionais filas na Ponte da Amizade mudaram para a Ponte da Fraternidade. A maioria em busca de mercadorias e alguns poucos conhecendo os atrativos turísticos da lado de lá da fronteira. Tem iguaçuense da gema, nato, que foi pela primeira vez ao Marco Argentino e às Cataratas del Iguazú.

Até quando que o arrocho econômico imposto pelo FMI (Fundo Monetário Internacional) vai movimentar a fronteira argentina com o Brasil? Não sabemos. Se depender do FMI e dos EUA, a crise argentina vai perdurar e muito e as consequências são as mais cruéis possíveis.

Até há pouco tempo, Puerto Iguazú era uma cidade deserta. A crise que estourou em Buenos Aires e nas principais províncias argentinas atingiu em cheio Iguazú. O escambo virou prática comum entre os iguaçuenses.

A miséria era tamanha que o povo se organizou numa praça chamada "Praça da Fome". Centenas de pessoas faziam a famosa "sopa de pedra". Cada um punha o que tinha e a moral do povo argentino veio ladeira abaixo.

Entidades e grupos de pessoas de Foz do Iguaçu coletaram alimentos e tentaram enviar aos iguaçuenses. A burocracia da aduana argentina e a corrupção das autoridades daquela cidade impediram que grande parte dos alimentos chegasse aos famélicos.

Agora, Iguazú vai juntando seus cacos, reformando e abrindo suas lojas e que sobrou dos famélicos e o batalhão de crianças que nos pedem "una monedita".

Até quando? Não sabemos.

O que sabemos é que a Argentina seguiu o receituário econômico ditado pelo FMI. Um país referência na América Latina, a "Suíça dos anos 50", um movimento sindicalista forte, com conquistas trabalhistas e sociais de nos causar inveja, sucumbiu ao neoliberalismo.

Abriu sua economia ao capital estrangeiro, privatizou suas estatais, delapidou seu patrimônio público, arrochou os salários e o que vemos hoje é um país falido, sem lastro nem reservas financeiras, à beira de uma convulsão social sem precedente. Metade da população - que gira em torno de 38 milhões - está desempregada e mais uma triste estatística: duas mil crianças morrem por dia de fome ou desnutrição. Então, não é por acaso que Iguazú tem um exército pedindo "una monedita".

Paraguai - Triste é a realidade da Argentina? Se enganam, vamos a Ciudad del Este e Presidente Franco - as duas cidades paraguaias que fazem fronteira com Foz do Iguaçu.

Entre as décadas de 80 e 90, Ciudad del Este chegou

a assustar poderosos de São Paulo, Brasília, Miami, Nova York e Washington - as três últimas centros comercial, econômico e político dos EUA.

Beneficiada com a política econômica do Brasil e em contrapartida da corrupção do governo paraguaio, Ciudad del Este virou um centro comercial forte e pujante. Chegou a movimentar, segundo a revista Forbes, cerca de US\$ 800 milhões em um mês. Ameaçou o posto de Hong-Kong como o maior entreposto comercial do mundo.

Os produtos paraguaios, a maioria importados, maquiados ou falsificados, viraram febre nacional. Com a cota de compras de US\$ 250, sacoleiros do Oiapoque ao Chuí correram para a fronteira e comprava de tudo: bebidas, eletrônicos, brinquedos, cigarros e todo e qualquer produto que fosse lançado em algum canto do mundo. Quase toda cidade brasileira, pequena ou grande, teve sua "feira do Paraguai".

As ofertas, a quantidade de venda e o movimento eram tamanhos que a fronteira passou a ser invadida em profusão por árabes, chineses, coreanos e brasileiros - esses formaram um exército de mais de 30 mil trabalhadores, fora os laranjas (entregadores de mercadorias do lado de cá da fronteira).

Peraí, uma economia tão forte assim não pode prosperar? Árabes, coreanos e chineses enviando dinheiro ao exterior? Esse movimento todo de dinheiro sendo usado para lavar mais dinheiro ainda?

Não deu outra. A Receita Federal brasileira começou o arrocho. Primeiro reduziu a cota para US\$ 150 e depois, patrocinada pela Abrinq, indústrias de bebidas, cigarros e eletrônicos, passou ao terrorismo fiscal.

Sacoleiros foram perseguidos e agredidos nos hotéis em que se hospedavam, árabes e coreanos presos em suas casas e apartamentos, fiscalização rigorosa na Ponte da Amizade e no Posto Bom Jesus em Medianeira.

Tudo para evitar o contrabando, o descaminho e a evasão de divisas. A Receita, a mesma que foi conivente por 10 anos com tudo isso sem desenvolver uma ação mais repressiva, jogou ao desemprego mais de 30 mil trabalhadores.

Ciudad del Este é hoje uma cidade falida com grande parte de seus moradores vivendo na miséria, sem de onde tirar seu sustento. Mais de 10 mil lojas foram fechadas. O quadro é de penúria e desolação. O que movimentava a economia da fronteira, hoje contabiliza prejuízos.

Brasil - Pois bem, chegamos a Foz do Iguaçu - a maior cidade entre as quatro da fronteira. De toda sorte, Foz ia bem, em termos. Até 1984 fazia parte da área de segurança nacional, não elegia seu prefeito há 22 anos e está localizada num ponto estratégico do Cone Sul vivia de um incipiente turismo e de pequenos contrabandos (madeira, cigarro, café, farinha).

Até parece ladainha, mas entre as décadas de 70 e 80, de 40 mil habitantes Foz pulou para 140 mil, passando para 200 mil, 250 mil e chegando aos hoje estimados 300 mil moradores. Essa gama de gente veio para cá cons-

truir a Itaipu. Muitos deles não conseguiram o emprego desejado e ficaram no trabalho indireto. Itaipu movimentou a cidade por mais de 10 anos - entre 1976 e 1990.

Com a desaceleração da obra, muita gente foi ficando por aqui, não se tinha outra grande usina para se construir. Itaipu foi uma megalomania dos militares e de sua geopolítica. Os custos e a dívida da usina ainda estão para ser auditados.

Muitos anunciaram a morte de Foz, que a cidade se tornaria fantasma. Ledo engano. Veio o comprismo e, com o beneplácito de autoridades brasileiras e paraguaias, mais de 30 mil iguaçuenses cruzaram a Ponte da Amizade para trabalhar em Ciudad del Este. Outra leva de 10 mil laranjas transportava a mercadoria nos dois lados da fronteira.

A economia da cidade deu nova retomada. Restaurantes, lanchonetes, bares, pensões, hotéis. Era só abrir um negócio que o lucro era certo. Era dinheiro de sacoleiro, do trabalhador, do laranja e de quem fazia bons negócios no Paraguai.

Foz, mais bem estruturada, virou residência da maioria dos lojistas de Ciudad del Este. O mercado imobiliário, como no ciclo de Itaipu, cresceu novamente e inflacionou. "A coisa vai tão bem que se melhorar estraga", costumava dizer um empresário.

De novo o tormento, o Plano Real acabou com o comércio de exportação no Jardim Jupira e na Vila Portes. A Receita diminuiu a cota e arrochou na fiscalização e por fim, integrou as aduanas, acabando com o comércio aos paraguaios na Ponte da Amizade. Mais desempregados e mais miséria para Foz do Iguaçu.

Temos mais um agravante. Lembram daqueles brasileiros que foram desbravar, entre as décadas de 70 e 80, a região do Alto Paraná? A maioria - dos 200 mil que foram para lá - foi expulsa de volta ao Brasil.

Parte dela está em Foz, ocupa áreas invadidas, favelas e a periferia da cidade. Nas contas pequenas são 58 favelas, nas maiores aponta mais de 180 bolsões de pobreza. É a barbárie que gera desemprego, fome, miséria, violência e criminalidade. Foz tem em média um homicídio por dia. São 365 pessoas que morrem de causa violenta por ano.

Finalmentes - Então, como se pode constatar, a tríplice fronteira é a fratura exposta do fracasso e das conseqüências nefastas do neoliberalismo. Vive a mercê dos ditames econômicos, portarias, decisões que ocorrem em Brasília, Buenos Aires, Nova York e Washington.

Não se dão conta, ou muito menos estão preocupados, com o povo da fronteira. Vivemos ao lado de um país famélico, do outro um país falido, e nós, como uma demanda social enorme que sofre as agruras dos mandamentos de uma política nacional a serviço dos EUA, FMI e do capital especulativo.

"Sacoleiros foram perseguidos e agredidos nos hotéis em que se hospedavam, árabes e coreanos presos em suas casas e apartamentos"

"Brasiguaios que foram desbravar, entre as décadas de 70 e 80, a região do Alto Paraná. A maioria - dos 200 mil que foram para lá - foi expulsa de volta ao Brasil"

CAMPO DE AVIAÇÃO EM FOZ DO IGUAÇU



por **Otília Schimmelpfeng**

Foi no ano de 1933 ou 1934 que deram início aos trâmites para a aquisição de uma área de terra destinada ao Campo de Aviação de Foz do Iguaçu, a fim de se levar a efeito um plano para estabelecer uma linha do Correio Aéreo Militar desta região até Guaíra.

Pelas condições topográficas, a escolha recaiu sobre as terras que abrangiam a chácara de Fulgêncio Pereira, recanto onde ele viveu por longos anos e constituía sua numerosa família. Naquele tempo parecia bem distante do centro a “chácara do Fulgêncio”. E, a caminho, a gente passava olhando para o soberbos pinheiros que orlavam o aramado da frente, uma cultura do meu saudoso padrinho, aquele rijo tronco rio-grandense que se enraizou e ramificou nesta terra, com ardor nativo, e que deve ser lembrado porque, sem hesitar, deixou a “querência” em benefício de uma obra que daria a Foz do Iguaçu o impulso de mais um passo avanti !

Não demorou muito a chegar o dia de se ver o primeiro avião pousando em solo iguaçuense. Não menos emocionante, talvez, do que veio a ocorrer com a expectativa do primeiro pouso do Módulo Lunar, lá no distante mundo da Lua...

Aconteceu a 23 de março de 1935 quando, num momento inesperado, ouviu-se um estranho ruído no ar despertando a atenção de todos que, saindo às ruas viam extasiados, um aviãozinho militar evoluindo o céu, qual uma ave desconhecida num vôo de reconhecimento migratório... Era o mensageiro da esperança,

portador da linha mais curta de ligação entre Foz do Iguaçu e Curitiba, num tempo de 4 horas, em vez de 4 a 8 dias!

Quanta gente correndo para ver de perto o “tal avião”! Era preciso tocar, certificar-se que aquilo era uma coisa real, palpável; descobrir o ministério daqueles objeto pesado que voava tão leve como um pássaro...

Procedendo em Curitiba, da 5ª Base Aérea, aquele aparelhinho de treinamento, de cor vermelha, conduzia no seu bôjo um herói- pioneiro do ar, o tenente Aroldo Domingues – se não me falha a memória... que cumpria a missão de um vôo de experiência e reconhecimento, com o mesmo denodo dos grandes navegantes descobridores, pois, realizara a travessia de extenso mar aéreo, “nunca dantes navegado”, para traçar uma rota e abrir novos horizontes ao progresso desta região.

Contudo foi a 1º de abril que inauguraram, oficialmente, o nosso Campo de Aviação. Lembro-me que até o dia se enfeitou de um céu todo azul, reverberante de sol, com a temperatura branda, ameníssima, contribuindo para o êxito do acontecimento em perspectiva. Naquele tempo, é claro, Foz do Iguaçu não possuía meios de comunicação aparelhos para informações rápidas e precisas, por isso, ninguém sabia ao certo a hora da chegada do avião que se presumia vir de Curitiba, da 5ª Base Aérea. Mesmo assim, já bem cedo a população inteira aglomerava-se às margens da pista gramada, na feliz expectativa de presenciar um ato histórico.

As horas avançavam, muito além do meio-dia, sem que uma notícia viesse orientar qualquer resolução. Já se ia sentindo os efeitos da longa espera, com pessoas

Quanta gente correndo para ver de perto o “tal avião”! Era preciso tocar, certificar-se que aquilo era uma coisa real, palpável; descobrir o ministério daquele objeto pesado que voava tão leve como um pássaro...

desmaiando, pela fome ou pelo cansaço, porém ninguém se dispunha a arredar o pé dali, alheio a outras circunstâncias que não fosse a de esperar, com o olhar perscrutador voltado para o céu límpido, o momento que deveria surgir o “astro” daquela festividade...

E foi o seu ronco distante que atraiu a atenção, contra toda a expectativa, lá para o lado Norte (direção de Guaíra), onde se divisava um pontinho negro que ia crescendo, crescendo... O povo não se conteve e se prorrompeu em gritos, acenos, risos e lágrimas, dominado pela emoção daquele momento de expressiva alegria, enquanto o “pássaro vermelho” sobrevoava a cidade e ia peneirando no ar, no problema de aterrissagem. Não me esqueço: era também um aparelho de treinamento, biplano, dois lugares e inteiramente descoberto. E o intrépido aviador, o capitão Hortêncio, vindo de Campo Grande (MS). Era outro bandeirante do ar que, enfrentando o espaço desconhecido, traçara o rumo que vinha convergir e completar aqui os elos de uma linda recém-formada.

O povo sentia o valor de sua ação quando manifestava, vibrante de emoção, a sua alegria, o seu entusiasmo, diante daquele novo “*Lindenberg*” que, num sorriso “descorado”, exprimindo cansaço de uma exaustiva e longa viagem, ia saudando a todos sem poder vencer o cerco da multidão que o aclamava. E muitos viram quando o bom velho Jeffim traçava no ar o sinal da cruz, no exato momento em que o aviãozinho pousava e deslizava na pista, abençoando aquele ousado feito! E nós sabemos que o gesto obteve sanção Divina porque nunca se registrou ali um acidente grave, embora uns riscos de perigo.

A aura desta consagração envolveu, pelo exemplo de coragem e civismo, os oficiais que prosseguiram na rota aérea entre Curitiba – Foz – Guaíra, em longa travessia sobre o imenso mar verde do sertão paranaense. Destes, lembrou-me ainda: do Aroldo Domingues, o Ricardo Nicoll, o Lyzarraldi, o Oswaldo Lima, o João Almeida, o Jofre, o Jonas, o Délio, os quais, um após outro, iam cumprimentando a escala daquelas viagens semanais até Guaíra – mais tarde, Ponta Porã (MS), rompendo as cadeias que encerravam isolada esta região toda.

Embora haja decorrido tanto tempo, uma evolução surpreendente de técnica, rapidez, conforto e segurança das aeronaves modernas, nada virá obscurecer o memorável feito dos precursores de nossa linha de navegação aérea!

Aqueles aviadores eram alegres, comunicativos, sempre com um sorriso atraindo a simpatia de todos. E a consternação era geral quando vinha a notícia do desaparecimento trágico de alguém. O primeiro caso foi do capitão Hortêncio!

No tempo em que pernoitavam aqui entravam logo em contacto com a sociedade travando cordiais relações com as famílias, às quais proporcionavam pequenos vôos de recreio. Quantas vezes sobrevoamos as Cataratas, ora num “*Grumann*”, ora num “*Waco-Cabine*”, experimentando a sensação de uma evolução mais ousada principalmente naquele vôos “de asa” sobre os saltos. Muitos não suportavam as quedas bruscas sob efeito do “vácuo” ou audácia de uma proeza quando então desembar-



Jornal que anunciava o novo aeroporto em Foz

cavam defigurados, de cor verde, amarela, branca!...

A gente já se sentia familiarizada ao ponto de distinguir aquelas evoluções acrobáticas que praticavam no ar. E sempre havia um convidado especial pondo à prova a sua resistência física, naqueles vôos vertiginosos, exibindo um “*ballet*” aéreo perante o olhar atônito dos espectadores da terra, muitos com o coração comprimido de tanto susto!

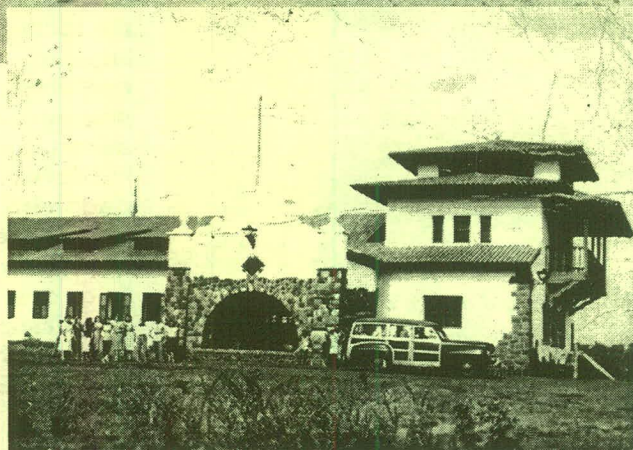
Quando se ouvia o ronco do avião ou as vozes alvitreiras das crianças anunciando: “Olha o avião!”, ninguém deixava de correr para saudar com alegria o mensageiro das boas-novas, muitas vezes trazendo na cabine, uma inesperada visita...Pelas características dos vôos já se identificava o aviador, principalmente o Aroldo que chegava saldando os amigos em vôos rasantes sobre os telhados, rasgando acenos! Outros se apresentavam com sua “folha seca” ou um “*looping*” sobre o campo. E ali estava alguém à espera de uma “carona” para Guaíra ou Curitiba, ou mesmo, aguardando a aventura de um vôo sensacional.

Nos momentos de recreio aéreo ocorriam cenas pitorescas, às vezes, irrisórias, como aquele que, ao ver o avião decolar rente às pessoas presentes, numa arte do piloto, quis correr mas, não havendo tempo, atirou-se ao chão cobrindo a cabeça com os braços... Outro pediu que “voassem bem baixinho e devagar”... E alguém já bem alto, queria que o avião parasse... Interessante que isso só acontecia com os homens, porque, mulher alguma acordava nos momentos de suspense... Em outubro de 1936 realizou-se a grande “Festa da Asa” uma justa homenagem prestada aos intrépidos aviadores da rota Foz do Iguaçu.

A iniciativa partiu da capitão Miguel Blasi então delegado Regional de Polícia, cujo plano foi executado pelo prefeito municipal Jorge Samways, com a participação de todo o iguaçuense que se rejubilou com a promo-

Embora haja decorrido tanto tempo, uma evolução surpreendente de técnica, rapidez, conforto e segurança das aeronaves modernas, nada virá a obscurecer o memorável feito dos precursores de nossa linha de navegação aérea!

E aquele campo tornou-se o cenário de um novo espetáculo, inédito ao olhos de todos, onde figurava uma esquadrilha de aviões em revoadas pelo céu sereno de Foz do Iguaçu!



Gresfi, o primeiro aeroporto de Foz do Iguaçu

A campo de aviação estava semeado de gente! Eram autoridades, famílias, escolares portando bandeirinhas, e o povo em geral, todos movidos pelo mesmo entusiasmo em recepcionar aqueles AZES !

ção. Era a mesma gente que havia recepcionado, entusiasmada, os primeiros pilotos que pousaram aqui e voltava para render o seu preito de gratidão a tantos outros que na mesma trilha inscreveram-se no *rol* dos pioneiros.

E aquele campo tornou-se o cenário de um novo espetáculo, inédito ao olhos de todos, onde figurava uma esquadrilha de aviões em revoada pelo céu sereno de Foz do Iguaçu!

A comitiva distribuía-se em 6 ou 8 aviões, compondo uma esquadrilha de Curitiba e outra, do Rio. A primeira trazia o coronel Ajalmar Mascarenhas, comandante da 5ª Base Aérea (5ª.Reg.Av.), representantes do governo do Estado e os aviadores que faziam a rota: Aroldo Domingue, Ricardo Nicoll, Osvaldo Lima, Lyzarraldi Almeida, Couto e outros. A segunda, convidada especialmente pelo comando do 5º R.A. para as comemoração da "Semana da Asa", contava com o major Blasi, o major Cantídio, o Muricy, o Coelho e o popularríssimo Francisco Correia, Mello, o Mello Maluco", hoje brigadeiro e ex- Ministro da Aeronáutica, além de outros que me fogem à memória. Este grupo era chamado, galhofeiramente, a "Turma do asfalto".

O campo de aviação estava semeado de gente! Eram as autoridades, as famílias, os escolares portando bandeirinhas, e o povo em geral, todos movidos pelo mesmo entusiasmo de recepcionar aqueles "Azes" que chegavam, num ruído ensurdecedor de aviões que rodopiavam no ar, e iam descendo um a um.

A solenidade oficial realizou-se no amplo *hangar*,

recentemente construído nas proximidades do Quartel da 1ª Cia. Isolada de Fronteira (hoje o 1º Batalhão de Fronteira), com o povo rodeando aqueles homens sempre atentos à sua curiosidade, sempre com o sorriso iluminando as faces.

A parte mais representativa hospedou-se no Edifício Prelazia, onde se realizou um banquete oficial. Os demais foram alojados nos hotéis da cidade, o "Progresso" e o "Internacional".

Naquele tempo, dadas às deficiências do lugar, em matéria de hospedagem, quando se devia receber pessoas ilustres, havia uma verdadeira "conjugação de esforços" no sentido de se oferecer condigna hospitalidade. Cada qual contribuía com a sua parcela de serviço, isento de quaisquer pretensão ou preconceito, visando tão somente o êxito de uma justa recepção. Lembro-me que, para garantir um perfeito cardápio, a supervisão da cozinha esteve a cargo de dona Carolina Engel, perita na arte culinária, e todo o serviço de adorno eram objetos cedidos por empréstimos...

Na sequência do programa de festejos, onde se incluíram visitas aos locais de atração turística, uma churrascada popular, lá no bosque do "ABC". O Oeste Paraná Clube figurou com o grande baile comemorativo. Nessa ocasião houve a cerimônia da entrega das medalhas que condecoraram aqueles bravos homens, cunhados em pratas, tenho como emblema, uma esquadrilha de 7 aviõezinhos sobrevoando grande queda d' água. No reverso gravavou-se seguinte inscrição: "Homenagem aos Aviadores do 5º REG. AV. Heróis anônimos do progresso de Foz do Iguaçu. A sua população agradece". Em 3-10-1936.

Uma comissão de moças da sociedade, que se intitulavam "Madrinhas", foi designada para no ato, prender as respectivas insígnias. E assim, a Nena, a Irmã, a Layde, a Maria, a Arethusa, a Lucilla, a Amélia, dignamente cumpriram uma honrosa missão. Lembro-me de que o meu "afilhado" foi o capitão Osvaldo Lima; que o belo e saboroso bolo comemorativo, foi uma primorosa obra de sua doadora, a Irma, artisticamente confeitado e apresentava um "Campo de Aviação", com o seu *hangar* e um determinado número de aviõezinhos pousados na pista, havendo peculiaridade até nas cores.

No terceiro dia da visita deu-se o retorno da ilustre comitiva num concorridíssimo "bota-fora", como expressão de saudosa despedida de toda a população. Naquele momento nossa gente foi brindada com um espetáculo nunca visto: as apresentações de vôos acrobáticos por gentilezas do comandante. Todo o mundo se alvoroçou esperando assistir as façanhas do Mello " Maluco", mas, o seu comandante não autorizou, receando os abusos de sua grande perícia...Um tanto decepcionado no princípio, logo o povo se viu fascinado pela brilhante execução daqueles destemidos artistas do ar, exibindo toda modalidade de vôos, num verdadeiro "show" aéreo! Depois, um a um foi decolando, sob os acenos calorosos da multidão e, em formação simétrica, numa per-

feita coordenação de vôo, iam sumindo de vista e deixando um rastro de grande saudade e, na memória, a fixação das belas cenas presenciadas.

Aos poucos se foi alargando a via aérea quando, lá por 1938, a *Pan-American* estabeleceu uma linha internacional entre Rio – Assunção – Bueno Aires, ida e volta, com pouso em Foz do Iguaçu, uma vez por semana, onde se efetuava o desembarque oficial. Naquele tempo a “estação de passageiros” se instalava sob barracas, na cabeceira da pista (próximo ao *hangar*) e, no mesmo local, o despacho das autoridades competentes.

Logo aquele ponto tornou-se um centro de atração, onde a gente ia recrear a vista observando as pessoas em trânsito, de aspectos interessantes, característicos de cada país, inclusive artistas de cinema e teatro. Lembro-me de Henry Fonda Moore, do astro-cantor Mojica, de Walt Disney distribuindo autógrafos, alguns ilustrados com a famosa figurinha do “*Mike*” traçados no momento, e muitas outras personalidades de projeção nacional e internacional, daquela época. Ora, um Leônidas, fulgurante astro do futebol brasileiro, ora uma notável cantora, como Bidu Sayão...

Causou espécie quando, em objeto de estudos do campo de pouso local, a *Pan-American* enviou um hidroavião. O aparelho ‘aquatizou’ no Rio Paraná e, sobre os flutuadores, atracou ali no porto oficial. Isto despertou a curiosidade do povo que transformou em romaria aquele local visitando a estranha aeronave aquática...

Depois a *Panair* do Brasil, o ramo nacional da *Pan-American*, visando atendimento ao turismo, inaugurou uma linha entre São Paulo- Assunção, com escala em Curitiba e Foz do Iguaçu, cujas viagens semanais foram se redobrando à medida em que o momento crescia. Não há dúvida que esse empreendimento trouxe também grande benefício para Foz do Iguaçu, principalmente em relação ao transporte, quando se extinguiu a navegação fluvial e a estrada era “uma obra de Santa Eufácia”...

Quando o Governo federal começou a lançar os olhos para esta região, achando que era tempo de se pôr a descoberta o que o Brasil possuía de belo e de rico neste recanto longínquo e quase inacessível, a primeira providência foi a de se construir uma estrada, uma Estação Aeroviária e criar um Parque Nacional. Apesar da morosidade das outras grandes obras, o aeroporto se estabeleceu na ordem prioritária, e em 1942, inaugurava-se com toda a majestade de uma obra ímpar.

Ninguém pode negar quão bela se apresentava a Estação Aeroviária de Foz do Iguaçu destacando-se entre as outras do Estado, inclusive a da capital, pelas suas linhas de puro estilo colonial, o perfeito acabamento interno e externo, completado pelo mobiliário que decorava o amplo salão de espera.

Afigurava-se a um palácio encantado, surgindo à vista do viajante do ar, como oásica miragem, após

uma longa travessia sobre o deserto verde da mata. Agora já não se acredita, ao ver aquele nobre edifício esmaecendo no acaso de uma época de esplendor que, pela sua forma arquitetônica, tanto se distinguiu aos olhos de todo mundo.

Eu penso: “Por que entregar à ação devastadora do abandono uma obra de tanto valor quando oferece aproveitamento útil, além de preservar um próprio nacional? E aquele vasto campo, aquele prado ideal para tantos aficionados transformarem num centro esportivo e recreativo, como atração turística ? ...”

Bem, voltemos aos velhos tempos....

Um dia lá pelo ano 1946, findaram um Aeroclube, adquirindo logo um precioso “Paulistinha”, tão frágil que parecia uma casca de noz flutuando no ar, naqueles vôos que todos nós experimentamos. A iniciativa devia-se a um médico- militar (infelizmente, não me recordo o nome...), piloto amador que lhe servia de instrutor. No entusiasmo do momento muitos se inscreveram para a aprendizagem, mas, transferido o elemento incentivador frustrou-se o plano. E o pobre “Paulistinha” ficou abandonado até se destroçar, um dia, em consequência de um vendaval que destelhou o velho *hangar* e fez o mimoso “pássaro azul” rodopiar no campo, como uma folha de papel...

Nada prestou tantos serviços à população desta região como aqueles aviões-transporte da FAB, remanescentes da grande guerra - os Douglas DC3 e DC4 - tão bem aproveitados no serviço do Correio Aéreo Militar (CAM), em substituição aos primeiros e já absolutos aparelhos do Correio Aéreo Militar. Em viagens regulares, semanalmente, iam exercendo os encargos de correio e conduzindo gratuitamente a quem quer fosse, desde que preenchesse a cota de transporte, calculada por peso, e concedida à FAB, ao Batalhão, ao Parque Nacional e a outros.

Eram duas horas de vôo direto e seguro sob o pulso dos hábeis pilotos da FAB, em verdade, não ofereciam grande conforto aquelas naves, com seus bancos laterais sem estofamento, incômodos mesmo, nas quais a gente afirmava com o cinto de segurança, aguardando impaciente, as intermináveis duas horas de vida suspensa... Sim, apesar dos vôos serenos enfrentados com chuva ou céu límpido, nunca me senti à vontade - como não me sentiria jamais! - no bojo de um avião; nunca posso afastar da minha mente o espectro do perigo se não sentir o apoio da terra firme...

Aos poucos aqueles barcos “salva-vidas”, em ações de providência em favor de quem quer fosse e em qualquer circunstância, também se foram extinguindo e passando para a arca das imorredouras lembranças, já inscritos no “Quadro de Honra dos Benfeitores Anônimos”, como bravos operários da grande obra de desenvolvimento desta florescente região!

Causou espécie quando, em objeto de estudos do campo de pouso local, a *Pan-American* enviou um hidroavião. O aparelho ‘aquatizou’ no Rio Paraná e, sobre os flutuadores, atracou ali no porto oficial.

Nada prestou tantos serviços à população desta região como aqueles aviões-transporte da F.A .B, remanescentes da grande guerra - os Douglas DC3 e DC4 - tão bem aproveitados no serviço do correio Aéreo Militar (C.A . N.)

Otília Schimmelpfeng - texto publicado originalmente no livro “**Retrospectos Iguaçuenses - Narrativas históricas de Foz do Iguaçu**” de 1991 pela Tezza Editores.



"A comissão constatou, então, que além dos índios; paraguaios e argentinos buscavam a região para colher a erva-mate"

Rastros da minha identidade

por Zé Beto Maciel

"Sargento do Exército, José Maria de Brito participou da expedição que abriu uma picada de Guarapuava até Foz do Iguaçu e instalou uma Colônia Militar em 23 de novembro de 1889"

Acabei de ler um livro de 25 páginas que reforçou em mim o amor que tenho por Foz do Iguaçu, principalmente por sua beleza incomparável e pela indiarada nascida por essas bandas.

Descoberta de Foz do Iguaçu e Fundação da Colônia Militar, foi escrito por José Maria de Brito - hoje nome de avenida - em 1938. O livro é raro. Há um exemplar com a família Samek e outro na Biblioteca Pública do Paraná. O que li, na verdade, é uma reprodução que foi publicada no Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, volume 32, das páginas 45 a 72, de 1977.

Eu vinha procurando esse livro há tempos. Na tese da historiadora Elaine Pereira Rocha - **Avá-Guarani...Presente!!!** - publicada em 1991, a obra de Maria de Brito é mencionada na bibliografia e serviu de consulta para reforçar o argumento de Elaine de que o que mais se tinha nessa região eram muitos índios, fauna e flora exuberantes.

O Perce Lima em seu livro **'Foz do Iguaçu e Sua História'**, escreve sobre a importância do livro de José Maria de Brito para se resgatar a história de Foz do Iguaçu e para entendermos quem somos e porque somos desta maneira.

Mais uma vez fui atrás do livro, só que com mais em-

penho. Liguei para a Biblioteca Pública de Curitiba e soube que o registro do seu acervo estava para consulta na **internet** - bendita rede mundial de computadores!

No sistema de busca da biblioteca - www.parana.gov.br/bpp - digitei Foz do Iguaçu e não veio nada. O mesmo fiz com José Maria de Brito e o extenso título de seu livro. Também nada.

Liguei novamente para a biblioteca e conversei com Elizabeth Sillos, da Seção de Pesquisa Bibliográficas - que me enviou pelo correio, uma cópia **xerox** da reprodução publicada no boletim do Instituto Histórico Paranaense.

Recebi a cópia e a li rapidinho, coisa de uma hora, e fiquei maravilhado, guardadas as proporções devidas. O livro traz uma pequena biografia de José Maria de Brito.

Sargento do Exército, Maria de Brito participou da expedição que abriu uma picada de Guarapuava até Foz do Iguaçu e instalou uma Colônia Militar em 23 de novembro de 1889.

Na região, o sargento Maria de Brito foi de tudo: almorixe, 'pacificador' dos índios, casou-se ainda com uma índia e formou família. "Exerceu vários cargos públicos, tendo sido nos últimos anos professor público rural em Foz do Iguaçu", conta sua biografia.

"Exonerado violentamente desse cargo quando já a idade e a saúde não lhe permitiam trabalhar em outros mistérios, encontra-se hoje o veterano descobridor e fundador de Foz do Iguaçu, privado dos mais indispensáveis recursos para sua subsistência".

O livro de José Maria de Brito tem a biografia, uma introdução e três capítulos. O primeiro, de interessante, Maria de Brito contextualiza o processo histórico que o país viveu no final do Império e o começo da República - entre 1880 até 1889 - e as propostas da descoberta da "Fóz do Iguaçu".

Os revezes do vai-não-vai para se formar uma expedição até a foz do Rio Iguaçu, Maria de Brito culpa o ministro da Guerra, conselheiro Alfredo Chaves e chefe do Gabinete Ministerial, Barão de Cotegipe.

Maria de Brito escreve sobre a importância do Exército e de figuras como as do Marechal Deodoro da Fonseca, Benjamin Constant, Jayme Benevolo, Menna Barretto, Sebastião Bandeira - republicanos e abolicionistas como Luiz Gama, José do Patrocínio, Quintino Bocayuva e Aristides Lobo.

Caiu o ministro, se formou um novo Ministério com Thomaz José Coelho de Almeida à frente e num dos seus primeiros atos criou uma comissão, em 1888, que tinha a seguinte missão:

"Continuar a estrada de rodagem que parte da cidade de Porto União para a de Palmas; ligar aquela cidade à de Guarapuava; abrir uma estrada que partindo desta atinge o Rio do Cobre; seguir por este abaixo até sua confluência com o Pequery; por este abaixo até sua foz no Rio Paraná; atravessar este com o fim de ligar o Estado do Paraná ao Mato Grosso; construir estradas estratégicas naquele Estado; descobrir a foz do Iguaçu, fundar uma Colônia Militar na mesma foz".

A comissão foi chefiada pelo então capitão Belarmino Augusto de Mendonça Lobo e dentre os 14 oficiais, o segundo-tenente era José Joaquim Firmino. Mendonça e Firmino eram engenheiros militares. A empreita começou no dia 25 de novembro de 1888.

"Os meses de abril e maio quase não foi possível trabalhar, devido às constantes chuvas; em consequência deste fato, os rios encheram-se desmesuradamente. Das primeiras sete léguas de picada por diante, apareceram vestígios de índios selvagens, fato que ocasionou ter sido o explorador abandonado por alguns operários da turma e o descontentamento no ânimo dos que ficaram, sendo necessário ao tenente Firmino, usar de sagacidade e desenvolver muita habilidade para levantar o ânimo dos seus homens, que viam índios em todos os sítios. Além disso o terreno acidentadíssimo; o ataque de tigres que rondavam e investiam contra o pessoal da turma e os animais pertencentes à mesma a ponto de devorar alguns destes. A travessia de rios caudalosos (em número de 16) não impediu o tenente Firmino de marchar".

"Apesar de todos os contratemplos, a turma exploradora atingiu seu objetivo, isto é, a foz do Iguaçu, no dia 15 de julho de 1889 aos sete meses e 20 dias de trabalho. A picada tinha 38,892 léguas de extensão e largura de três metros. A verdadeira extensão da Estrada a contar da Guarapuava a foz do Iguaçu é de 59,892 léguas".

Os dois trechos do segundo capítulo do livro de Maria de Brito, escrito num português corretíssimo dos anos 30, revelam a aventura de abrir essa picada de 120 quilômetros, o encontro com os índios e uma surpresa

depois da travessia do Rio Henrique Dias.

"Óia uma picada aqui!". "Uma picada aqui e rastro de mula de ontem, mais ou menos!", gritou o primeiro picador ao tenente Firmino. A comissão constatou, então, que além dos índios; paraguaios e argentinos buscavam a região para colher a erva-mate.

Desde então, a historiografia oficial repete aquilo que José Maria de Brito escreveu em 1938: "Por ocasião da descoberta de Foz do Iguaçu, o território brasileiro já era habitado. Existiam no mesmo, 324 almas assim descritas: brasileiros, nove; franceses, cinco; espanhóis, dois; argentinos, 95; paraguaios, 212; e ingleses, um."

No terceiro capítulo, Maria de Brito trata da fundação da Colônia Militar e narra uma segunda comissão, da qual desta, o sargento do Exército faz parte. A expedição saiu em 13 de setembro de 1889 de Guarapuava e chegou em Foz no dia 22 de novembro daquele mesmo ano.

Maria de Brito reafirma em seu livro, duas polêmicas que deviam perdurar naquela época: a data de instalação da Colônia, que alguns apontavam o ano de 1888 e a localização do centro de Foz - a quatro quilômetros da foz do rio, o que hoje é mais ou menos perto do Colégio Agrícola ou próximo ao Rio Boicy.

No local onde foi instalada a Colônia já moravam os casais Izaías Penna (brasileiro) e Joanna Roza (uruguaia) e Feliciano D'Araújo (brasileiro) e Andréa Vera (paraguai). Joanna Roza era parteira e curandeira. Foi ela quem tirou o berne que estava alojado na narina do tenente Baptista Júnior.

No livro de Maria de Brito sabemos que Cataratas eram também chamadas as Sete Quedas de Guairá, e as Cataratas do Iguaçu eram chamadas de Saltos de Santa Maria.

José Maria de Brito se mostra um amante da natureza, dos índios e de Foz do Iguaçu. Em sua narrativa fica evidente esse mais do que apreço. É um livro que não dá para não ler para quem quer conhecer a história de Foz. A Aculfi deveria editá-lo novamente para interesse da cultura de Foz do Iguaçu.



Família Jeff Kerpan e Júlia Kerpan

"A comissão foi chefiada pelo então capitão Belarmino Augusto de Mendonça Lobo e dentre os 14 oficiais, o segundo-tenente era José Joaquim Firmino. Mendonça e Firmino eram engenheiros militares. A empreita começou no dia 25 de novembro de 1889"

Zé Beto Maciel é jornalista e iguaçuense - artigo já publicado na última edição da revista da Aculfi

Foz quer telecentro de inclusão social

por Ernesto Kramer

De todas as desigualdades existentes, nenhuma cresce tanto quanto a do acesso à informação. Alguns segmentos da sociedade podem ficar excluídos de vez. A computação e a informação, são cada vez mais essenciais em nossas vidas e profissões.

O alto preço de *hard e softwares*, o custo dos estudos na área de informática, marginalizam pessoas, grupos sociais, empresas e até países. Sem recursos, fica impossível o acesso a computadores, programas e estudos necessários.

A democratização das oportunidades de acesso às novas tecnologias é a chave para o desenvolvimento de uma comunidade. A partir do momento em que se democratiza o acesso à mídia, há uma necessidade maior de contadores de histórias, produtores de imagens, diretores de arte, técnicos de informática, etc. Isto gera enormes possibilidades de trabalho às pessoas conectadas.

Circula em Foz do Iguaçu, uma proposta de se criar uma entidade com condições para atender a pessoas e organizações que estejam marginalizados no processo de evolução tecnológica e da comunicação, por motivos econômicos. Ela deve desenvolver ações nos campos da informática e da cultura, com ênfase na formação das pessoas. Deve prover às pessoas que fazem parte das comunidades de baixo poder aquisitivo e/ou com necessidades especiais, o acesso às tecnologias e ao uso da informática.

As atividades promovidas devem ajudar alunos e usuários a se conscientizarem sobre a realidade em que vivem, estimulando-os a refletir criticamente sobre as suas necessidades e suas lutas pelo direito à cidadania. Pessoas das próprias comunidades vizinhas aos locais onde serão instalados esses espaços - chamados de "centros de comunicação comunitária ou telecentros" - podem ser capacitadas e empregadas como instrutores, técnicos e outros serviços.

Jovens formados na entidade podem realizar algumas atividades produtivas na oficina técnica, com publicações diversas, serviços gráficos em geral e nos serviços relacionados à *internet*.

A região de Porto Meira é considerada como a ideal para o estabelecimento desses tipos de centros. Além de a entidade ajudar na profissionalização de jovens carentes, também pode colocar a serviço de organizações populares uma estrutura de comunicação moderna e atualizada, com custos condizentes às condições financeiras de cada uma.

É necessário um apoio para que um projeto de demo-

cratização da informática seja bem-sucedido. Campanhas de coleta de equipamentos, treinamento para futuros instrutores, trabalho técnico de instalação e manutenção de computadores, precisam da participação de voluntários. É fundamental a participação da iniciativa privada, tanto como a do poder público, na realização de um projeto desta natureza. A cooperação social pode contribuir na solução do problema. O lucro social é grande e não deixará de ser sentido.



Telecentros podem funcionar nos bairros periféricos

Soluções nos EUA e no Reino Unido

O governo britânico implantou um projeto que, aqui para nós, parece incrível. Repartiu 500 mil computadores de baixo custo, ligados à Internet, a pessoas sem recursos, com o fim de não permitir que fiquem à margem do progresso.

O maior argumento exposto para justificar a ação, foi que a marginalização informática de uma parte da população é causa de atraso para o país como um todo.

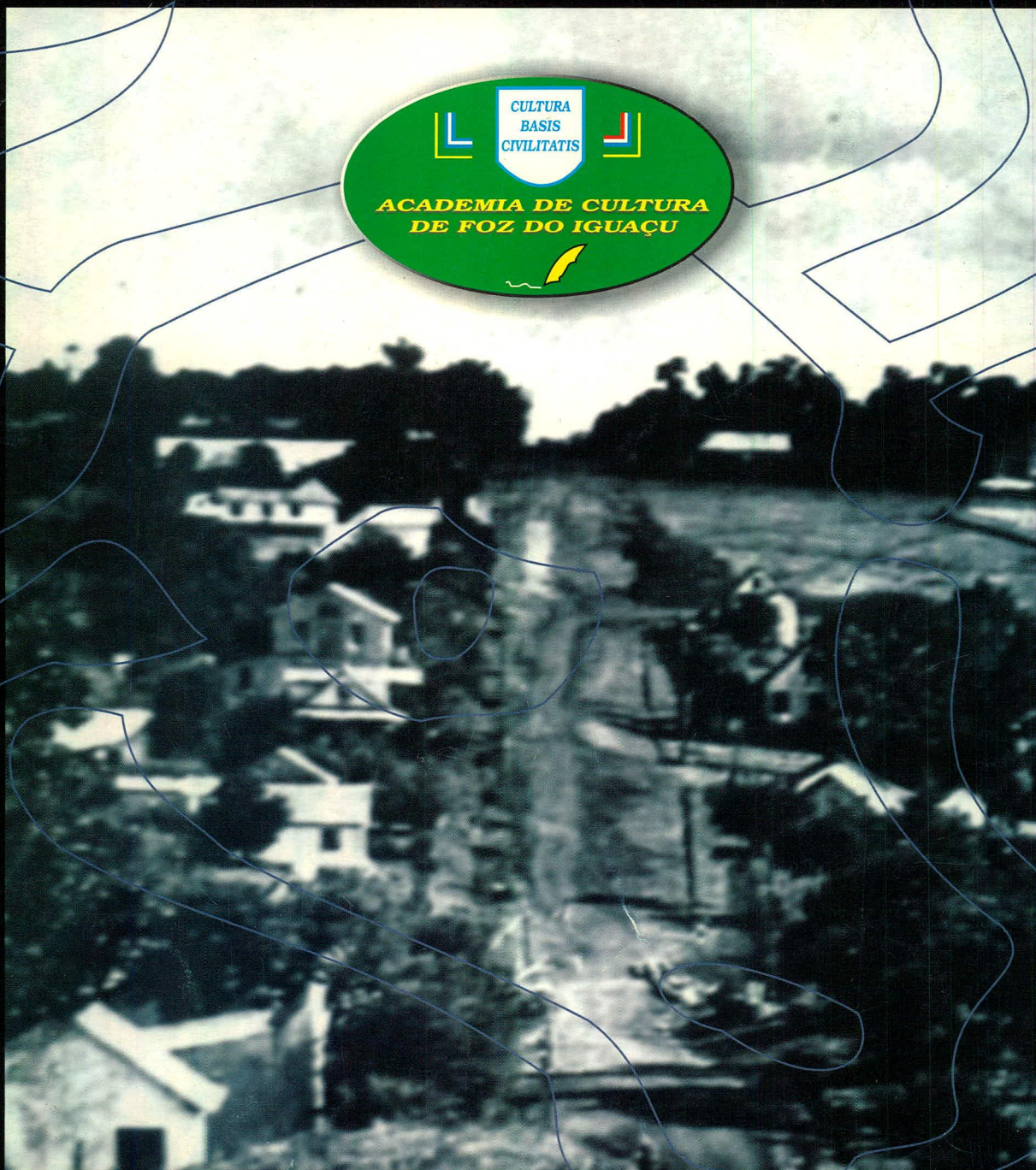
O mesmo projeto foi desenvolvido pelo governo norte-americano. Lá nos EUA, os computadores foram entregues às crianças que moram na periferia. Seus pais foram responsabilizados pela manutenção e cuidados com os computadores. O resultado do projeto foi elogiado pela Unesco porque possibilitou a chamada inclusão digital.

E por aqui, será que vamos ficar sentados esperando que a Provopar coloque um K6II na cesta básica?

Ernesto Kramer é escritor, argentino de nascimento e chileno de coração

"A democratização das oportunidades de acesso às novas tecnologias é a chave para o desenvolvimento de uma comunidade"

"Jovens formados na entidade podem realizar algumas atividades produtivas em oficinas técnicas, com publicações diversas e serviços gráficos"



APOIO:



Agência Municipal de Notícias
www.fozdoiguacu.pr.gov.br/noticias



Documenta
 informação e pesquisa

JORNAL DO IGUAÇU
 INFORMAÇÃO INDEPENDENTE